



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E
ESPECIALIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

GABRIELE LESSA DE ARAÚJO

NOVOS ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS: AS TECNOLOGIAS
DIGITAIS COMO INSTRUMENTOS PROPULSORES DO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NO SÉCULO XXI.

FORTALEZA - CEARÁ

2024

GABRIELE LESSA DE ARAÚJO

NOVOS ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS: AS TECNOLOGIAS
DIGITAIS COMO INSTRUMENTOS PROPULSORES DO ENSINO-APRENDIZAGEM
DE HISTÓRIA NO SÉCULO XXI.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História, do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História, Culturas e Espacialidades.

Orientadora: Prof^a. Dra. Silvia M. A. Siqueira

FORTALEZA – CEARÁ

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo SidUECE, mediante os dados fornecidos pelo(a)

Araújo, Gabriele Lessa de.

Novos espaços e experiências historiográficas: as tecnologias digitais como instrumentos propulsores do ensino-aprendizagem de História no Século XXI [recurso eletrônico] / Gabriele Lessa de Araújo. – 2024.
135 f. : il.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em História, Fortaleza, 2024.

Área de Concentração: História, Culturas e Espacialidades.

Orientação: Prof^a. Dra. Silvia M. A. Siqueira.

1. Novos espaços. 2. Historiografia. 3. Ferramentas tecnológicas.
4. Ensino de História. I. Título.

GABRIELE LESSA DE ARAÚJO

NOVOS ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS: AS TECNOLOGIAS
DIGITAIS COMO INSTRUMENTOS PROPULSORES DO ENSINO-APRENDIZAGEM
DE HISTÓRIA NO SÉCULO XXI.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História, do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História, Culturas e Espacialidades.

Aprovado em: 15 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



SILVIA MARCIA ALVES SIQUEIRA

Data: 15/04/2024 16:58:54-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof^a. Dra. Silvia M. A. Siqueira (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Documento assinado digitalmente



FRANCISCO EGBERTO DE MELO

Data: 16/04/2024 20:29:19-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Egberto de Melo

Universidade Regional do Cariri – URCA



VALERIA APARECIDA ALVES

Data: 15/04/2024 17:27:44-0300

Prof.^a Dra. Valéria Aparecida Alves

Universidade Estadual do Ceará – UECE

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por me proporcionar grandes conquistas e colocar em meu caminho pessoas tão especiais, como a minha orientadora professora Dra. Silvia Marcia Alves Siqueira, ser de luz em meio ao desenvolvimento da pesquisa, pessoa extremamente atenciosa e competente, suas orientações foram excepcionais, sem o seu apoio e confiança esta pesquisa não seria possível.

Agradeço às professoras Valéria Aparecida e Inez Beatriz e ao professor Gisafran Nazareno, por suas contribuições preciosas e imprescindíveis para o pensar do meu objeto e desenvolvimento da pesquisa.

A todos os colegas do mestrado, pela troca de conhecimentos e pelas discussões extremamente necessárias ao processo de formação e produção escrita.

Ao apoio dos colegas: Felipe, Lúcio, Socorro, Diva e Lireda, com os quais estou sempre trocando ideias, tirando dúvidas e tenho certeza de que não medem esforços em me auxiliar sempre que preciso.

Aos meus pais, Antônio Fábio e Ivanice Lessa, por sempre acreditarem na capacidade de realização dos meus sonhos mais do que eu, e que mesmo sem se darem conta me ajudam muito com palavras de apoio e incentivo nos momentos mais difíceis.

Obrigada a todos e a todas!

A minha mãe, que é meu porto seguro, é com ela que compartilho as minhas alegrias e tristezas, é quem me ensina a ser forte todos os dias e me faz compreender que posso muito mais do que imagino.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar uma análise reflexiva acerca dos novos espaços e novas experiências historiográficas, bem como sobre o uso de tecnologias digitais como instrumentos propulsores do ensino-aprendizagem de História no século XXI, discorrendo sobre sua relevância no meio educacional, as possíveis estratégias para superação de problemas e a integração dessas ferramentas como instrumentos metodológicos capazes de tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, partindo do pressuposto que o conhecimento aprofundado acerca do uso de tecnologias e dos novos espaços de produção historiográfica constitui-se em dispositivo estratégico para contribuições relevantes no que se refere a função social dos professores de História na construção de uma sociedade crítica, participativa, e acima de tudo ética. Compreender o avanço da tecnologia, as transformações sociais e todos os mecanismos teóricos envolvidos para então utilizar a linguagem de forma prática, desenvolvendo atividades que capacite o aluno com habilidades relacionadas a análise investigativa e conhecimentos acerca do processo de elaboração da mídia para que este também venha a utilizá-la de maneira analítica e consistente é fundamental. O objeto não é um produto, porém tem impacto direto sobre o ensino e objetiva estreitar os laços entre teoria e prática, a pesquisa é um estímulo em que o propósito maior é integrá-la à experiência para a construção do conhecimento crítico e esclarecedor.

Palavras-chave: novos espaços; historiografia; ferramentas tecnológicas; ensino de História.

ABSTRACT

This research aims to present a reflexive analysis about the new spaces and new historiographical experiences, as well as about the use of digital technologies as driving instruments for the History teaching and learning in the XXI century, discussing their relevance in the educational environment, the possible strategies for overcoming problems and the integration of these tools as methodological instruments capable of making more dynamic and interactive classes. Based on the assumption that in-depth knowledge about the use of technologies and new spaces of historiographical production constitutes a strategic device for relevant contributions regarding the social function of History teachers in the construction of a critical, participatory and, above all, ethical society. Understanding the advancement of technology, social transformations and all the theoretical mechanisms involved in order to use language in a practical way, developing activities that enable the student with skills related to investigative analysis and knowledge about the media elaboration process so that the student can also use it in an analytical and consistent way is fundamental. The object is not a product, but it has a direct impact on teaching and aims to strengthen the ties between theory and practice, research is a stimulus in which the main purpose is to integrate it with experience for the construction of critical and enlightening knowledge.

Keywords: new spaces; historiography; technological tools; History teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sessão de abertura dos Estados Gerais, óleo sobre tela de 1839:	
Revolução Francesa	105
Figura 2 - A Tomada da Bastilha, 14 de julho de 1789: Revolução Francesa	106
Figura 3 - O adeus da família real, por Jean-Jacques Hauer (1794): Revolução Francesa.....	107
Figura 4 - Segundo questionamento sobre a Era Napoleônica.....	108
Figura 5 - Ilustração alusiva à Marcha sobre Versalhes, Museu Carnavalet, Paris. Quinto questionamento sobre a Era Napoleônica	108
Figura 6 - Pintura de Jean-Louis Ernest Meissonier mostrando a retirada das tropas napoleônicas da Rússia, sobre a Era Napoleônica	109
Figura 7 - Informações sobre a realização da atividade	110
Figura 8 - Modelo de card sobre conceitos: cartões	111
Figura 9 - Modelo de card sobre conceitos: combinar	112
Figura 10 - Modelo de card sobre conceitos: avaliar	112

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO, AS NOVAS EXPERIÊNCIAS E O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS	17
2.1	A sociedade atual e os novos espaços de produção historiográfica	19
2.2	O ensino de História em tempos de História Pública	28
2.3	Atuação docente no ensino de História e o desafio de ensinar	41
3	A EXPERIÊNCIA DE ENSINAR E APRENDER: PRÁTICAS E SABERES	53
3.1	A prática docente e os saberes experienciais	56
3.2	O papel do ensino de História e o uso de tecnologias	67
3.3	A experiência de ensinar e aprender: um caminho percorrido	79
4	AS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS COMO INSTRUMENTOS PROPULSORES DO ENSINO DE HISTÓRIA.....	90
4.1	Uso de tecnologia no ensino de História em formato híbrido.....	91
4.2	O uso de atividades com características gamificadas no ensino de História....	102
4.3	Estratégias de uso de tecnologias digitais no ensino de história como metodologia complementar.....	113
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
	REFERÊNCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

O despertar desta pesquisa e interesse pela temática surgiu através da minha experiência docente no contexto de pandemia. Foi um período de muita dificuldade em que tivemos que nos adaptar às circunstâncias e superar desafios, porém houve também bastante aprendizado. Com o passar da vivência, restou a sensação lacunar de que existe uma forte necessidade de ampliarmos a compreensão sobre tudo o que envolve tecnologias e mídias digitais no ensino, para que ocorra no mesmo sentido uma mediação de qualidade acerca das questões que são compartilhadas e debatidas todos os dias nos novos espaços interativos.

O interesse pela utilização de instrumentos digitais que possam auxiliar o processo de ensino-aprendizagem ampliando as possibilidades que proporcionam a compreensão dos fatos históricos parte de inquietações que foram despertadas sobretudo em período recente em que tivemos que nos apropriar do meio tecnológico para dar continuidade às nossas práticas. Neste sentido, a pesquisa traz reflexões sobre os espaços virtuais, as novas experiências, sobre como produzimos e consumimos conhecimento por meio do uso da tecnologia e, também, sobre a autoridade compartilhada em tempos de História Pública.

O presente trabalho foi desenvolvido com vistas a dialogar e refletir sobre questões que aproximam temas de grande relevância ao professor-historiador no que se refere ao uso de tecnologias como instrumento para o ensino de História na atualidade, levando a compreender como as ferramentas digitais podem auxiliar na construção de um conhecimento crítico e engajado. Costa (2021), em seu livro *Ensino de História e historiografia escolar digital*, desenvolve uma discussão muito interessante, que agrega bastante ao que se propõe nesta pesquisa quando faz uma análise da Base Nacional Comum Curricular para compreender a proposta de como as diferentes áreas devem abordar a tecnologia digital, considerando seus usos e linguagem para promover o ensino que contribua para a atuação em uma sociedade extremamente midiaticizada em que a História Pública ganha cada vez mais espaço.

Levar para a sala de aula questões que os alunos já alcançam de maneira independente, torna-se indispensável. “Isso é uma necessidade para a educação, não um luxo” (COSTA, 2021, p.46). Quando me refiro à necessidade de análise crítica acerca de tudo que se recebe é sobretudo porque não temos escolha entre ter o contato ou não com o que é veiculado todos os dias. É notável a dificuldade das pessoas em distinguir uma informação verídica de uma não verídica. Portanto, o cuidado com o uso das fontes e análise das mesmas deve ser despertado desde cedo, e o perfil crítico que será bastante mencionado ao longo do texto deve

ser instigado sempre. A criticidade refere-se a uma postura que faz parte da identidade profissional do historiador. Costa (2021) aponta o ensino de História como uma “arma de reflexão” e de fato o espírito questionador e investigativo é uma característica inerente ao ofício do historiador que deve ser explorada e desenvolvida nos alunos.

Por meio da análise reflexiva da própria prática pedagógica sobre o uso de ferramentas tecnológicas como instrumentos auxiliares no desenvolvimento de temas nas aulas de História e, sobretudo, através de pesquisa bibliográfica, buscamos autores que pensaram e produziram sobre a conjuntura que envolve ensino de História, História Pública, ferramentas tecnológicas e os novos espaços *on-line*, para dissertar sobre a temática para além do uso, propondo uma mediação que problematize diferentes situações a fim de oportunizar o entendimento dos assuntos e por meio dessa compreensão auxiliar na construção de uma consciência crítica capaz de realizar diferentes conexões com questões que permeiam a sociedade atual e que chegam até as pessoas por meio de diferentes veículos de comunicação.

Foi realizado um levantamento das ferramentas digitais que foram utilizadas para o desenvolvimento de aulas à distância no período da pandemia da covid 19, na vivência os conhecimentos adquiridos sobre o assunto foram mediados pelo coordenador pedagógico escolar. Ao longo da pesquisa, houve estudo detalhado para compreensão aprofundada sobre questões que embora não abordadas na íntegra foram necessárias para a atividade reflexiva sobre o tema.

Foram estudadas todas as possibilidades capazes de serem desenvolvidas na elaboração de uma atividade por meio das ferramentas selecionadas. As propostas metodológicas foram construídas após um longo amadurecimento de ideias. Os textos que foram munusiosamente selecionados como fontes se entrelaçam entre abordagens sobre as novas tecnologias, História Pública e os desafios de ensinar História no contexto atual, no objetivo de refletir sobre possibilidades do lugar do ensino de História nesse processo de interpretar e reinterpretar o mundo, para construção de novas explicações.

A metodologia adotada foi de análise documental de textos de autores que verificaram os resultados obtidos com o uso de ferramentas tecnológicas no ensino de maneira experimental. Essas abordagens contribuíram de maneira significativa para o embasamento teórico da seção final da pesquisa, quando são lançadas sugestões metodológicas para cada ferramenta apresentada no texto.

A pesquisa tem como questão norteadora discutir como os novos espaços e o uso de ferramentas digitais na perspectiva da história pública podem auxiliar os professores de História na execução de seus objetivos, e como esses professores podem trabalhar de maneira

dinâmica para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica e, acima de tudo, justa no combate a informações tendenciosas. O trabalho tem como objetivo geral problematizar o processo de ensino-aprendizagem com auxílio de tecnologias digitais, pensando não somente no uso prático, mas principalmente nas questões teóricas pertinentes ao processo de elaboração das mídias que podem ser exploradas através do ensino de história.

O estudo tem como objetivos específicos: analisar as transformações que ocorrem no mundo contemporâneo e como essas novas experiências influenciam o processo de ensino-aprendizagem; avaliar as nossas práticas em meio aos impactos das tecnologias; compreender os desafios do ensino de História na atualidade para a formação de uma consciência histórica com atuação também nos novos espaços virtuais; refletir sobre o que caracteriza a ação de um bom mediador na atualidade; e, por fim, caracterizar de forma sistematizada ações e logísticas de trabalho com alguns exemplos de ferramentas que foram apontados na última seção do texto.

Inicialmente a análise desenvolvida aborda sobre os principais fatores responsáveis por uma grande transformação no cenário dos historiadores destacando aspectos positivos e negativos diante da rápida difusão de ideias e informações, apontando o professor historiador como figura capaz de promover contribuições de grande relevância através do ensino, sobretudo no que se refere ao processo de construção de uma consciência crítica por meio de ações articuladas no sentido de promover o entendimento sobre questões atuais, análise do conhecimento que é divulgado e tomada de decisões responsáveis.

Para a construção do primeiro capítulo, referente à segunda seção na ordem apresentada neste trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica utilizando autores que desenvolveram ideias acerca das transformações contemporâneas, uso de ferramentas tecnológicas no ensino e os novos espaços de produção historiográfica. O desenvolvimento do texto apoia-se inicialmente nas ideias de Hartog (2013) para situar a pesquisa no tempo presente.

Fica claro que as ideias manifestadas ao longo do desenvolvimento do trabalho são questões do nosso tempo. O propósito do texto sinaliza neste início a necessidade de compreensão do mundo digital como fenômeno fundamental por fazer parte de forma intrínseca da sociedade atual e do contexto dos sujeitos referidos. Portanto, no tópico inicial as transformações e o uso da tecnologia são apresentadas como características sociais que precisam ser problematizadas pelos professores de História no ambiente escolar devido ao espaço que ocupam, suas possibilidades e potencialidades.

Na continuidade, são abordadas algumas considerações acerca da História Pública, utilizando principalmente as ideias de Hermeto e Ferreira (2021) com o objetivo de levar a reflexão sobre o entendimento da mídia enquanto processo no que se refere a sua capacidade potencializadora, os significados moldados e as contribuições possibilitadas quando utilizadas como ponte de conexão entre os historiadores e seus públicos.

O método comparativo é considerado auxiliar, sendo capaz de estabelecer conexões no intuito de resistir aos problemas gerados pelo compartilhamento de ideias distorcidas, finalizando com o sentido de história pública na sua totalidade, abordando questões acerca do processo de escolha ou produção da mídia e os significados que elas são capazes de carregar, transitando entre as ideias de representação, recepção e democratização da produção, apontando como tarefa desafiadora a importância da prática do ofício por parte do professor historiador de maneira viva e engajada como forma de combate a desinformação e versões falseadas. Ao final do primeiro capítulo, a pesquisa parte para a relação entre o uso de ferramentas e o ensino no propósito de pensar ações que serão aprofundadas posteriormente.

Na terceira seção, apresento meu relato de experiência no contexto em que tivemos que ministrar aulas à distância, destacando que as nossas práticas passam por processos de transformações, adaptações e melhorias ao longo do tempo. Na continuidade, o debate aborda sobre os saberes que são mobilizados para o exercício da prática docente, a fim de refletir sobre a função do magistério na atualidade em um cenário em que o conhecimento já não está mais restrito ao espaço escolar, dando ênfase para a importância do papel do ensino de História na formação da consciência crítica de indivíduos atuantes, traçando caminhos e ações capazes de contribuir positivamente.

Nesse sentido, torna-se importante analisar e dialogar sobre a composição do saber docente e quais ferramentas, tecnológicas ou não, os professores vêm utilizando para validar as suas perspectivas em sala de aula e principalmente refletir sobre os objetivos e qualidade dessa mediação. Assim, outro objetivo da pesquisa é despertar para a ação reflexiva sobre questões metodológicas, possibilitando através do relato de experiência relacionada ao uso de tecnologia no contexto de pandemia, o compartilhamento de práticas e algumas potencialidades das ferramentas utilizadas.

Cada etapa da produção deste trabalho parte da análise acerca da realidade social atual na qual estamos inseridos e de inquietações que, embora em diferentes contextos, sempre existiram. Práticas exitosas realizadas no contexto epidemiológico serviu como estímulo à busca pelo desenvolvimento de um trabalho que possa ser verdadeiramente

significativo usando as tecnologias digitais, e por se tratar de uma pesquisa, ecoará para o campo ao qual se dedica para que outros professores historiadores possam pensar acerca de suas práticas mediante às demandas apresentadas em consequência do processo de transformações pelo qual passa a sociedade.

De modo geral, o presente trabalho aponta argumentos que justificam a necessidade da utilização crítica das mídias nas escolas no objetivo de desconstruir a ideia de aceitação das diferentes produções sem uma problematização que desenvolva sentido. Para Costa (2021) e em total acordo com o autor, o professor tem papel crucial no que se propõe no desenvolvimento deste trabalho:

[...] o diálogo que a aprendizagem escolar vai permitir realizar a partir da multiplicidade de informações acessadas digitalmente dependerá da qualidade da relação que se estabelecerá entre alunos (e suas demandas), docente (e seus saberes – experienciais e formativos) e cultura escolar (COSTA, 2021, p.15).

Costa (2021) faz considerações pertinentes que contribuem com as intencionalidades e aspectos gerais do que foi desenvolvido nesta pesquisa, a iniciar por uma narrativa que parte da experiência contemplando o professor historiador e principalmente pela ideia de que a cultura escolar necessita abraçar a tecnologia por questões próprias da atualidade. No prefácio de sua obra, há um comparativo em nível de igualdade entre a complexidade que constitui a prática e a impossibilidade de não sofrer os efeitos sociais do mundo digital, chamando a atenção para um convite do tempo presente, ou seja, o contato com a tecnologia atualmente mostra-se inevitável, de modo que se não houver uma intervenção eficaz, esses efeitos serão os menos favoráveis possíveis. Essa mediação pode ser desempenhada através do ensino, seja em sala de aula ou em espaços on-line.

Na última seção da dissertação, são lançadas propostas de sequências didáticas utilizando alguns mecanismos e ferramentas digitais, em que o propósito é exatamente estreitar essa relação que abrange: história pública, conhecimento histórico, ferramentas digitais, conhecimento sobre as mídias, os mecanismos práticos e principalmente teóricos que envolvem a sua produção, o potencial que elas têm, e como podem ser utilizadas como instrumentos propulsores do conhecimento no ensino de História. Fica explícita a ideia de analisar a tecnologia para além do domínio dos recursos técnicos.

Cada vez mais tomamos conhecimento do desenvolvimento de práticas inovadoras por professores de escolas públicas. Nos debates e reuniões, são muitas as narrativas de experiências e produções no intuito de melhorar e ampliar as possibilidades metodológicas. Em pesquisa sobre o uso de ferramentas digitais no ensino, é possível dialogar

com um vasto acervo atualizado. Fomentar uma troca de conhecimentos engajada, crítica e dinâmica que de fato motive o público a participar, é de extrema relevância; a integração acerca da cultura de uma geração digital em que a conexão, o celular e as ferramentas digitais são questões intrínsecas em suas vivências, torna-se cada vez mais necessária. A recíproca de um ensino vivo é instantânea. O professor nota o envolvimento do aluno quando o conteúdo é significativo.

A perspectiva deste estudo é otimista. Apesar de reconhecer todos os problemas estruturais, aponta caminhos mais fluidos, considerando inicialmente as novas demandas e novos espaços, apresentando uma investigação que é acima de tudo embasada na própria prática, buscando compreender como a temática vem sendo discutida e desenvolvida, pensando principalmente sobre como pode ser melhorada, finalizando com possibilidades de utilização de ferramentas digitais no ensino, depositando todas as perspectivas na ação do sujeito que irá mediar o processo, deixando de lado a associação da tecnologia somente à materialidade. O objetivo principal vai além da aproximação e desenvolvimento de novas práticas, embora o interesse por incorporá-las seja necessário, afinal não é possível compreendê-las sem utilizá-las. A intenção é acima de tudo refletir sobre a mediação de um ensino crítico acerca do processo e dos mecanismos envolvidos para que a construção do conhecimento ocorra de maneira significativa, formando um público analítico e investigador em relação a tudo que o alcança.

Costa (2021) analisa como a cultura digital foi incorporada no campo das pesquisas dos professores mestrados e discorre sobre a relevância da concretude ao dar ênfase ao tipo de produção que contempla o próprio autor na sua prática, bem como outros indivíduos da mesma área a partir do compartilhamento da pesquisa. É engrandecedor pensar e produzir sobre ideias capazes de auxiliar no desenvolvimento de ações que possam contribuir verdadeiramente no dia a dia. A escolha da temática parte da experiência em um contexto atual e caminha justificando a sua importância não só no que diz respeito à prática mas também sobre diferentes abordagens e a problematização de questões relacionadas ao processo de elaboração e circulação de informações, através do diálogo com autores que exploraram os impactos da utilização e o valor do desenvolvimento da criticidade para a construção da consciência histórica.

Pensar nas possibilidades que envolvem a historiografia escolar digital é analisar o modo pelo qual se dá a sua apropriação pedagógica (COSTA, 2021). Defender um conhecimento aprofundado acerca dos novos espaços e uso de ferramentas digitais como instrumentos propulsores do ensino de História, é dialogar com o tempo presente e as

inovações decorrentes, é inovar em prol de uma aprendizagem significativa para ambos os envolvidos no processo, é buscar respostas sobre como lidar com as transformações que estamos vivendo. Talvez seja esse o verdadeiro sentido de um ensino de História vivo e engajado.

2 AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO, AS NOVAS EXPERIÊNCIAS E O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Analisar e compreender as transformações que ocorrem no mundo contemporâneo, com ênfase na história pública e tudo que envolve este campo, vem se mostrando fundamental, visto que engloba aspectos que afetam diretamente a sociedade do contexto da virtualidade e servem como base de sustentação para determinar a tomada de decisões no âmbito social. Segundo Hermeto e Ferreira (2021), a *internet* trouxe mais possibilidades de comunicação e acesso às informações. O conhecimento aprofundado acerca do uso de tecnologias e os novos espaços de produção historiográfica são necessários para contribuições relevantes no que se refere ao papel da escola e à função social dos professores de História na construção de uma sociedade crítica, participativa e, acima de tudo, ética.

A presente abordagem entrelaça conhecimento histórico, História Pública e uso de tecnologias. É um convite para avaliarmos as nossas práticas em meio ao impacto das tecnologias no ensino e nas questões que envolvem a sociedade de modo geral, reconhece a importância do estudo esclarecedor acerca dos mecanismos que envolvem as ferramentas digitais como vertente capaz de servir como suporte para impulsionar o conhecimento histórico. O processo de globalização vem integrando e transformando as sociedades ao passo que o ensino ainda não consegue acompanhar os novos desdobramentos. No entanto, a discussão não pretende somente despertar o interesse para o desenvolvimento de práticas inovadoras, mas esboçar uma análise reflexiva aprofundada levando a compreender que não é o simples uso sem consistência em se tratando de praticidade que irá atender às demandas sociais, mas o mergulho nos mecanismos que envolvem a sua produção.

Chartier (2002) dialoga sobre as representações que permeiam o mundo social nessa perspectiva e aponta a importância da análise reflexiva acerca de questões implícitas ao olhar, afirma também que o conteúdo veiculado é sempre arquitetado intencionalmente por aqueles que o preparam. Compreender essa relação é essencial para todos os envolvidos no processo. “Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos os desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 2002, p. 17), levando a entender que as produções e percepções nunca são neutras, são repletas de interesses, estratégias e autoridade, que são impostas para que as coisas caminhem da maneira como aqueles que as produzem gostariam que fossem.

Debruçar-se sobre a História Pública e o uso de tecnologias explorando como objeto os símbolos que se encontram por trás das produções e dos atores sociais, confrontando as motivações envolvidas, faz parte das ações que podem ser manifestadas para um processo de compreensão da complexidade da mídia e dos novos espaços de sociabilidade na sua integralidade.

Numa perspectiva que busca analisar as relações substanciais que compõem as manifestações contemporâneas no que se refere ao uso das tecnologias digitais, o presente objeto visa evidenciar a relevância de compreender como todas essas questões afetam a sociedade de modo geral, e esclarecer que as redes de informações que chegam até nós pela impossibilidade de estarmos presentes em todos os acontecimentos são elaboradas obedecendo preferências selecionadas, tudo que é veiculado, seja nos jornais, televisão, rádio ou *internet*, tem um objetivo a ser posto em prática carregado de intencionalidades. Trata-se de uma relação complexa que envolve mídia e história pública. Mostra-se, portanto, evidente a necessidade de investigação e desenvolvimento de atividades que capacitem o leitor da sociedade atual para que este tenha consciência e sensibilidade em relação aos mecanismos que estão envolvidos no processo de elaboração da mídia e a utilize de maneira crítica e consistente.

No presente capítulo, os tópicos a seguir caminharão no sentido de dialogar com autores na tentativa de delinear uma compreensão para o campo da História Pública e analisar como o conhecimento vem sendo abordado na sociedade atual, considerando os novos espaços interativos e as diferentes formas de atuação. Como afirma Marc Bloch (2002), a História é uma ciência que estuda os homens no tempo. Nessa mesma linha de pensamento, podemos considerar o quanto as mudanças entendidas como alterações que acontecem ao longo da trajetória humana nas sociedades, modificam essa estrutura do ensino em relação aos métodos e principalmente objetivos, quando nos questionamos, por exemplo, sobre qual a finalidade das nossas práticas educativas e se estas de fato conseguem auxiliar o educando no pensar e no desenvolvimento de suas ações como sujeito na atualidade. A resposta positiva ou não depende muito do contexto.

As aulas de História durante muito tempo foram caracterizadas como momentos de aprendizagens voltados à memorização de feitos, datas e valorização de personagens considerados importantes pelo papel social que ocuparam. Chegamos em um momento que essa narrativa passou a ser considerada tradicional e não consegue mais atender às demandas e interesses da sociedade atual. Quando falamos no início do texto sobre mudanças, são essas transformações que foram despertadas em algum momento, trazendo a importância de

trabalhar com uma história mais próxima ao estudante, um ensino que contribua com a construção da consciência crítica trazendo para as discussões problemas atuais.

2.1 A sociedade atual e os novos espaços de produção historiográfica

Desde o advento da tecnologia, o desenrolar do processo do uso de novas técnicas, vem dando indícios de que esta é uma situação que tende a se intensificar ainda mais futuramente. Hartog (2013), quando escreve sobre *As crises do regime moderno*, dá ênfase à exigência de previsões como substitutas das lições da História. O passado não é mais um modelo, e o futuro é visto como algo incerto, restando o presente como fator principal a ser considerado como ponto de partida. Não existe um pontilhado a ser seguido, a inovação tecnológica surpreende a cada descoberta, as previsões representam mais do que um panorama futurista, elas versam sobre a necessidade de adaptação diante das mudanças constantes que vêm acontecendo em um mundo digital e globalizado. Trata-se de uma leitura que esboça as necessidades substanciais para as relações na sociedade contemporânea.

Esta pesquisa aborda o avanço tecnológico e o uso de ferramentas digitais na contemporaneidade, impulsionadas principalmente no contexto da pandemia e pós-pandemia da covid-19, como categoria de referência de tempo e espaço. “Pouco a pouco, contudo, o futuro começava a ceder terreno ao presente, que ia exigir cada vez mais lugar, até dar a impressão recente de ocupá-lo por inteiro” (HARTOG, 2013, p. 142). Portanto, é necessário que fique claro o interesse em abordar o contexto atual em que as formas de comunicação e exposição de informações com o auxílio da tecnologia afetam diretamente a construção do conhecimento quando verificamos que não há uma limitação sobre quem é capacitado ou não a opinar sobre determinado assunto na rede.

O uso do meio digital e a necessidade de adequação e reinvenção recentemente no cenário de pandemia, como condição básica para sobrevivência e socialização em todos os âmbitos - sociais, econômicos e educacionais -, foi imprescindível para a continuidade de nossas práticas, as conexões substituíram de maneira necessária as relações presenciais. Então é possível considerar que foi a partir do isolamento em decorrência do contexto de pandemia que os novos espaços de produção historiográfica e uso de ferramentas tecnológicas no ensino acabaram ganhando ainda mais força e atenção.

Nesse contexto, de fato o passado não nos servirá como modelo, pois por princípio ou por posição, está ultrapassado. Entretanto, o passado pode servir para o entendimento do desdobramento histórico, especialmente porque é justamente o presente que

termina por conduzir o desenrolar e estratégias capazes de valorizar ou desvalorizar o passado “[...] em proporções variáveis e sempre inconstantes, conforme as conjunturas.” (HARTOG, 2013, p. 142).

Os recursos modernos abrem para novas práticas. O público atual em grande maioria nasceu nessa conjuntura. A adaptação, valorização e integração dos meios mostram-se necessária para os educadores, sob o prisma de não nos tornarmos ultrapassados nos mais variados quesitos. Isso não significa afirmar que o sucesso depende da inovação, mas de reconhecer o largo espaço que as mídias ocupam na vida das pessoas, a velocidade de difusão das informações e a capacidade de dinamização dos novos espaços. “A mídia, cujo extraordinário desenvolvimento acompanhou esse movimento que é, em sentido próprio, sua razão de ser, faz a mesma coisa. Na corrida cada vez mais acelerada para o ao vivo, ela produz, consome, recicla cada vez mais palavras e imagens [...]” (HARTOG, 2013, p. 148).

A pesquisa busca analisar de maneira crítica os usos e possibilidades disponibilizados pela tecnologia em decorrência do argumento anteriormente apresentado, somado à importância do meio digital para as relações, diminuição das barreiras e principalmente o aumento de pessoas conectadas utilizando o meio eletrônico para as mais diversas práticas. A todo instante estamos realizando análise reflexiva pensando também no que está por vir, não no sentido de prever, mas de compreender que a aceleração é permanente, basta avaliar aonde já chegamos.

Assim, utilizo o presente como referência e é a partir das informações que este nos fornece que depositamos todas as perspectivas, é no presente que existe toda possibilidade de ação. Pois: “O presente é o iminente: o corpo do corredor inclinado para frente no momento de se lançar” (HARTOG, 2013, p. 142).

Aperfeiçoar novas práticas e conhecimentos sobre o uso de tecnologia e adotar maneiras inovadoras de divulgar a História, vai ao encontro do papel social do historiador quando este se compromete em atender às demandas que lhes são apresentadas, quando vem a refletir sobre o processo de evolução dos ambientes de aprendizagens ao longo do tempo e sua necessidade de atualizar-se, principalmente quando busca estratégias eficazes e instrumentos que possam dinamizar o ensino e atender não somente às necessidades próprias, no que diz respeito ao desempenhar de sua função, mas principalmente às necessidades sociais do contexto no qual está inserido.

A justificativa da perspectiva presentista faz olhar para o passado ou para o presente somente para constatar e legitimar o presente. O que se têm é um constante progresso muito veloz no ritmo próprio da sociedade de consumo, em que a tecnologia inovadora e

rápida torna as coisas e os seres humanos ultrapassados de modo apressado. Assim o presente nada mais é do que um horizonte (HARTOG, 2013). Diante de todas as possibilidades que temos, torna-se importante pensá-las hoje, é a valorização do agora, não podemos mais imaginar os novos espaços e ferramentas como algo distante pois pertencem à realidade contemporânea, e uma melhor compreensão de suas características torna-se necessário até pelos problemas que estamos vivenciando. Não se trata de ponderar aspectos positivos e negativos e sim pensar estratégias de análise que possam contribuir no desenvolvimento de habilidades.

A memória aqui se apresenta como necessária quando a reativamos para exame comparativo, para pensarmos sobre os benefícios dos recursos tecnológicos na contemporaneidade, quando fazemos confrontos atrelados a sua presença e ausência nos mais diversos ambientes sociais. “A rememoração é ativa, ela não é um surgimento involuntário do passado no presente; visando um momento do passado, ela tende a transformá-lo” (HARTOG, 2013, p. 168).

O historiador constrói sua identidade e esta não seria possível sem reflexões sobre o histórico de suas práticas mediante suas necessidades atuais dentro de uma conjuntura, a formação da personalidade se dá a partir daquilo que a memória reconstitui onde o objetivo é caminhar dentro de parâmetros necessários ao desenvolvimento de questões importantes, ou seja, pensar na transformação e renovação de práticas é um mecanismo natural de adaptação, o próprio meio faz essa contestação, o cognitivo é capaz de calcular e manifestar algumas necessidades. É como comparar o pensar a um organismo vivo em constante evolução.

Para o presente, a adoção de práticas inovadoras não tem nada de extraordinário, elas são necessárias e fazem despertar o sentimento de que as experiências até então aplicadas estão se tornando incompletas. O objeto em processo de aperfeiçoamento pretende auxiliar no desenvolvimento de saberes significativos que possam ser aproveitados pelo educando e despertar para reflexões sobre problemáticas pelas quais estamos passando no momento presente em que a internet e os diversos espaços de comunicação contribuem de maneira positiva ou não com a formação dos indivíduos. O propósito é trabalhar na construção de um conhecimento que seja de fato enriquecedor, sobretudo no sentido de ajudar na interpretação e por meio desta instruir de maneira coerente.

A inovação é quesito em constante aceleração em todos os aspectos na atualidade. Por vezes, é possível perceber uma certa resistência ao uso de novas técnicas, principalmente por parte daqueles mais tradicionalistas, o que se revela contraditório pra realidade contemporânea, porém muito comum, já que o novo naturalmente causa essa estranheza. Cabe

aqui perfeitamente o pensamento de Hobsbawn (1998), presente em seu texto sobre o sentido do passado, em que afirma que quando é realizada uma abordagem sobre grandes inovações sociais em sociedades tradicionais, essas mudanças quase que por definição somente ocorrem quando a estrutura vigente não mais funciona adequadamente. Então é chegado o momento de algum tipo de acordo em relação às transformações. Talvez tenhamos chegado nesse contexto inviável de sustentação única e exclusiva das antigas práticas, mesmo reconhecendo a importância e especificidades dos diferentes espaços de produção do conhecimento e informação.

Saber utilizar habilidades de análise é um exercício funcional básico, atender às demandas consideradas necessárias para uma boa orientação ou construção de uma consciência histórica capaz de operar em determinada circunstância, está relacionado à função substancial básica do conhecimento.

Trata-se, portanto, de abordar meios que possam auxiliar como ponte para uma construção interativa do saber, aliando conhecimento histórico e didática em um sistema dinâmico e crítico. Isso não significa que os modelos utilizados até hoje sejam incapazes de cumprir seus objetivos. Também não seria o caso de considerar a educação como “escrava” do meio tecnológico - faltaria muito para isso -, mas começar a refletir sobre a necessidade de incorporação dos novos espaços de divulgação das produções historiográficas e de ferramentas que possam potencializar o ensino, facilitando o processo, estimulando a interação e consequentemente a compreensão histórica.

Até há pouco tempo as pesquisas cercavam-se de previsões distantes, falava-se com um certo tom de alerta sobre a preparação em relação ao futuro e à modernização dos diversos objetos e espaços. Hoje a pretensão não é mais essa. O futuro que era apenas idealizado já começou, desde o momento em que não foi mais necessário sair do seu espaço individual para interagir, desde o momento em que a vídeo conferência preencheu necessariamente a lacuna do distanciamento. “O presente encontra-se de certo modo investido de todo o futuro [...]” (HARTOG, 2013, p. 253). Nós atravessamos muitas perspectivas que foram previstas, aliás nos encontramos envolvidos nelas a todo vapor e o que nos resta é deixar a superficialidade de lado e adotar uma postura mais arraigada:

Graças às possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento da informática, constituiu-se toda uma “tecnologia do risco”, que apela para o virtual e para as simulações. Em um universo incerto, a escolha permite mais de uma projeção no futuro. Não se trata mais de “prever o futuro”, mas de “medir os efeitos deste ou daquele futuro concebível sobre o presente”, avançando virtualmente em várias direções antes de escolher uma delas (HARTOG, 2013 p. 258).

O exercício de indagar o agora, de analisar as possibilidades, de fazer uma leitura atual, visto que o objeto de estudo aqui apresentado requer essa postura é um dos pontos positivos de se trabalhar com o tempo presente, os efeitos do objeto ao qual se investiga podem ser ponderados a todo instante. “É esse momento e essa experiência contemporânea do tempo que designo presentismo” (HARTOG, 2013, p. 40).

Os novos espaços e experiências utilizando as mais diversificadas ferramentas já constituem os ambientes que nos cercam. O que falta para uma abertura ao experimento? O que falta para que haja a integração básica de maneira efetiva? Os efeitos são medidos a todo instante. Temos sim alguns pontos negativos e inúmeros desafios, inclusive alguns são abordados nesta pesquisa. Porém, os mais diversos movimentos apresentam prós e contras, faz parte do jogo natural dos acontecimentos.

O próprio historiador instantaneamente é capaz de realizar conexões e compreender através do próprio pensar o andamento do desenvolvimento das coisas que o cercam no tempo e no espaço e assim é capaz também de ter uma noção prática das possibilidades, vantagens e riscos dos usos e se essas vantagens se sobrepõem às fragilidades.

Fica explícito, portanto, que a pesquisa parte de questões que surgiram a partir do isolamento em decorrência da pandemia da covid 19, por meio da análise reflexiva sobre os novos espaços e experiências historiográficas na contemporaneidade, bem como sobre o uso de tecnologias digitais como instrumentos propulsores do ensino-aprendizagem de História no século XXI, pensando ao mesmo tempo sobre sua relevância e integração.

Regina Abreu, em seu texto *Chicletes eu misturo com banana?* afirma que os nossos problemas de pesquisa partem de uma mistura “[...] da leitura de um autor com a observação de algum fenômeno à nossa volta” (ABREU, 2005, p.29). A autora pontua que geralmente lemos algo com o qual fazemos relação aos debates que tantas vezes são fomentados ou dados como importantes no nosso local de trabalho ou com questões que nos afetam de alguma maneira.

De fato somos sujeitos capazes de realizar conexões no propósito de resolver ou se não ao menos refletir e dialogar sobre as mais diversas problemáticas que nos cercam. Examinar autores que produziram uma leitura coerente acerca dos problemas aqui apresentados vai de encontro ao cenário com o qual nos deparamos e nos move ao levantamento de questões importantes, promovendo o lapidar de um objeto que certamente nos levará a um posicionamento estratégico mediante às adversidades que nos são apresentadas.

O avanço tecnológico tem ocasionado transformações profundas em todos os âmbitos sociais. O mundo globalizado e conectado vem possibilitando novas experiências e trazendo soluções competentes para boa parte das nossas problemáticas. Partindo do pressuposto estabelecido inicialmente, um grupo de pesquisadores da USP, no final do século XX, chegou à conclusão de que efetivamente “um novo campo do saber” emerge “[...] o campo da interrelação Comunicação/Educação” (SOARES, 1999, p. 20).

A complexidade transcende o uso de tecnologia no espaço escolar, porém a efetiva integração que vem se mostrando basilar ainda caminha sob cuidado por inúmeras questões. Torna-se indispensável também pensar de maneira crítica a realidade na qual estamos inseridos levando em consideração os novos espaços, o papel que os meios tecnológicos ocupam na sociedade contemporânea, a sua capacidade de difusão de informações, o papel do mediador ao optar pelo reconhecimento da expansão desses espaços, a necessidade de agregação entre muitas outras questões.

A combinação comunicação/educação não é algo novo. Pensar em novas perspectivas e investi-las no meio educacional preocupando-se com a qualidade das informações refletindo sobre o seu poder de controle, sempre esteve presente nos debates em meio às tentativas de inserção das tecnologias nos espaços educativos. Ainda que sejam consideradas investidas não bem sucedidas, como é o caso do rádio, os meios de comunicação sempre tiveram propostas específicas que não consideram o caminho educacional. Por outro lado, pensando no contexto atual, a estrutura e o sistema de modo geral das instituições educativas também não estão preparados para contemplar as mudanças de que as inovações necessitam para serem integradas de maneira efetiva.

A partir da segunda metade do século XX, as preocupações giravam em torno do cinema e da televisão, Paulo Freire irá manifestar suas inquietações acerca da leitura das imagens e “[...] enfatiza que o problema não está apenas em trazer os meios de comunicação para dentro das escolas, mas em saber a quem eles estão servindo” (SOARES, 1999, p. 23).

É perceptível o despertar do senso crítico sendo colocado como fator primordial numa época em que o poder de conexão ainda era limitado, mas o conhecimento sobre seus mecanismos já era considerado necessário. A preocupação em relação aos seus impactos com o passar do tempo mostra-se cada vez mais importante para o desenvolvimento de um público com senso crítico informatizado e analítico em relação às informações que recebem, acreditam e veiculam.

Os meios eletrônicos proporcionaram novas oportunidades e se mostram como ferramentas necessárias para um campo inovador, especialmente para a educação, de modo

que foram inauguradas novas áreas, “educação para os meios” e do “uso das tecnologias no ensino” (SOARES, 1999).

Essas “novas” técnicas metodológicas na realidade sempre foram pensadas em cada época dentro de seus domínios e perspectivas, porém de maneira muito tímida. O pensar futurista de um avanço tecnológico distante pode ter causado uma certa postergação, principalmente em relação à educação para os meios, partindo do pressuposto de que uma maior atenção poderia ter funcionado como precaução para as diversas problemáticas que temos que enfrentar atualmente no que se refere à compreensão e experiências atreladas à análise da qualidade das informações e as possibilidades dos usos dessas ferramentas no meio educacional.

As mudanças ocorrem constantemente no tempo e no espaço, e a problematização que consta nesta pesquisa é fruto da análise reflexiva acerca de ações e transformações humanas que na conversão da abordagem são os denominados: novos espaços online, novas experiências, o uso de ferramentas tecnológicas como questões que juntas integram o contexto explanado, sendo portanto tarefa desta pesquisa “Estudar o momento presente, com vistas a perceber como este momento presente é afetado por certos processos que se desenvolvem na passagem do tempo, ou como a temporalidade afeta de diversos modos a vida presente [...]” (BARROS, 2013, p.19).

Acerca da definição do conceito de História pensado por Marc Bloch, segundo o qual aponta que “definir a História como o estudo do homem no tempo foi, em vista de tudo isso, um passo realmente decisivo para expansão dos domínios historiográficos” (BARROS (2017, p. 15). O autor acrescenta que, diante das transformações ao longo do tempo, existe uma necessidade de redefinição e ampliação do conceito e aponta para a inclusão de uma outra coordenada para além do tempo “De fato, a História é o estudo do homem no Tempo e no Espaço [...]” (BARROS, 2017, p. 15).

O autor, ainda, faz uma abordagem das modificações que alteram e ao mesmo tempo constituem o espaço social, e já chama atenção para a realidade na qual estamos inseridos atualmente e o espaço que esta pesquisa procura mergulhar, quando se refere aos ambientes virtuais ou ciberespaço, um “universo” que ganha cada vez mais notoriedade no que se refere à interação/comunicação e facilidade de acesso aos mais diversos conteúdos. Trata-se, portanto, do tempo presente e de um espaço virtual que se mostra relevante por possibilitar o desenvolvimento de competências complexas e colaborativas e que necessita de uma estudo aprofundado acerca de suas potencialidades e principalmente como estas podem ser aproveitadas através de uma boa mediação.

Voltando a dar ênfase aos dados coletados pelos pesquisadores da USP, a investigação no fim da última década do século XX já apontava para transformações no campo educação envolvendo a comunicação. “Assim, as mudanças aproximam essas duas áreas pelas necessidades convergentes que suscitam” (SOARES, 1999, p. 24).

Por um lado, o processamento de modificações vistas como necessárias, afinal com o passar do tempo as antigas práticas vão naturalmente sendo substituídas, sob a condição da educação em se tratando de seus métodos, não se tornar ultrapassada. Por outro lado, deve-se considerar também o despreparo por parte daqueles que são os atores principais, protagonistas e mediadores da situação de aprendizagem.

O fato é que a pesquisa apresentada pelo autor já mostrava a existência de um esforço e preocupação das mais diferentes instâncias em relação a essa aproximação com “o novo”, visando tanto à sua integração quanto preparo necessário para que isso acontecesse. Uma das possibilidades apontadas por ele como forma de materializar o campo, colocando em prática essas novas perspectivas, é a área da mediação tecnológica envolvendo técnicas e reflexões acerca das múltiplas viabilidades dos usos da tecnologia na educação “O que advogamos é que cada uma delas seja pensada e promovida a partir da perspectiva da Educomunicação” (SOARES, 1999, p. 27), em que as mais diversas problemáticas no que se refere ao uso, leitura, produção, criatividade e transformação dos espaços possam ser exploradas e desenvolvidas. A citação que segue em cada detalhe parece identificar-se e conter resumidamente uma semelhança com os objetivos propostos nesta pesquisa:

Para efeito do presente projeto, a “Educação para os Meios” é tomada como o desenvolvimento, na educação formal e/ou não formal, presencial e/ou a distância, de ações voltadas para o estudo e a compreensão do lugar que os meios de comunicação ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação mediatizada, a participação e a modificação do modo de percepção que ela propicia, promovendo em decorrência, o papel do trabalho criador, o acesso e o uso autônomo e livre dos recursos e linguagens [...] (SOARES, 1999, p. 28).

O fato é que a reflexão sobre a temática se torna cada vez mais importante em todos os âmbitos sociais, visando uma autonomia crítica que vai muito além da sala de aula, é uma educação para a vida. Grande parte das informações que nos são passadas, são veiculadas através das mídias que conseqüentemente têm um peso muito forte sobre as decisões que tomamos. Devido ao espaço que ocupam na sociedade, as pesquisas sobre o uso de tecnologias conseqüentemente também vêm tomando maiores proporções. Na última década do século XX, o trabalho mencionado anteriormente já apontava sobre um esforço no sentido de aperfeiçoar a inclusão das tecnologias bem como capacitar os profissionais para tal fim.

A revista apresenta um material da autoria de Bernard Levrat, que aponta algumas questões sobre o uso de tecnologias e mostra um panorama sobre o processo de inserção das mídias digitais. Chega-se à conclusão de que esta é uma situação inquietante para todas as instâncias, não é um contratempo exclusivo da educação. Quando se é questionado, mesmo diante de todas as possíveis problemáticas, sobre os motivos pelos quais utilizar a tecnologia, a resposta é a seguinte: “Primeiro, porque o imenso desenvolvimento dessa área e suas aplicações na sociedade não permitem a educação ignorá-la” (SOARES, 1999, p. 35).

O propósito apresentado neste trabalho não é apontar a tecnologia, o uso da internet ou de ferramentas digitais como solução capaz de resolver os problemas da educação, e sim pensar e discutir a educação digital e a importância de uma boa mediação, reconhecendo os desafios e também suas possibilidades. Abordar sobre essas questões é dialogar com a realidade.

De fato o computador e até mesmo o celular vem modificando as relações, a comunicação e as formas de aquisição do conhecimento. Por isso temos um papel extremamente relevante neste meio, o de mediar, visto que a tecnologia tem um poder muito positivo sobre diversas instâncias, mas também é necessário que reconheçamos sua capacidade de persuasão, poder de transformar e mudar a compreensão das coisas. Essa é uma questão bastante desafiadora na contemporaneidade, muitas das nossas práticas e opiniões são formuladas a partir daquilo que chega até nós através dos veículos de comunicação.

Basta realizar uma análise reflexiva para compreender que estamos completamente inundados pela tecnologia. “O “Educomunicador” é o facilitador que entrará em ação neste campo com o objetivo de aprofundar-se em problemáticas que o capacite a intervir de maneira democrática desenvolvendo meios de uso tecnológico de forma compromissada:

O novo âmbito é entendido, pois, como o domínio das ações que venham mobilizar comunicadores/educadores e comunicadores/educandos para o desenvolvimento de uma produção processual, aberta e rica da comunicação no interior dos espaços educativos e nas relações destes com os meios de comunicação e com a própria sociedade (SOARES, 1999, p.42).

Fica claro, portanto, a importância do papel desempenhado pelo profissional no campo da Educomunicação com o desenvolvimento de ações que contemplem aquilo que consideramos como uma boa mediação, com mecanismos e características que tenham a intenção de contribuir com o estabelecimento de conexões, interpretação e atuação coerentes nos mais diversos espaços de comunicação.

2.2 O ensino de História em tempos de História Pública

O contexto social atual é caracterizado como a “era digital” essa intitulação deve ser principalmente a propagação da internet e do uso de novas tecnologias, porém não podemos esquecer da falta de suporte e estrutura necessários ao acesso na prática, situação que acaba transformando a reinvenção em momentos desafiadores. O fato é que a produção do conhecimento não se restringe mais à escola ou à academia, está presente nos mais diversos espaços físicos ou virtuais, cada um com suas especificidades. Não é mais possível pensar no ensino sem dialogar com as numerosas contribuições que os novos espaços e as ferramentas tecnológicas podem proporcionar ao processo, que é caracterizado principalmente pela forma democrática de participação e possibilidade de produção do conhecimento sem grandes exigências.

Nas próximas linhas, darei ênfase à História Pública buscando delinear um ajuste mais claro acerca desta temática, fazendo um *link* com o espaço que o meio tecnológico vem ocupando no seio da sociedade, caminhando para reflexões sobre possibilidades de divulgação e aplicabilidade no ensino. Considero que o professor-historiador profissional seja de certa forma um historiador público, afinal ele seleciona e articula diferentes mecanismos metodológicos, sejam eles tecnológicos, lúdicos, ou utilizando o próprio livro para envolver a sua clientela ao conhecimento histórico. A publicização do conhecimento não se dá somente dentro da sala de aula, mas também em outros espaços sociais digitais. É bastante comum emitir um juízo sobre determinado assunto, principalmente se ele faz parte do círculo do qual temos conhecimento.

De início é necessário que fique claro que a História Pública não se reduz a questões sobre publicação, “[...] mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às mudanças e tensões” (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 7). Porém, é de fundamental importância considerar a ampliação dos espaços historiográficos para além dos centros acadêmicos, considerando que o avanço tecnológico e os meios de comunicação vêm se transformando e evoluindo cada vez mais ao longo do tempo, o que contribui para uma divulgação cada vez mais rápida do conhecimento, fazendo com que as informações consigam chegar a um número cada vez maior de pessoas em fração de segundos.

Logo, é perceptível a relação entre divulgação, tecnologia e História Pública pensando numa conceituação atual, visto que se fôssemos pensar maneiras de organizar e divulgar o conhecimento em um outro contexto e época esta relação não seria coerente. A

ampliação dos novos espaços para além da academia faz referência às mudanças e novas demandas sociais e sobre as possibilidades de relações e conexões que atualmente podem ser mediadas por uma gama de possibilidade, o que gera uma intensificação em torno dos debates e constantemente uma relação direta entre internet e História Pública.

O conceito de História Pública não é novo, porém recentemente vem ganhando bastante notoriedade nos debates. Seria muito vago afirmar que a prática historiográfica nasce no formato aqui referido em 1980 nos Estados Unidos, se considerarmos a afirmação de que este é somente um novo nome para um exercício que há muito vem sendo praticado em outros moldes. Porém, a data e o local referido situa o momento em que alguns historiadores passam a dar atenção à ampliação desses espaços com preocupações atreladas às demandas impostas pela sociedade dando ênfase aos novos estilos de interação e levando em consideração o uso das mídias. Na continuidade, um outro ponto passou a ser explorado: os novos ambientes.

Diante desse cenário, é interessante compreender a História Pública como um conhecimento pluridisciplinar, sobretudo devido às inúmeras possibilidades de utilização dos mais diversos recursos como meio de apresentar e explorar o conhecimento de modo geral “Não se trata da eliminação da ciência histórica para a emergência da história pública, e sim das reflexões sobre a atuação do profissional capaz de estimular a consciência histórica para um público amplo, não acadêmico” (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 7).

No livro *Introdução à História Pública*, sob organização de Almeida e Rovai (2011), no capítulo intitulado: “O que é história pública?”, os autores caminham para uma discussão bastante significativa sobre o que é História Pública e o que os historiadores públicos fazem, e discorrem sobre a existência de uma apresentação popular para um leque de audiências, colocando que uma definição não é algo tão simples como se possa imaginar por se tratar de um campo complexo e polissêmico: “Assim, o estudo de história pública está ligado a como adquirimos nosso senso de passado - por meio da memória e da paisagem, dos arquivos e da arqueologia (e por consequência, é claro, do modo como esses passados são apresentados publicamente)” (LIDDINGTON, 2011, p. 34).

Assim, é pertinente considerar aqui os seguintes pontos: o modo como adquirimos o conhecimento, e o formato como esse passado é apresentado. A obra ainda pontua que história pública pode ser apenas uma legenda diferente para algo que sempre fizemos, acrescentando por minha conta e risco que o que muda é como fazemos. A ampliação desses formatos resultantes das transformações que vêm ocorrendo ao longo do tempo em que os espaços on-line e as ferramentas tecnológicas tornam-se aliadas seja do historiador ou de qualquer outro profissional é que irá alterar as maneiras de divulgar o conhecimento histórico.

Dentre as delimitações mais interessantes para o que se propõe aqui, serão apontadas as seguintes considerações: “A História Pública explora e apresenta o conhecimento histórico – em uma variedade de formas – para além dos foros acadêmicos tradicionais” (ZAHAVI, 2011, p. 54) e de forma mais específica pensando nos métodos e como divulgar o conhecimento, “[...] ela é um veículo para ampliar nossa visão do passado através do uso sofisticado e criativo de exposições museológicas, performances teatrais, mídia audiovisual e muito mais” (ZAHAVI, 2011, p. 54), pensando na proposta desta pesquisa, que objetiva divulgar o ensino na escola de maneira mais esclarecedora, dinâmica e engajada por meio da história pública, analisando a diversidade de estratégias e do uso de ferramentas tecnológicas como suporte para que possa atender aos objetivos centrais deste estudo:

A história pública amadureceu como um campo variado e cada vez mais sofisticado, gerando criativos museólogos, arquivistas, curadores, cineastas, documentaristas, criadores da web sites, historiadores de políticas públicas e uma variedade de outros profissionais – todos de diversas maneiras, engajados em compilar, pesquisar, interpretar e aplicar a história em todas as facetas da vida pública (ZAHAVI, 2011, p. 54).

D’Assunção já mencionava a expansão da História: “É possível ainda prever novos campos históricos, mais especificamente relacionados a possibilidades novas de escrita da história, estão por surgir no horizonte historiográfico que se descortina nesta passagem para o novo milênio” (BARROS, 2013 p.14). Perfeita colocação e mais preciso, ainda, é o questionamento: *Será o formato livro o único destino de um bom trabalho historiográfico?* ao perceber que isso se materializa quando analisamos os meios digitais, os suportes contemporâneos de modo geral e os inúmeros formatos capazes de apresentar o conhecimento histórico:

Não será possível trazer novos suportes para a História, para além do “escrito”, como a visualidade - incluindo a Fotografia e o Cinema – a Materialidade, convocando uma maior parceria entre historiadores, museólogos, arquitetos, ou como a Virtualidade, chamando mais intensamente à história os recursos da informática? (BARROS, 2013, p.14).

E, a resposta é sim, é possível utilizar suportes para além do escrito, a história pública entra como um veículo criativo ampliando esses métodos. Albieri (2011) escreve sobre a temática *História pública e consciência histórica* trazendo um debate interessante para o que se delineia nesta pesquisa, quando abre para outras maneiras de compreender a História Pública e chama atenção para questões apresentadas na pesquisa como a preocupação dos educadores em relação à busca por métodos que possam estimular a participação e

interesse dos alunos pelos assuntos abordados nas aulas de história e principalmente sobre o tipo de conhecimento que objetivamos desenvolver como professores historiadores.

A autora pontua, ainda, que uma parte dessa preocupação se reproduz na produção do livro didático, em que é necessário acrescentar a participação dos educadores não menos importante através das reuniões e debates acerca da escolha do livro que será utilizado na escola por aproximadamente quatro anos, refletindo e ponderando o que estes veiculam, pois cada ferramenta é levada em consideração.

O livro didático é uma das formas mais recorrentes, por vezes única de explorar o conhecimento histórico no ambiente escolar e também uma forma de publicação da História em que os professores participam diretamente desse processo, não no que se refere à produção, ainda que esta também seja uma prática do historiador público, mas me refiro à escolha, por envolver um número maior de profissionais no processo, optando de maneira criteriosa por um modelo a ser explorado, analisando a disposição dos textos e imagens, sistemática de atividades, indicações de vídeos, filmes, conteúdo, logística de organização, a letra, dentre outras questões de forma minuciosa.

É possível compreender que de fato é amplo o panorama de possibilidades para publicizar o conhecimento histórico atualmente e conforme foi explanado, não é algo novo. Embora apontando o livro como por vezes o único instrumento utilizado na escola, sabemos das inúmeras possibilidades que existem atualmente, daí a importância da consciência crítica acerca das escolhas, “[...] é como se a historiografia acadêmica – aquela que é produzida como ciência pelos especialistas – vazasse por muitos poros, e formasse uma intrincada rede de vasos comunicantes que sustenta e alimenta a visão comum do que é a história” (ALBIERI, 2011, p.21).

É basilar apropriar-se desses novos espaços e aproveitá-los, seja produzindo, seja selecionando de maneira criteriosa aquilo que deve ser divulgado ou educando para o uso crítico. Museus, sítios históricos, vídeos, documentários, exposições didáticas, são variadas as possibilidades de recursos que podem ser utilizadas para o ensino de História. “[...] o conhecimento histórico estaria puro, cristalino, intacto, correto, embora escondido em algum lugar por algum agente malévolo” (ALBIERI, 2011, p. 22).

A publicação de uma maneira criteriosa é como algo movido pelo desejo de exibir aquilo até então escondido, é como uma poesia que toca o coração, quando a expomos é porque sentimos a necessidade de apresentá-la para que os outros percebam a sua grandiosidade.

Slides, imagens, leitura dessas imagens, levar à tona as próprias indicações que vêm como nota de rodapé no livro didático, curta-metragem, filmes, podem ser consideradas maneiras de ampliar a exposição dos conteúdos, cabendo ao protagonista a decisão do que fará parte do acervo, em que ele próprio poderá ser o autor de inúmeros conteúdos utilizando as mais diversas ferramentas para publicação a partir de um espaço. No entanto a seleção, elaboração ou edição do material é algo extremamente importante, “[...] o processo de publicação envolve decisões cruciais de seleção e estrita na massa de informação e interpretação acadêmica disponível” (ALBIERI, 2011, p. 25). Não se trata de copiar e colar, é uma atividade que requer empenho, a escolha parte de uma série de convicções e é coberta de intencionalidades.

Diante de todas as pontuações destacadas, fica claro que não há uma única resposta para o questionamento *o que é história pública? e como fazê-la?* Mas, é possível compreender que é um campo vasto, instigante e inovador. D’Assunção (2014), em sua obra *História Comparada*, afirma que os recursos digitais e os ventos tecnológicos sopram a favor da história comparada e que esses recursos trazem grandes contribuições fazendo com que as possibilidades de auxílio ao ensino se tornem cada vez mais diversificadas.

Percebe-se, portanto, que a colaboração por parte do avanço tecnológico não é aplicável somente à História Comparada, a História Pública é exemplo de modelo de renovação, não sendo uma metodologia de análise em si própria, mas um viés capaz de auxiliar a exploração do conhecimento histórico e que possui toda uma sistemática de organização, podendo ser considerada uma forma comportamental sobre como investigar e apresentar a história, ou seja, uma tomada de decisão sobre como atingir o público de maneira significativa.

A escola na realidade do historiador que também é professor é o local onde essas novas demandas sociais se apresentam com mais nitidez. É o momento oportuno de tornar-se protagonista desses novos campos e fazer um bom uso da formação erudita que recebemos nas universidades, compreendendo que o formato que o historiador utiliza para publicizar o conhecimento sejam eles das mais variadas performances, utilizando o livro didático, um canal, um site, um blog, um aplicativo ou slides pode ser bastante influenciador no processo de apreensão do conhecimento.

Quando se entra em contato com algum tema aparentemente novo, o primeiro a se fazer é compreender o que ele abrange. Percebe-se, no entanto, que devido à capacidade criativa dos meios de que dispomos hoje, não é possível definir o que é, e como fazer história pública utilizando um argumento pronto e acabado, não porque a temática seja confusa e não

deixe transparecer, mas devido à gama de possibilidades. Trata-se de um fazer aberto e muito fluido com diferentes formatos, a depender da época e do espaço.

Assim, a partir do conceito balizado, tudo que foi apresentado buscou caminhar no sentido de compreender de maneira substancial tanto o significado ainda que não conclusivo, como a relação entre História Pública e ensino em que se percebe a ação em um sentido amplo sempre apresentada como maneira de problematizar e dimensionar essa relação sem deixar de lado e não menos importante a influência da internet e das ferramentas tecnológicas, que no contexto atual contribuem para a ampliação desses formatos dinamizando e intensificando a divulgação:

Desde a sua popularização, na virada para o século XXI, não restam dúvidas de que a internet trouxe formas novas de sociabilidade, bem como favoreceu novos modelos de acessar informações por meio de um banco de dados disponível a quem tem acesso à rede. Não é exagero relacionar a influência desse contexto da digitalização e da virtualidade à intensificação do debate internacional sobre história pública, devido as novas possibilidades de pesquisar, produzir e socializar o conhecimento histórico (HERMETO; FERREIRA, 2021, p. 9).

Quando falamos em História Pública e ação fazemos referência à pesquisa, produção e socialização do conhecimento, não estando a cargo de pessoas específicas ou capacitadas profissionalmente para isso. No mundo virtual, o compartilhamento de informações e opiniões não é algo restrito, o que nos faz lembrar uma questão polêmica acerca dos desafios que giram em torno da quebra da autoridade do historiador sobre a produção do conhecimento na era digital.

Malerba (2017) desenvolve uma discussão sobre as mudanças que estamos enfrentando no objetivo de refletir sobre a função social do historiador acadêmico na atualidade, trazendo questões pertinentes que acabam por definir novos formatos sobre como produzimos e consumimos o conhecimento histórico, dando ênfase à audiência de historiadores que ele classifica como *acidentais*, apontando a democratização e o fortalecimento do diálogo como algo positivo em meio a essa conjuntura em que “[...] desafia a nós, historiadores profissionais, a praticarmos nosso ofício de maneira viva e engajada, como sói ser o trabalho desses novos contadores de histórias que têm cativado a atenção do grande público” (MALERBA, 2017, p. 147).

O autor, ainda, questiona sobre como estamos lidando com tudo isso: será que perdemos o controle? qual a nossa responsabilidade para com uma conjuntura em que alguns se autodenominam “doutores” e “especialistas” falando de história sem uma devida formação e análise de fontes? E, aponta que vivemos um conflito em que estamos entre produzir para os

pares ou para além da academia. Acrescento que cada produção historiográfica tem suas direções e intencionalidades:

A história é “pública” porque sua produção saiu da tutela acadêmica e passou a ser largamente praticada, produzida por leigos, amadores, diletantes? Ou ela é pública pela dimensão da audiência que é capaz de atingir – e que cresceu exponencialmente nas últimas três décadas? Tanto uma coisa quanto a outra – a alteração do perfil do produtor de história e a expansão vertiginosa do seu público consumidor – se explicam em grande parte pelo surgimento de novas mídias, particularmente a internet (MALERBA, 2017, p. 141).

Na continuidade da abordagem sobre os historiadores e seus públicos, o autor faz referência ao período em que o livro era a mídia que fazia essa conexão entre produção e consumidores e aponta que as mudanças que acabaram por tornar essa relação um tanto mais complexa é que deu origem à história pública, no sentido de a enxergarmos não como um veículo, mas como uma ação, em que o foco aqui são exatamente as potencialidades dessa ação, como por exemplo: qual a relevância daquilo que quero informar? quais ferramentas posso utilizar para conseguir atingir o público de forma significativa?

E, o mais interessante da democratização é o fato de não necessariamente estarmos agregados a um único formato. Não existe uma essência, muito pelo contrário, a História passa por transformações em que, à medida que vão acontecendo, ajustes são necessários. Ao final do texto, Malerba (2017) lamenta a demanda por uma história de caráter popular e não por aquela história ciência produzida na academia.

Porém, questionamos: será que a História, conhecimento através de uma seleção, uso de ferramentas digitais e da tecnologia, não conseguiria atingir de maneira mais dinâmica e eficiente o grande público? Temos atualmente inúmeros historiadores, sejam eles professores ou até mesmo blogueiros, desenvolvendo trabalhos brilhantes. Então talvez não tenhamos perdido a autoridade, ela apenas sofreu uma expansão. O problema está nos métodos que utilizamos, ou seja, sobre como produzimos e se estamos atentos e acompanhando as rápidas modificações que ocorrem na sociedade.

Atualmente o interesse pelo conteúdo tem total relação com a forma como ele é apresentado, seja no livro ou meio digital. Portanto, é fato que quando nos referimos à questão historiador/historiografia/público temos que avaliar o contexto “[...] no sentido de que tanto os sujeitos desse tripé quanto os meios (as mídias) de sua conexão variaram em cada tempo/espço considerado” (MALERBA, 2017, p. 136). E, ainda, sobre a produção historiográfica e divulgação na atualidade, é possível concluir que de fato “[...] o advento dos

meios digitais, nomeadamente a internet, alterou drasticamente os elementos constituintes do trinômio” (MALERBA, 2017, p. 136).

É possível compreender que houve uma grande transformação no cenário dos historiadores, assim como, ao longo do tempo, diferentes temas passaram a fazer parte das abordagens, novos procedimentos começaram a permear o fazer metodológico. Esses novos formatos surgem como resposta às transformações históricas ocorridas ao longo do tempo e as necessidades historiográficas contemporâneas.

Portanto, fica cada vez mais evidente a associação entre História Pública e mídias digitais. Por outro lado, também são levantados inúmeros debates acerca da precariedade do sistema educacional e a impossibilidade de explorar essas questões na escola. Porém não esqueçamos dos possíveis desdobramentos possibilitados pelo próprio meio. Sabemos que ainda que nos faltem alguns recursos, como uma conexão de qualidade, por exemplo, é possível sim ser criativo e dinamizar a forma como o conhecimento é apresentado, uma relação mais próxima com as fontes por meio do uso de tecnologia pode tornar o ensino mais atrativo e esclarecedor.

Torna-se necessário destacar que o simples uso de ferramentas e a divulgação de um projeto desenvolvido nesse sentido, não pode ser confundido com a história pública. A discussão até aqui deixa claro que ela não é um produto, ainda que o presente trabalho esteja associado à prática docente. O mais coerente seria associá-la ao experimento de determinada postura com vistas a utilizar diferentes tecnologias no processo de ensino e divulgação do conhecimento histórico, transformando a sala de aula em um espaço vivo e engajado com os diversos campos de comunicação da história que estão em constante diálogo com a sociedade, levando em consideração os mecanismos que envolvem discursos, interesses e o impulsionamento dessas ideias na internet.

Hermeto e Ferreira (2021) destacam sobre os procedimentos necessários para o trabalho com as fontes, a relação história e memória, presente e passado, sendo a história pública mais uma maneira de acordar para a atenção ao tratamento no processo. “Perceber o “produto” enquanto processo é uma forma de recolocar as possibilidades da história pública no ensino” (HERMETO; FERREIRA, 2021, p.13) e aponta como exemplo e característica “A circularidade do conhecimento histórico potencializada pela exibição de um filme e pelos significados por ele gerados é um aspecto da história pública” (HERMETO; FERREIRA, 2021, p. 16), embora mediante críticas dos próprios historiadores, o que torna o trabalho com a mídia mais instigante.

Assim, o exercício não consiste em somente exibir o filme e colocá-lo como representante “fiel” dos acontecimentos, esta é uma prática metodológica bastante criteriosa. De forma semelhante, é como utilizar um quadro e saber que não é possível deixá-lo apresentar o enredo por si só.

Existe uma grande diferença entre visitar uma exposição artística e trabalhar com uso de imagens no ensino de História. Realizar uma exposição de imagens para explorar acontecimentos históricos requer um envolvimento muito sério de pesquisa e preparação. Portanto, não irei deixar de trabalhar com um quadro pelo fato de ele ser um plágio, por exemplo, ou ter sido encomendado, assim como também deixar de trabalhar com um filme pelo fato de considerá-lo desproporcional aos fatos. Trabalhar na perspectiva da História Pública é justamente aproveitar as potencialidades disponibilizadas pela internet, seja produzindo ou selecionando o que temos pronto, e através da pesquisa desvendar e explorar todos os questionamentos levantados, cruzar informações, analisar equívocos, realizar comparações, com a possibilidade de ofertar esses esclarecimentos para públicos mais amplos.

Mais uma vez devo apontar as contribuições dos instrumentos digitais em meio ao contexto de isolamento e, como bem já foi colocado, após isso o nosso saber fazer jamais será o mesmo. E, é possível considerar que a História Pública aliada aos recursos digitais pode proporcionar contribuições gigantes ao ensino de História, caso o planejamento das ações tenha um propósito bem delineado.

Quanto mais engajado o professor historiador estiver em relação às demandas sociais de sua clientela, mais ele terá como articular mecanismos para fomentar a aprendizagem de seus alunos. A escolha da temática não foi por acaso. É compreensível que as fontes e métodos são numericamente incalculáveis, porém é incrível o quanto a internet facilita o acesso, amplia as possibilidades e torna possível trabalhar de diversas formas. As dificuldades encontradas ao se trabalhar com as mais variadas fontes podem ser sanadas utilizando o meio tecnológico. Não estamos falando de preferências e sim de dinâmica, do formato atualizado, dos meios mais utilizados pelos estudantes e claro tudo isso a depender do mediador, a tecnologia por si só nada pode fazer.

As possibilidades proporcionadas pela *internet*, como o acesso a fontes e arquivos, são capazes de melhorar a conexão pela qual o professor é responsável por mediar e principalmente contribuir com as abstrações que viabilizam a compreensão do passado. Tudo que vem sendo pensado aqui envolve ensino, preferencialmente em um formato híbrido, e a capacidade de desenvolver mecanismos que possam facilitar a construção do conhecimento

que a história pública tem a função de potencializar. Trabalhar nessa perspectiva significa considerar diferentes narrativas desenvolvidas no tempo presente que discorrem sobre acontecimentos históricos.

Daí, a relevância de pensar sobre a relação História Pública, memória e tempo presente quando verificamos que hoje as pessoas usam as redes sociais para manifestar sua opinião e fazer conexões com diferentes situações pretéritas, nesse sentido torna-se interessante refletir sobre ações que visem o fortalecimento de novos significados e práticas de ensino socialmente positivas para a sociedade, trazendo ao discurso de forma necessária aquela velha questão de não repetir os mesmos erros do passado, ainda que na prática, e mediante o jogo de interesses, na maioria das vezes não funcione.

A relação anteriormente mencionada pode ser interessante no auxílio às lutas em prol de questões e pessoas durante muito tempo silenciadas. A memória é considerada fundamental para luta e resistência ao negacionismo e autoritarismo, funcionando como suporte à responsabilidade social que é também do historiador.

O formato democrático de produção do conhecimento em tempos de história pública abre espaço para a participação e atuação reflexiva de agentes sociais que ultrapassam o ambiente acadêmico. Podemos concluir que esse formato articulado pedagogicamente pode também impactar o nosso público escolar em específico. O conhecimento – saber profissional atrelado à memória e a uma linguagem menos centrada nas regras da academia seguindo o mesmo padrão de qualidade em critérios de informação - pode ser via de resistência e embate nas mais diversas manifestações antidemocráticas.

O ano de 2022, mediante todos os fatos e acontecimentos, foi a prova ocular da gravidade da desinformação relacionada ao contexto de pandemia: questões políticas, vacina, levantamento de fatos históricos de maneira distorcida, dentre inúmeras outras questões. Tivemos informações com as mais diversas intencionalidades, o que não seria tão grave se grande maioria das pessoas estivessem preparadas para interpretá-las e o mais importante investigá-las.

As notícias falsas causam recorde de audiência ao mesmo tempo que suscitam debates. Por algumas vezes, encontramos-nos com informações tão absurdas que checamos se é possível que alguém as leve em consideração. Porém não podemos esquecer que nem todos os internautas são dotados de conhecimentos históricos e habilidades investigativas; e não só acreditam como veiculam informações incoerentes. Nesse caso, as fontes estão disponíveis para verificação e, como acabamos de abordar, a *internet* proporciona uma enorme facilidade

para o acesso, daí a importância do incentivo à pesquisa para o desenvolvimento de uma cultura de veiculação autêntica e fidedigna.

Para finalizar essa discussão, devemos enaltecer a figura do historiador, que tem um delicado desafio na atualidade, o de contribuir através do ensino e habilidades investigativas para que não sejam propagadas inverdades e história falseada, o que deveria ser um dever de todo cidadão, porém na prática não é assim que caminha. Além do mais, entra aqui um sério problema de representação e entendimento. No mais, contrapor fatos, analisar minuciosamente, instigar à pesquisa, selecionar de maneira criteriosa e acima de tudo cuidar para que ocorra a difusão de ideias e informações de qualidade, esse é o ofício do profissional de História.

Hermeto e Ferreira (2021) compartilham com as ideias de Tardif (2002) quando afirma que o professor se constrói através das experiências acumuladas ao longo da jornada e das problematizações que surgem no caminho. O presente trabalho foi desenvolvido a partir de reflexões acerca da velha escolha metodológica que, embora com anos de experiência, sempre nos faz pensar sobre como fazer quando se vai desenvolver um tema. A prática passa por transformações e sofre influência do meio em que vivemos, mesmo diante das inúmeras possibilidades disponibilizadas.

Atualmente poucas são as mudanças inclusas nas nossas atividades. Daí, o interesse pelo uso de ferramentas como instrumentos que possam fomentar a aprendizagem por entender que estes são fenômenos extremamente presentes na realidade de todos e que, por diversos fatores, sejam eles positivos ou negativos, merecem uma atenção maior. Não se trata do uso alienado. Por tal motivo e diante do contexto no qual estamos inseridos, a opção por um aprofundamento maior sobre história pública e tudo que envolve ferramentas digitais. Fica explícito, portanto, que não é somente sobre a utilização de tecnologia, mas principalmente o desenvolvimento da criticidade sobre a qualidade do que se transmite, seja da escolha ou produção da informação e também sobre suportes que auxiliem a forma como o outro compreende essas informações, situações que envolvem um arcabouço de inúmeras outras questões a se pensar.

Temos consciência de que é possível desenvolver um trabalho em que o conhecimento possa ser construído de maneira plausível. Contamos com uma historiografia cada vez mais aberta às novas demandas sociais. Nesse contexto o historiador tem função de destaque: “O historiador e o professor de História são, dessa forma, moduladores do processo” (HERMETO; FERREIRA, 2021, p. 26).

Este trabalho visa despertar para a importância da seriedade em relação às informações históricas que vêm sendo veiculadas e principalmente à resistência ao compartilhamento de versões falseadas, utilizadas de maneira distorcida apoiadas em acontecimentos históricos. Abordar essas questões em sala de aula é de extrema importância. O uso do método da história comparada pode auxiliar a estabelecer conexões no intuito de levar o indivíduo a realizar comparativos e uma leitura adequada dos fatos. Gruzinsky (2001) compara o historiador a um eletricitista capaz de levar o indivíduo às inúmeras conexões a fim de constatar reais situações.

O olhar comparado se estende a um perfil com características analíticas, de maneira a verificar diferentes versões de forma fundamentada, comparando, cruzando e entrelaçando diferentes narrativas a fim de sanar certas distorções, visto que as sociedades formam uma rede de relações complexas que envolve um número infinito de elementos que fomentam as mais diversas opiniões em que a comparação pode iluminar a compreensão, sendo um excelente método que pode contribuir para o entendimento dos diferentes repertórios.

Os recursos digitais auxiliam e facilitam cada vez mais o trabalho do historiador, o acesso às informações, a comunicação efetivada via *chats*, *e-mail*, chamadas de vídeos, visita virtual. “Se a historiografia torna-se cada vez mais complexa e multidiversificada, multiplicam-se também os recursos para se lidar com esta crescente complexidade e com a diversificação permanentemente atualizada do trabalho historiográfico” (BARROS, 2014, p. 161-162).

Quanto mais incluirmos nos nossos debates e pesquisas questões sobre as problemáticas nas quais estamos envolvidos mais estaremos contribuindo para execuções melhoradas, tanto para quem veicula quando se constrói uma cultura consciente, como para quem interpreta. “Portanto, os sujeitos envolvidos na educação em História e nos processos em história pública devem estar atentos ao compromisso social da História, zelando para que seus saberes contribuam para dissipar qualquer sombra de fascismo e desrespeito aos Direitos Humanos” (HERMETO; FERREIRA, 2021, p. 27).

Até aqui buscamos balizar uma compreensão acerca da História Pública apontando exemplos de práticas para que fique clara a sua real intencionalidade, não sendo uma ferramenta e muito menos podendo ser resumida ao ato de divulgar, pois consiste numa tomada de consciência sobre a atividade em processo e tudo que pode ser feito utilizando o conhecimento histórico para contribuir para o desenvolvimento do indivíduo enquanto cidadão crítico e informatizado, estimulando-o à busca pelo conhecimento.

A alusão constante à *internet* e aos meios digitais se faz necessário pelo fato de que se antes o conhecimento era pensado e organizado para ser posto em um livro, hoje ele circula nas plataformas de comunicação. Temos historiadores e pessoas comuns abordando a história no *Instagram*, em canais no *Youtube*, *Twitter* e em vários outros espaços, utilizando a imaginação para chamar atenção do grande público. As ferramentas digitais entram nesta situação pelo fato de possibilitar ser configurada e transformada em instrumentos de ação que foram planejados e ali depositados os objetivos, dessa forma devemos considerar alguns mecanismos e elementos envolvidos como: conhecimento, criação, fator potencializador, comunicação e principalmente as intencionalidades.

Percebe-se que considerando o livro e as plataformas digitais como fatores de conexão entre os envolvidos na construção do conhecimento, o que muda ao longo dos anos são os métodos que levarão o indivíduo à compreensão do material, chegando à conclusão de que um estudo aprofundado que envolva todos esses elementos é de extrema relevância, principalmente para os historiadores profissionais que, por suas habilidades desenvolvidas ao longo da formação, têm o dever de contribuir para a construção de um conhecimento justo, politizado e, acima de tudo, consciente.

Adotar a postura de historiador público vem se mostrando cada vez mais necessário. Trazer debates, temas que se encontram em discussão nas principais plataformas e que, de certa forma, podem ser contextualizados e envolvidos nas aulas de História, fazer o uso de instrumentos digitais para impulsionar a compreensão de determinados assuntos ou até mesmo selecionar vídeos, apresentações no intuito de contribuir para um melhor entendimento das diferentes temáticas trabalhadas, são métodos que estão ganhando cada vez mais relevância na atualidade.

Portanto, a partir do diálogo com alguns autores sobre o ensino em tempos de História Pública buscou-se compreender as inúmeras possibilidades e contribuições. Ao se trabalhar nesta perspectiva, protagonizando e estreitando as relações com os novos espaços de aprendizagem, compreendendo que as decisões sobre como fazer, quais mecanismos, ferramentas e metodologias utilizar para colocar em prática aquilo que foi objetivado em planejamento, é de extrema relevância para a formação do nosso público e construção de um conhecimento mais engajado.

Estabelecer ligação entre História Pública e Ensino de História significa construir conhecimento através de uma linguagem mais familiar ao estudante, compreendendo as múltiplas formas de ensinar e aprender História nos diferentes espaços na atualidade, que não

se limitam à sala de aula, possibilitando a circularidade do conhecimento através do envolvimento em debates que perpassam esses espaços e atravessam o público escolar.

2.3 Atuação docente no ensino de História e o desafio de ensinar

Prost, em seu texto intitulado: *Os conceitos*, aponta que “Eles refletem a realidade e, ao mesmo tempo, dão-lhe forma ao nomeá-la” (2020, p. 131). É interessante abordar o conceito de tecnologia não no sentido de defini-lo, mas para utilizá-lo de maneira contextual. De acordo com Silva e Silva (2006), desde a década de 1940, existe um esforço em se tentar definir tecnologia. A escolha da definição a seguir dar-se-á na tentativa de um diálogo que melhor se aplique às questões aqui abordadas. Cabe, portanto, considerar a tecnologia como “[...] um conjunto de conhecimentos específicos, acumulados ao longo da história, sobre as diversas maneiras de se utilizar os ambientes físicos e seus recursos materiais em benefício da humanidade” (SILVA; SILVA, 2006, p. 386). Porém, o conceito mostra-se muito abrangente, sendo necessário analisar separadamente outros dois pontos - técnica e ciência -, visto que ambos estão imbricados e muitas vezes são confundidos como sinônimos:

[...] enquanto a tecnologia é um conjunto de conhecimentos práticos sobre como utilizar recursos materiais a favor da humanidade, a ciência seria uma série de conhecimentos teóricos e abstratos para o mesmo fim. A técnica por sua vez, é o esforço prático de dominar e utilizar os recursos materiais, apresentando-se como o conjunto de instrumentos e hábitos que tornam viável a produção e também os instrumentos de trabalho (SILVA; SILVA, 2006, p.387).

Na *Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*, Dieuzeide (*apud* SOARES, p.37, 1994) define tecnologia como um conjunto que compila ferramentas capazes de envolver o aluno com o objeto do conhecimento de maneira interativa, promovendo uma comunicação entre o indivíduo e as mais diversas fontes de conhecimento. São definições que se encaixam perfeitamente na temática da abordagem, visto que o que se delineia na presente pesquisa é um pensar metodológico que possa ser utilizado de maneira significativa, atentando-se principalmente para a parte que constitui esse objeto, que são os conhecimentos teóricos que embasam de maneira substancial uma prática verdadeiramente colaborativa no quesito conhecimento e sociedade.

Tratando-se do uso tecnológico, a internet passou a desempenhar papel primordial na vida das pessoas. Compreendendo os eventos como parte de um conjunto em que cada novo acontecimento é responsável por mudanças que afetam todo o sistema, esse processo é capaz de transformar e dá novos significados às coisas. Santos (2017) afirma que os

acontecimentos modificam a realidade, os conceitos, as formas de ensino, fazendo com que seja necessária uma reconstituição, quando compreendemos que os dispositivos, as metodologias e até mesmo o modo e os espaços de produção do conhecimento não se mantiveram iguais ao longo desses processos transformadores. Silva e Silva (2020, p. 147-148), também, destacam que essas transformações provocam expressões que clamam por estruturas próprias, necessárias por serem capazes de nortear com êxito de maneira ímpar dadas as especificidades do tempo e do espaço.

Na tentativa de compreender os movimentos e suas consequentes transformações, o conceito de espaço sob a ótica de Ramos (2021), é pensado a partir das relações como condição de existência. São as relações que constituem o espaço. Sem os movimentos, lutas e interações, o espaço, no pensar sociológico, não teria consistência. Quando o autor fala sobre o espaço em Lefebvre, referindo-se àquilo que é essencial no processo de constituição, ele inclui “[...] as crenças, imaginários e ideologias daqueles que produzem e praticam espacialidade” (RAMOS, 2021, p. 8).

Assim, espaço e corpo não se diferenciam, o espaço na presente abordagem - “os espaços online” - seria produto das mais diversas relações, sendo compreendido como um processamento e compartilhamento de ideias e concepções. O espaço de Lefebvre não existe materializado espontaneamente, ele é concebido em três dimensões “[...] que são a forma, a estrutura (ou relacional) e o conteúdo” (RAMOS, 2021, p.12), é produzido de maneira contínua e envolve objetos, sujeitos e suas mais diversas comunicações.

A reflexão sobre os conceitos de tecnologia e espaço fruto das representações construídas através das relações sociais e suas transformações se mostra interessante para o aprofundamento sobre as mudanças no ensino ao longo do tempo, seus métodos e a necessidade de reinventar-se. Afinal o saber docente é fruto de um processo de formação em constante construção e evolução, sujeito as mais diversas variações ao longo do tempo e espaço.

Visto que nossas práticas são resultados de um processo em construção altamente influenciável por vários fenômenos ao nosso redor e em constante curso, consequentemente nosso saber se modifica, cabendo-nos adaptá-lo através da compreensão dos novos movimentos e acontecimentos. O isolamento pode ser citado como exemplo de evento no espaço, e nas palavras de Santos: “Na verdade os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes ali mesmo onde estão novas características” (2017, p. 146). Nesse sentido, o cenário permanece, mas os homens manifestam novos interesses. O uso das tecnologias digitais, não somente no meio educacional mas em todos os âmbitos, vem passando por um

processo de adaptação e se apresentando como essencial para a interação entre as pessoas e o movimento da sociedade.

No mundo globalizado atual, as pessoas querem otimizar o seu tempo resolvendo as mais variadas questões através das telas com aplicativos inteligentes e precisos, mas ao mesmo tempo buscam por relações participativas.

Sabemos que o uso da tecnologia é um desafio não somente para a escola pública, mas para a escola privada e para todos os setores; ou seja, é um problema global e não algo próprio da educação. Porém trataremos aqui de duas problemáticas específicas do meio educacional. A primeira está atrelada à falta de conhecimento que fundamenta a aprendizagem e o trabalho com as ferramentas tecnológicas, pois entendemos que o uso não se resume somente à apropriação prática do meio. A segunda questão está relacionada aos espaços tecnologicamente fracos utilizados na maioria das vezes, e de maneira justa, como argumento de apoio para a não aproximação do meio com a educação.

Lucchesi e Silveira (2021) desenvolvem um diálogo sobre tais adversidades e para cada uma apresentam desdobramentos necessários a serem desenvolvidos com os quais concordo plenamente por serem coerentes com a realidade. Irei comentar algumas questões apresentadas pelos autores e acrescentar alguns pontos cabíveis partindo da própria experiência. Em relação a primeira situação, dialogam com Andreas Fickers, diretor do Centro de História Contemporânea e Digital (C2DH) da Universidade de Luxemburgo e, como sugestão para a aproximação, “Fickers aposta em um processo que descreve como *thinkering*, junção do inglês *tinker* (mexer, fuçar) com *thinking* [...]” (LUCCHESI; SILVEIRA, 2021, p. 34).

Assim, o “velho aprender na prática” aconteceria através da pesquisa ou do compartilhamento de ideias transformando a sala de aula no alvo dos experimentos. Trata-se de colocar em prática na melhor performance possível aquilo que faz seus olhos brilharem.

No contexto de pandemia, em reuniões pedagógicas sempre nos eram apresentados de maneira minuciosa modelos de experiências com uso de ferramentas tecnológicas no objetivo de estimular o desenvolvimento das ideias e consequentemente colocá-las em prática a fim de dinamizar a aprendizagem. Foi devido a essa prática que houve o despertar para pesquisa e inserção no fazer docente.

Foi, também, através do conhecimento de trabalhos desenvolvidos por historiadores utilizando os novos espaços on-line que o interesse por um aperfeiçoamento maior foi despertado, não no intuito de transformar-se numa *YouTuber*, mas de aproveitar melhor os recursos disponíveis, visto que de fato são práticos e dinâmicos, e se abster da

realidade não caracteriza um historiador professor contemporâneo. A complexidade social clama por profissionais educadores com uma postura investigativa e atualizada nos mecanismos que envolve a sociedade como um todo, capaz de dialogar de maneira crítica e aberta sobre diferentes situações e instigar semelhante comportamento naqueles cuja formação está sob sua tutela.

Sobre a segunda questão, devo lembrar alguns argumentos levantados por aqueles que não se sentem motivados ao uso das tecnologias, que é o fator compartilhamento de material. Por esse motivo, a necessidade de agendamentos prévios, e por último e não menos importante, a velha polêmica que questiona a falta de uma conexão de qualidade. Quanto a isso: “A categoria não depende de uma tecnologia específica, e tampouco necessita acompanhar o desenvolvimento tecnológico, de modo que a atualização constante não é pré-requisito para a sua realização” (LUCCHESI; SILVEIRA, 2021, p. 36).

A autora chama a atenção para a apropriação de uma postura substancial e não somente da utilização de maneira prática. O professor é protagonista de um público. Nesse caso o espaço escolar transforma-se em um ambiente em que é possível desenvolver iniciativas que ultrapassam o fator sala de aula e uso funcional, a fim de cultivar a formação de um aluno cidadão crítico mediante à tomada de decisões na sociedade.

A definição de tecnologia da forma como foi proposta no início do tópico está associada ao objeto no sentido de que a presente pesquisa tem total relação com metodologias no que se refere ao planejamento, análise e estudo de recursos e mecanismos que possam ser desenvolvidos em sala de aula. Trata-se aqui da busca pelo aperfeiçoamento em torno de um método que visa contribuir com questões pertinentes na atualidade.

Soares (2011) aborda a prática educ comunicativa e sua relação com a mídia e a educação para além da práxis, pensando a questão em diferentes âmbitos, com reflexões sempre associadas ao aperfeiçoamento da mediação e os benefícios que o entendimento sobre o assunto pode oportunizar no sentido de melhorar a leitura, a construção do conhecimento e principalmente a ampliação das possibilidades que podem proporcionar o aprendizado.

Para tal entendimento, é necessário compreender o domínio integral das mídias para que fique claro que não é somente sobre os mecanismos do uso prático, obviamente este também está incluso. Porém, o sentido maior está no entendimento da dimensão teórica que se estende ao uso, as problematizações que podem ser arranjadas em que o pesquisador explora de maneira sistematizada informações que antecedem à prática para então ensiná-la de maneira consciente. A teoria é, portanto, indispensável para a apropriação do conhecimento.

Soares (2011) destina uma parte de sua obra a questões sobre uma educação que possa suprir os anseios da geração contemporânea e consequentemente diminuir os índices de evasão escolar ou falta de interesse. Um dos argumentos apresentado como pertinente trata da inclusão de tecnologias da comunicação nas escolas.

Na mesma obra, a pesquisa: *Geração Interativa na Ibero-América: crianças e adolescentes diante das telas* aponta o Brasil como o país em que mais os jovens buscam uma interação social na internet de maneira independente e, em se tratando do meio educacional, a consulta revela que pouco são fomentados ou instruídos em relação ao ciberespaço.

Embora a pesquisa tenha sido realizada em 2011 e faça uma discussão que visava contribuir para a reforma do ensino médio, a análise mostra que uma pequena parte dos entrevistados são alunos com idade entre 6 e 9 anos, e o restante, que soma a maioria, com idade entre 10 e 18 anos, o que engloba alunos do ensino fundamental e ensino médio. Informação que, embora no contexto de pandemia tenha sofrido alterações, atualmente pode ter retornado a mesma escala, visto que, por experiência própria, nos anos de isolamento não tínhamos outro meio; por esse motivo, o uso de tecnologia foi articulado de maneira bastante positiva. Com o retorno presencial, as plataformas que foram configuradas para dar assistência aos alunos e os grupos de aprendizagem que foram formados para interação não são mais utilizados com a mesma frequência.

A realidade constatada na pesquisa mencionada é a de que os jovens estão utilizando cada vez mais a *internet* sem nenhuma instrução visto que mais da metade dos estudantes entrevistados declara o uso de maneira independente, sozinhos, sem o auxílio ou instruções que possam norteá-los. Vivemos atualmente em um mundo conectado, as pessoas estão utilizando os recursos digitais para as mais diversas necessidades, seja para se divertir ou para a busca de informações. O fato é que não existe de maneira consistente uma atenção voltada ao ensino sistematizado para o entendimento pleno de todos os parâmetros e ferramentas que englobam a internet.

O celular acabou por se tornar “companheiro inseparável” dos indivíduos que compõem a sociedade contemporânea, não há nenhum problema em estar se manifestando por meio das redes sociais sua opinião crítica, indignação, sua própria história, um problema presente na comunidade etc.

Enfim, utiliza-se a tecnologia hoje para os mais diversos fins como: gravar vídeos, mostrar o dia a dia, cultura, momentos importantes, postagem de fotos, fatos, notícias, chamar a atenção dos órgãos públicos, tudo isso sem maiores restrições. Todos os fatores possibilitados pelo meio tecnológico vêm contribuindo para a construção de uma cultura

própria do século XXI, em que as pessoas constroem seus posicionamentos de maneira bastante independente, embasados nas suas próprias pesquisas que são utilizadas como sustentáculos a fim de justificar suas convicções.

O contexto atual estimula os jovens à participação ativa de maneira justa e democrática no que se refere à integração e liberdade de expressão. Dessa forma, é imprescindível que a tecnologia tão presente na vida dos estudantes na atualidade seja “[...] igualmente, uma aliada do educador interessado em sintonizar-se com o novo contexto cultural vivido pela juventude” (SOARES, 2011, p.29), analisando o meio como um ambiente propício para a disseminação de suas contribuições, objetivando uma cultura digital ética e consciente que possa contribuir com o crescimento profissional e acima de tudo pessoal:

A educomunicação – enquanto teia de relações (ecossistema) inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas – não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente. Existem obstáculos que tem de ser enfrentados e vencidos. O obstáculo maior é, na verdade, a resistência às mudanças nos processos de relacionamento no interior de boa parte dos ambientes educativos, reforçada, por outro lado, pelo modelo disponível da comunicação vigente, que prioriza, de igual forma, a mesma perspectiva hegemonicamente verticalista na relação entre emissor e receptor (SOARES, 2011, p. 37).

Mais uma vez nos voltamos para o termo ação. É possível compreender que tudo está a depender das ações de um mediador, ainda que possamos utilizar um mediatório ferramenta, por trás do objeto existe um protagonista responsável por depositar ali suas expectativas e objetivos de maneira pragmática e inclusiva, questão que foi bastante analisada no tópico anterior sobre história pública e o ensino de História.

A conjuntura exige um historiador capaz de constituir uma pedagogia cujos métodos possam levar o aluno a analisar e a experimentar a mídia de maneira esclarecedora. A Educomunicação propõe uma atenção especial na promoção de experiências e intervenções com objetos que, na maioria das vezes, não são de origem do meio educacional, mas que tem relação com o conhecimento histórico e são levados para dentro do ambiente escolar através de diferentes meios e linguagens.

Nos dispositivos midiáticos, são veiculadas informações sobre questões que envolvem conhecimento histórico, ambiental, social dentre inúmeros outros com uma mistura de saberes e interpretações. Para que possamos desenvolver uma cultura de práticas comunicativas melhoradas, é necessária uma postura de intervenção que contemple conhecimentos teóricos para que possam ser assimilados e posteriormente executados na prática, ou seja, proporcionar um ambiente crítico, dinâmico e aberto através de um projeto

que possa ser desenvolvido no meio educacional que funcione como uma semente plantada no intuito de gerar bons frutos.

Soares (2011) dialoga com alguns autores a fim de conceituar o emprego do termo ecossistema comunicativo, caracterizando-o como os conhecimentos que assimilamos através das mais diversas linguagens e por meio dos dispositivos que nos rodeiam em que o desafio consiste, conforme já foi apontado, não somente em fazer o uso dessas tecnologias na educação, mas trabalhar a consciência crítica na escola, para que o aluno compreenda todos os fatores envolvidos e o poder de suas propriedades em relação à capacidade de moldar a percepção daquele que recebe a informação, ou seja, o poder das mídias no sentido de impulsionar intencionalidades.

Dessa forma, torna-se de extrema importância a compreensão teórica da dimensão do uso dessas ferramentas para uma interpretação coerente das mesmas. O professor-historiador, no uso das atribuições da história pública, deve acima de tudo ser um excelente pesquisador, que tenha uma noção teórica e objetivos bem fundamentados daquilo que deseja desenvolver, tanto no intuito de despertar para uma análise crítica, como em depositar seus saberes de maneira consciente no objeto que deseja explicar.

A compreensão dos mecanismos que possibilitam uma leitura crítica das mídias são basicamente os mesmos saberes que norteiam a sua produção. As ações promovidas no sentido de ampliar o entendimento e reflexão acerca do mundo que nos envolve no intuito de estimular a participação e a tomada de decisões coerentes é o que baliza uma das atribuições do profissional historiador no papel de interventor.

Soares (2011) coloca a ação como fator primordial para a área de mediação tecnológica, propondo o desenvolvimento do exercício com preocupações atreladas à influência da tecnologia, o uso público, democrático e participativo, pensando não apenas no domínio no que diz respeito à aplicabilidade, mas em projetos que possam contribuir com o meio social através do incentivo ao uso de maneira responsável.

O conjunto que engloba todas as questões aqui explanadas busca abranger o conhecimento acerca do uso prático e análise crítica da mídia em que os profissionais de História, em comparativo aos que não possuem uma formação acadêmica, têm uma tarefa mais comprometedora, no sentido de planejar ações que busquem o uso qualificado por parte de quem veicula, e uma leitura crítica e dialógica atentando-se para todos os efeitos que a mídia pode conduzir, desenvolvendo parâmetros que possam solucionar situações que se apresentam como problemas, o principal deles, as denominadas *fake News*, dentre inúmeras outras temáticas que podem servir de eixo norteador para o desenvolvimento de projetos,

sejam relacionadas a problemas que afetam o interior da instituição escolar como a indisciplina, bullying, ações para facilitar e impulsionar a aprendizagem, ou até mesmo questões próprias do convívio social de modo geral.

O ensino com a utilização de tecnologias digitais como instrumentos propulsores do conhecimento, deve ser acima de tudo significativo, atendendo às mudanças de uma sociedade moderna e globalizada, contribuindo para a construção de uma cultura de processos de interações saudáveis, formando pessoas que possam somar positivamente. Um modelo com métodos e recursos inovadores requer um certo tempo e investimento para que seja instituído de maneira padronizada.

Após uma longa jornada, chega o momento de refletirmos acerca das transformações. Aos poucos os ambientes passam por um processo de modernização encantador; no ambiente escolar, em se tratando de práticas, a situação não é diferente. Os professores, aos poucos e na medida do possível, estão buscando inserir o uso de tecnologias em suas atividades no objetivo de fomentar o interesse pelos assuntos explanados.

Lucchesi e Silveira (2021) chamam de processo de hibridização. Nas salas de aula, onde ocorrem os experimentos, a cada planejamento o pensar metodológico vai buscando práticas inovadoras que possam fazer a diferença. “O analógico e os modos de fazer tradicionais se misturam às novas práticas, no processo de experimentação criativa que caminha entre o experimento, o improviso e a invenção” (LUCCHESI; SILVEIRA, 2021, p. 45).

Quando falamos que a tecnologia sozinha não é capaz de causar grandes mudanças e que o mediador é o grande motivador, estamos afirmando que é exatamente sobre o que ele move para fazer seus objetivos acontecerem. A História Pública envolve movimento, ação e reflexão:

“[...] que tem mobilizado não só o campo da História mas também da Educação, da Comunicação, do Cinema, da Antropologia, da Sociologia, etc., e que tem estimulado um espaço dialógico e interdisciplinar cada vez mais intenso entre essas e outras áreas. Diversos sentidos e significados de história pública são discutidos em livros, artigos, congressos, seminários, o que demonstra o caráter polissêmico da expressão “história pública” (CALDAS, 2018, p. 19 *apud*, HERMETO; FERREIRA, 2021, p. 121).

A História Pública é, portanto, conduta, comportamento, mais precisamente ação. Durante o desenrolar do capítulo, e principalmente neste último tópico, foi possível compreender que a produção do conhecimento histórico acontece de maneira compartilhada e que o professor deve estar aberto para a troca de experiências e saberes que envolve todo um contexto em que os diferentes indivíduos estão inseridos, devendo ser considerado nesta

relação: o conhecimento que se compartilha nas instituições que é desenvolvido entre o professor e os alunos, o adquirido socialmente, que foi elaborado por diferentes produtores e para diversos fins, como uma novela ou um filme baseado em fatos históricos, mas que para além do conhecimento histórico está a depender da capacidade de análise e interpretação, e o ponto mais importante a ser considerado, o tratamento, a maneira como esse conhecimento é manuseado é que irá definir seu significado e qualidade.

A problematização geradora é um dos caminhos responsáveis por ensinar como analisar os fatos históricos e as mídias digitais que os veiculam de maneira consistente, considerando os diferentes fatores que levam os estudantes à formação de uma postura atuante e, acima de tudo, ética.

É importante estarmos familiarizados com os mecanismos do mundo globalizado compreendendo e levando a compreender como as informações são produzidas, podendo pensar e praticar projetos que levem em consideração tudo que foi discutido até aqui, dinamizando e facilitando o processo de ensino e construção do conhecimento histórico cujo desafio maior é: realizar levantamentos acerca de informações que sejam instigantes para aqueles que estão no processo interativo, e isso inclui, além do conteúdo, o formato.

É necessário, portanto, que os historiadores que possuem formação acadêmica tenham consciência da importância de assumir um posicionamento mediante os debates que ocorrem na esfera pública. Essa postura, que não se limita à discussão com seus pares, pode iniciar-se na escola com a possibilidade de ampliação. Pensando na integração dos espaços online de comunicação, diferentes questões podem ser trazidas, exploradas e esclarecidas dentro do ambiente de maneira contextualizada, relacionando memória, ensino e história pública, transformando o processo de construção do conhecimento histórico mais interessante.

Nesta análise, a discussão não está atrelada somente à autoridade, pois, como bem sabemos, cada um possui saberes diferenciados. Em uma pesquisa sobre a origem de um bairro, contaríamos com a participação dos moradores idosos que certamente seriam os maiores conhecedores de todo o processo, embora sem nenhuma formação. Sem um longo dinamismo de escuta e contribuição dessas pessoas, seria muito improvável que a escrita pudesse se desenvolver.

O que está em debate é principalmente a maneira como adquirimos o conhecimento histórico, ou melhor, como essa experiência está sendo apresentada ao público e como ela vem sendo recepcionada, pensando nas manipulações e seus efeitos, principalmente na realidade atual com a facilidade e rapidez com que as pessoas têm acesso à rede de informações, e o jogo de interesses que pode estar embutido por trás da utilização. O

uso ideologizado do passado no objetivo de garantir a manutenção da posição de privilégio de grupos menores, utilizando informações históricas de maneira distorcida e enganosa como forma de legitimar seus ideais, manifesta de maneira urgente o sentimento de responsabilidade dos historiadores e demonstra o quanto a história pública deve ser explorada no sentido de criar uma cultura questionadora de análise minuciosa das informações com o público que a profissão possibilita.

A escola é o local ideal para a aplicabilidade no ensino sobre essa mudança de olhar, é lá que essas demandas são manifestadas. Existe uma troca muito valiosa, o aluno vai para aprender, porém, leva consigo uma bagagem muito grande que em hipótese nenhuma deve ser desconsiderada. O ideal é que o professor tenha uma relação proximal e busque trabalhar de maneira engajada compreendendo que não há um saber que se sobrepõe e que o caminho mais acertado é estar combinando os mundos e os conhecimentos, aproveitando os potenciais de cada um.

Na introdução de seu livro *A escrita da história: novas perspectivas*, Peter Burke (1992) aborda o universo em expansão e a necessidade crescente de orientações acerca de uma nova história, que passa a ter interesse por toda atividade humana. Quando analisamos os novos espaços, consideramos a realidade como construção social que passa por um processo de transformação constante no tempo e no espaço, em que a preocupação passa a estar atrelada “[...] em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social” (BURKE, 1992, p. 13).

Essencialmente a pesquisa consiste em uma análise das estruturas, ou seja, do conjunto que compõe esses novos espaços que englobam, sociedade, mudanças, opiniões, representações, leitura, dentre outros aspectos. O estilo de abordagem aqui referendado busca discutir sobre questões relevantes a fim de uma aproximação maior, no sentido de compreender na sua integralidade um objeto que envolve e afeta a sociedade contemporânea.

A metodologia para o compartilhamento de uma ideia sempre foi decisiva, é ela que orienta sobre os caminhos. Falar de História com jovens nos moldes tradicionais talvez não encontre engajamento em uma sociedade midiaticizada. Atualmente as redes sociais conseguem participações em debates acerca de questões que envolvem o país bem mais do que a própria escola em uma sala de aula. Zanchetta (2021) faz uma crítica ao papel tímido do uso do rádio, cinema, televisão e jornal ao longo da história quando foi possível e necessário um aproveitamento maior em benefício da educação e não foi posto em execução. Acrescenta ainda que o mesmo enredo se repete em relação ao acesso à internet de forma orientada nas escolas.

É chegado o momento de refletir acerca do uso e principalmente sobre os conhecimentos estruturais que envolvem os mecanismos relacionados às tecnologias digitais de informação e comunicação, visto que os documentos e diretrizes educacionais apontam caminhos a serem desenvolvidos nessa perspectiva de inserção. A relação ensino de História, história pública e uso de ferramentas tecnológicas tem muito a contribuir no que se refere à interpretação das informações e processos que englobam percepção e contextos envolvidos confrontando através do método comparativo os diversos pontos de vista e veracidade das informações que apoiam os diferentes argumentos utilizados:

No caso da análise midiática, por outro lado, existe a necessidade de abordagem ideológica dos textos: há o traço da política, das tensões inerentes às diversas percepções acerca dos papéis exercidos pelos meios de comunicação; as individualidades; e as relações coletivas que de algum modo interferem na recepção (ZANCHETTA, 2022, p. 59).

Fica explícito, portanto, a importância do mergulho acerca de questões tão relevantes na atualidade, com vistas às contribuições tanto para o processo de ensino-aprendizagem como maneira de dinamizar e instigar o gosto pelo conhecimento histórico, como principalmente pela influência que tem no meio social e o seu poder de persuasão, o que torna necessário um estudo mais aprofundado das relações e composições dos mecanismos que envolvem as mídias digitais pensando no seu processo e não na simples utilização a fim de contribuir para uma formação crítica, ética e participativa, compreendendo a história pública na sua totalidade como um conjunto que envolve diversos fatores e critérios no seu processo de construção.

Apoiando-se nas ideias de Soares (2011), o mediador, que ao longo do texto foi denominado *Educomunicador*, é tratado como figura decisiva no processo que envolve as ações aqui denominadas a fim de melhorar a relação da sociedade com as mídias digitais, não pelo fato de concentrar total importância em detrimento do público, mas porque o desenrolar do que foi proposto depende do seu desempenho autêntico e protagonista com a participação ativa de sua clientela no ambiente que lhes é comum e apontado como local ideal por apresentar de maneira mais explícita essas demandas.

E, embora pareçam campos distintos, conhecimento histórico, História Pública e ferramentas tecnológicas têm uma forte relação no contexto atual e merecem uma atenção especial por parte do sujeito que, além de possuir formação acadêmica, tem preocupação com os rigores da academia e compromisso em compreender o poder potencial das mídias para muito além das habilidades práticas. É necessário sim estar familiarizado com as experiências que envolvem os nossos alunos. No entanto é a análise crítica e a capacidade de um

conhecimento amplo das várias dimensões que envolve a mídia que devem ser priorizados, conduzindo formas de compreensão acerca da importância da complexa relação teoria e prática, produção crítica e capacidade criativa.

3 A EXPERIÊNCIA DE ENSINAR E APRENDER: PRÁTICAS E SABERES

Esta não é um tipo de pesquisa que se restringe somente ao estudo teórico. Um dos principais objetivos do Observatório de Educação¹, programa pelo qual ingressei no curso de mestrado, que busca a qualificação dos professores da rede municipal de Fortaleza, é que o trabalho acadêmico dos integrantes tenha de alguma maneira impacto no desenvolvimento das atividades promovidas em sala de aula. “Acredito, pessoal e academicamente, que das práticas docentes surgem questões que podem ser pensadas à luz das teorizações aprendidas no espaço universitário” (COSTA, 2021, p.70). A frase citada resume as perspectivas e crenças atribuídas ao desenvolvimento deste segundo capítulo. As reflexões apresentadas são parte de indagações sobre as minhas próprias experiências vivenciadas e segue contribuindo em cada detalhe para o aperfeiçoamento e desempenho das minhas ações no que se refere ao uso de recursos tecnológicos no ambiente escolar.

Lima (2019), na obra *Dicionário de ensino de História*, destaca a importância de analisar a diferença entre práticas de ensino, centradas no saber fazer do professor; e métodos de aprendizagem, quando pensamos exclusivamente sobre tudo que envolve as formas de aquisição de conhecimentos pelo aluno.

Consideremos a aprendizagem como: “[...] a capacidade humana de adquirir, atribuir sentidos e transformar os conhecimentos existentes em novas e diferentes formas de pensar, comunicar, aprender e viver” (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 29). Conceitos diferentes, porém com o mesmo propósito: ampliar as condições no objetivo de possibilitar a compreensão e promover o aprendizado.

Ao longo do texto, levaremos em consideração os dois elementos, ensino e aprendizagem, como partes integrantes do processo de construção do conhecimento considerando o professor como mediador de ações que envolvem: tecnologia, análise crítica das mídias e dinamização dos formatos de construção do conhecimento que proporcionam a percepção das ideias.

Ao longo dos anos, passamos por um curso de amadurecimento em relação à sistematização do ensino, transitando entre métodos de aprendizagem, métodos instrucionais, método catequético com explanação oral, memorização, entre outros:

Os debates metodológicos da atualidade apontam para a necessidade de analisar os elementos constitutivos da aprendizagem: o poder da palavra – a força da narrativa

¹ <https://www.uece.br/propgpq/home/servicos-e-informativos/convenios-uece-sme-fortaleza/observatorio-da-rede-oficial-de-ensino-do-municipio-de-fortaleza-em-seus-multiplos-olhares/>

escrita e das informações dos meios de comunicação com seus “efeitos de realidade”; o poder das coisas – objetos, paisagens, museus, o poder das representações culturais – filmes, peças de teatro, músicas; o poder das atividades escolares socializadas – jogos, pesquisas, trabalhos coletivos, experiências (BITTENCOURT, 2019, p. 166).

Assim, os elementos constitutivos que consideramos desde o início da pesquisa, sobre eventos relacionados ao processo de transformação do espaço, são: as vivências no contexto pandêmico, a presença, influência e poder das tecnologias e dos novos espaços interativos na sociedade, pensando no desenvolvimento de um ensino que leve em consideração a relevância e possíveis contribuições do uso dessas ferramentas como métodos complementares para dinamização das aulas e principalmente para uma educação digital crítica e ética.

Torres (2015), em seu artigo intitulado *Aprender e ensinar história: o que nos contam os professores*, dialoga com autores e docentes para analisar os diferentes posicionamentos acerca da formação que receberam para exercer a profissão. Apoiada principalmente nas ideias de Tardif (2002), a autora evidencia para mudanças fundamentais no campo de pesquisa no que diz respeito sobretudo a abordagens sobre práticas e formação de professores, partindo da concepção de que o trabalho docente também é cenário de produção e não somente de execução de metodologias.

Sobre as mudanças elencadas e consideradas necessárias pela autora no ensaio, consigo visualizar, no trabalho que desenvolvo, uma semelhança em relação a questões que também considero importante nas abordagens dos pesquisadores que exploram temáticas sobre ensino-aprendizagem, como a colaboração entre pesquisadores, professores e escolas, para que cada vez mais as produções sejam proveitosas para o processo de ensino-aprendizagem de forma mais concreta.

Torres (2019) usa o termo utilidade em seu texto, para fazer referência à importância de reflexões críticas voltadas à prática e não somente sobre interrogações que nunca saíram do campo das ideias, afinal determinadas problemáticas surgem a partir de vivências e não antes delas. Santos e Filho (2019), em sua obra *Ensinar História no século XXI: dilemas e perspectivas*, também destacam o quanto a Universidade tem a contribuir com a escola nesse sentido, colocando os espaços em conformidade na construção de saberes, frisando a escola como campo privilegiado para parcerias nos cursos de graduação. “A meu ver, quando a escola busca parceria com a Universidade, ela não está dizendo “venham aqui fornecer saberes que não temos”, mas ela está colocando: “Vamos pensar em parceria?”; “Vamos pensar juntos?”; “Vamos construir conhecimento juntos?” (SANTOS; FILHO, 2019,

p. 21). Isso porque algumas questões só são possíveis de serem percebidas na atuação, “[...] não é possível ser professor antes de estar na escola [...]” (SANTOS; FILHO, 2019, p. 22).

Sobre o capítulo que segue, apresento as considerações acerca de questões e saberes que servem e são mobilizados para o exercício da prática docente, em que consideramos os conhecimentos curriculares, afinal o saber acadêmico é o ponto de partida. Porém, seguimos para uma análise da importância e contribuição de diversos outros fatores, como as nossas histórias de vida e profissional, que são tão fundamentais para a formação da nossa identidade, os espaços nos quais estamos inseridos, os contextos, as histórias e as nossas individualidades, que também são fontes determinantes para as nossas decisões relacionadas a práticas auxiliares ao processo de ensino-aprendizagem e principalmente para as nossas produções. Em se tratando do magistério, é muito importante investigar e escrever sobre algo que se utiliza e vivencia na prática, é através das nossas pesquisas que essas ideias se tornam coletivas.

O objetivo inicialmente é esclarecer que o ensino tem relação com as questões contextuais, não sendo possível definir ou caracterizar uma postura perfeitamente padronizada e sim um conjunto de excelências a depender de diferentes vivências e circunstâncias.

Na sequência, o relato de experiência tem a intenção de fazer uma breve apresentação de práticas consideradas bem sucedidas para um momento específico em que o uso da tecnologia foi essencial para a continuidade das nossas atividades curriculares, e que, mediante aspectos positivos para a dinamização e conjuntura que estamos experienciando, é lançada a possibilidade de darmos seguimento à utilização desses novos espaços de aprendizagem em um formato híbrido que mescle as diferentes metodologias e englobe o uso de ferramentas tecnológicas.

Por fim, este segundo capítulo leva em consideração o cenário atual em que a educação, a informação e o conhecimento não estão mais restritos às salas de aulas, argumentando em direção ao reconhecimento da necessidade de intervir de alguma maneira para uma inserção crítica dos nossos alunos nessa cultura digital, chamando atenção para a importância do ensino de História para a formação da consciência que atua também virtualmente, destacando a qualidade da mediação como fator essencial para uma boa educação digital e uma integração crítica e humanitária com as pessoas em meio ao uso dos novos espaços de interatividade.

3.1 A prática docente e os saberes experienciais

O ensino deveria ser condizente com seu tempo, contudo, por inúmeras razões as práticas docentes muitas vezes estão defasadas, ou seja, não acompanham as transformações. Mesmo com o avanço tecnológico a todo vapor, a utilização de instrumentos inovadores na prática, ainda, é bastante limitada, seja pela falta de equipamentos, por questões estruturais, de conexão, falta de habilidade, entre outros fatores.

Por mais que possamos contar com inúmeros mecanismos digitais, é possível afirmar que o livro didático, ainda, é um dos recursos mais utilizados em sala de aula. Esta afirmativa não é uma crítica negativa, o livro de fato é basilar para o aluno, porém sabemos o quanto é enriquecedor para o momento de aprendizagem contar com diferentes métodos que possam auxiliar e complementar.

O contexto social no qual estamos inseridos tem uma forte influência sobre as questões que pensamos e as atividades que desenvolvemos na escola, ambiente que, embora não acompanhe essa modernização de maneira eficaz, principalmente no que se refere à conectividade, vem sendo contemplado e aos poucos, alcança uma aproximação com o digital por meio de diferentes logísticas.

Não estou afirmando que boas condições estruturais e uso de diferentes ferramentas pedagógicas são fatores determinantes quando falamos sobre níveis de aprendizagem. Porém, é no mínimo inquietante nos encontrarmos no estágio de progresso e desenvolvimento tecnológico atual e não refletirmos acerca das práticas de ensino e da influência que a tecnologia tem sobre a vida das pessoas nos últimos tempos.

Não tenho a intenção de julgar o valor de determinadas práticas, mas de refletir e analisar a gama de possibilidades que hoje nos são ofertadas e que podem dinamizar o nosso ofício por meio de uma boa mediação, pensando também na inserção dos alunos nesta cultura digital de maneira crítica e esclarecedora, questão que há tempos vem se mostrando extremamente necessária em meio a um mundo digital marcado por *fake News*, informações deturpadas e posicionamentos negacionistas, questões que inclusive não são recentes mas que “[...] permanecem bastante atuais e relevantes para pensar as novas formas de comunicação proporcionadas pelas redes sociais digitais, que redimensionaram a velocidade de propagação e o alcance das notícias falsas nesta era da internet” (PRADO, 2021, p. 22).

Baseado em pesquisa, Soares (1999) aponta como sugestão do pesquisador Edson Garcia, algumas características essenciais ao perfil do novo profissional que denomina “educador”, um mediador que tenha “[...] capacidade para expressar saberes prévios e

mobilizar-se em negociações com novos saberes, especialmente no que se refere aos projetos tecnológicos da sociedade em construção” (SOARES, 1999, p. 58).

Ter conhecimento acerca dos mecanismos que movimentam a sociedade é necessário para o trabalho com qualquer período histórico, seja passado ou presente. Conhecer as problemáticas de um determinado contexto e abraçá-las, não no sentido de apoiá-las mas de descortiná-las, realizando os questionamentos pertinentes assim como fazemos com as fontes, é primordial. É impossível realizar uma leitura sem pensar ou analisar os mais diversos fatores circundados, não dá para falar sobre o uso de tecnologias digitais e os elementos envolvidos em sua logística sem ter um conhecimento prático e principalmente teórico mais aprofundado. É necessário compreendê-los na íntegra.

No contexto educacional, essa familiaridade é primordial para que possamos contribuir para com a formação das pessoas. A tecnologia atualmente colabora muito com o trabalho dos historiadores, no sentido de facilitar o acesso às fontes e a interação com o conhecimento histórico através dos mais diversos meios de comunicação, o que pode ser considerado muito positivo e democrático, mas que possui seus entraves quando passamos a analisar por outro viés, quando pensamos nos algoritmos ou quando entendemos que não temos acesso a tudo que é produzido.

Prado (2021) traz uma discussão de fundamental importância para compreensão dessas questões de aspecto negativo no que desrespeito às bolhas e filtros. Percebe-se, no entanto, que embora não sejam problemas atuais, esses espaços propícios a “*fake News*” encontram uma logística muito mais avançada e perigosa, o que faz com que nos sintamos responsáveis em desempenhar um ofício muito mais vivo e engajado na atualidade “Essa atuação deve ser orientada no sentido de contribuir para a compreensão dos referidos fenômenos e para o desenvolvimento de uma consciência histórica pela sociedade, bem como de demonstrar que fatos e opiniões não são equivalentes” (PRADO, 2021, p. 27)

Em relação ao consumo das informações, os filtros de personalização de conteúdo fazem com que cada usuário da internet receba recomendações exclusivas dos produtos e assuntos dos quais gosta ou pelos quais se interessa, bem como de pessoas e perspectivas político-ideológicas com as quais se identifica (PRADO, 2021, p. 25).

Sobre os saberes docentes busco compreender os principais aspectos que servem de base para o ensino e o que os professores de História mobilizam para o desenvolvimento do ofício, considerando que esses conhecimentos “[...] não provém de uma única fonte, mas

de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional [...]” (TARDIF, 2002, p. 21).

O objetivo é levantar uma discussão acerca da relevância dos diversos saberes que moldam a identidade profissional, compreendendo que esta aquisição de conhecimentos é constante, é influenciável por inúmeros fatores e muito característica do seu tempo. Farei uma análise reflexiva acerca dessa questão, pensando no desenrolar do ofício e na influência dos novos espaços e uso de tecnologias como instrumentos facilitadores do ensino de História, para o desenvolvimento de boas práticas em sala de aula na atualidade.

Monteiro (2007), em sua obra *Professores de História entre saberes e práticas*, dialoga sobre um questionamento que tem bastante relação com o objetivo almejado por professores em sua carreira profissional e é também uma das questões que move este trabalho, que é sobre como ensinar História de forma a despertar o interesse do aluno explorando o conteúdo de maneira significativa.

A autora investiga sobre quais metodologias os professores utilizam para ministrar suas aulas, como se caracteriza o saber fazer no que se refere aos movimentos cognitivos e práticos que os professores de História utilizam para transformar o conhecimento científico em algo acessível para que o aluno alcance aquilo que denominamos aprendizagem. As capacidades necessárias vão muito além do que é apreendido na academia, estão relacionadas a própria atuação do professor e às questões subjetivas que envolvem a sua longa jornada, história de vida e aprendizados pessoais. Todos esses fatores são mobilizados na tentativa de desenvolver um exercício coerente com aquilo que consideramos essencial para o processo denominado ensino-aprendizagem (MONTEIRO, 2007).

“O que é ser bem sucedido? O que é ser bom professor? O que é ser bom professor de História? São tantos, existem tantos bons professores. São aqueles mais comprometidos? São aqueles que sabem transmitir seus conhecimentos? São aqueles muito queridos por seus alunos? Ou é tudo isso junto ao mesmo tempo? (MONTEIRO, 2007, p. 34).

Responder a estas questões é uma tarefa de grande complexidade. Diversas pesquisas, inclusive, tentam delimitar um padrão com métodos que caracterizem uma boa prática relacionando à definição de um bom professor a um determinado modelo, porém sem sucesso. Diferentes turmas e contextos impossibilitam uma única estrutura porque somos seres ímpares e diversos. O fato é que não existe uma resposta limitada acerca do que define um professor de excelência, eles existem e são inúmeros, porém saber ensinar vai muito além do domínio de práticas.

Ensinar é, acima de tudo, socializar-se, envolver-se no mundo do outro em todos os sentidos, não é possível ensinar sem antes compreender a realidade que nos cerca. Portanto não se trata somente de métodos e sim do reconhecimento de uma teia complexa que envolve: conhecimentos diversos, contextos, histórias, experiências de vida e profissional, especificidades, percepções e individualidades.

É possível afirmar que alguns saberes e práticas melhoram a qualidade do ensino. Porém, não há uma limitação ou logística fechada, da mesma maneira que somos únicos também enxergamos as coisas a partir das nossas percepções individuais. O relato de um discente de uma turma de oitavo ano, em reunião com professores e alunos, em um momento de abertura ao retorno presencial no início do ano letivo de 2022, me tocou. O aluno expressou que determinado professor ministrava excelentes aulas presencialmente, mas no período em que mantivemos contato através das telas o referido docente não conseguiu administrar bem os recursos digitais, o que lhe impossibilitava de ministrar boas aulas, no máximo eles conversavam sobre os conteúdos nos encontros via *Meet*.

Através do relato foi possível saber mais sobre as dificuldades e desafios enfrentados e compreender que nem sempre a solução para o problema está ao nosso alcance de forma instantânea. O domínio de recursos tecnológicos poderia ter auxiliado a prática do professor e possibilitado a viabilidade do processo de ensino-aprendizagem, porém as adversidades fazem parte desse conjunto complexo que denominamos ensino, “[...] o ensino se desenvolve num contexto de múltiplas interações que representam condicionantes diversos para a atuação do professor” (TARDIF, 2002, p.49). Algumas situações de fato são desafiadoras.

É através das nossas experiências diárias, positivas ou não, do compartilhamento de ideias e das mudanças que ocorrem ao longo do tempo, que vamos nos aperfeiçoando e realizando adaptações necessárias às nossas ações, compreendendo e ponderando o que é interessante ser corrigido e melhorado.

O conhecimento adquirido pelo professor passa por um processo de transformação não no objetivo de modificá-lo, mas adaptá-lo, deixando-o propício à compreensão de seus alunos. E o mais importante: não é somente sobre a aprendizagem de conteúdos que estamos falando, é também sobre a nossa responsabilidade no auxílio e no propósito de uma leitura crítica de mundo e de todas as questões que nos cercam:

Não é sobre o domínio de conhecimento que eles falam, mas sobre as transformações vividas pelos alunos oriundas do seu trabalho, seja no sentido de desenvolver uma maior autonomia de pensamento e de possibilidades de leitura do mundo, seja nos aspectos de mudanças percebidas nos processos de inserção social,

é ver o resultado de sua atuação na formação da cidadania, na dimensão utópica da escola (MONTEIRO, 2007, p. 65).

A promoção de um ensino contextualizado, que desperte para o entendimento dos acontecimentos, contribui para o desenvolvimento de uma sociedade consciente e autônoma, com a formação de indivíduos caminhando com as suas próprias pernas na resolução de seus problemas.

Freire (1967) aponta a atividade reflexiva como fator chave para a tomada de consciência e uma participação efetiva na luta contra a opressão. A prática seria referente a auxiliar o indivíduo a situar-se. Mais importante do que fazer pelo outro é ajudá-lo a compreender, mostrando-lhes caminhos para que este tome suas próprias atitudes em meio à resolução de problemas individuais e coletivos.

A atividade reflexiva no sentido de avaliar as nossas práticas diárias se faz necessária para que possamos definir sobre como podemos contribuir para formação de cidadãos críticos. Ela é responsável por definir os caminhos que consideramos essenciais para proporcionar uma boa instrução. Portanto, a autoavaliação é primordial para que possamos melhorar sempre, não só em se tratando da instrumentalização, mas principalmente da qualidade da mediação que eu quero realizar. “Em várias outras ocupações – e esse é o caso do magistério – a aprendizagem do trabalho passa por uma escolarização mais ou menos longa [...]” (TARDIF, 2002, p. 57).

Assim, no decorrer da jornada, sentimos a necessidade de experimentar diferentes situações metodológicas. Ao longo do desenvolvimento do trabalho com uso de tecnologia no período da pandemia da covid, pude conhecer melhor os alunos, o espaço, os materiais e compreender as necessidades, por isso a inquietude pessoal é tão necessária. Embora o conhecimento seja adquirido de fontes diversas, a experiência tem valor de destaque, é através dela que aplicamos as nossas teorias, tanto as que são adquiridas na academia como as metodologias que coordenamos para administrar esses conhecimentos e promover a aprendizagem.

Interessante considerar a relevância da observação e incorporação de práticas que, por nos causar admiração, acabam se tornando nossas referências. Quando estudantes lembramos da postura de alguns professores que, de alguma maneira foram marcantes, como: letra, organização, maneira de falar e tratar o outro. Tenho uma lembrança traumatizante de uma professora do ensino fundamental bastante exigente. O diálogo com ela era quase impossível, por estar sempre mal-humorada e tratar os alunos de maneira ríspida. Assim como, também, tenho memórias de professores que me inspiram até hoje.

Transitamos entre as demandas sociais e aquilo que consideramos adequado para alicerçar as nossas práticas. É isso que fazemos constantemente, avaliamos as nossas atividades, verificamos os recursos e métodos disponíveis e vamos incorporando-os na medida do possível. Após a realização daquilo que planejamos, é possível fazer um juízo de valor, assim como também perceber falhas e o que pode ser feito para repará-las e melhorar a experiência.

O processo que molda a nossa identidade profissional é contínuo e envolve diversas razões, condições e vivências. Em se tratando de ensino, algumas práticas são adotadas por uma longa jornada, e muitas vezes não é por falta de interesse em inovar, é porque elas dão certo. Nós as sentimos como necessárias e mentalizamos que o nosso público não pode deixar de passar por determinado aprendizado, quando, por exemplo, um filme é pensado sempre que ministramos determinado conteúdo. É através das experiências do dia a dia que lapidamos o nosso saber docente.

A formação da nossa personalidade profissional está relacionada a inúmeros fatores, principalmente experienciais. Na maioria das vezes, a academia prepara com excelência os professores em termos de conteúdo, porém ter conhecimento e saber socializá-lo principalmente para jovens, são coisas completamente diferentes.

Quantas vezes escutamos relatos de boas práticas e pensamos em aplicá-las; uma vez em um curso de formação de professores, escutei o relato de uma prática simples. Consistia em ministrar uma aula sobre as grandes navegações. Ao falar sobre as especiarias, além de exibi-las em *slides*, a ideia era apresentá-las aos alunos de maneira concreta. Fui ao mercado e comprei o que tinha disponível: canela, gengibre, açafrão, pimenta, cravo, dentre outros temperos. Organizei tudo em saquinhos para que os alunos pudessem manusear e compreender melhor seu valor e função no contexto da época. Foi uma prática simples, mas muito bem-sucedida.

É assim que nos tornamos “bons professores” ou nos sentimos bons profissionais, quando refletimos sobre as necessidades dos nossos alunos descobrindo as melhores formas de socializar e construir conhecimento, quando buscamos executar com destreza uma função que a cada dia se mostra mais relevante, quando procuramos desempenhar um ensino que promova uma aprendizagem significativa. Saber ensinar é entregar-se a novas práticas, fazer experimentos baseados em relatos de profissionais que já executaram e obtiveram sucesso, é estar planejando para sair da zona de conforto, pelo menos algumas vezes no decorrer do ano letivo.

Os saberes que orientam as nossas atividades mudam conforme realidade e contexto. “Professores e alunos são sujeitos, portadores de visão de mundo e interesses diferenciados, que estabelecem relações entre si com múltiplas possibilidades de apropriação e interpretação” (MONTEIRO, 2007, p. 82).

Práticas exitosas realizadas há cinco anos continuam fabulosas, porém devo compreender também que, à medida que o tempo passa, outras demandas vão surgindo e o ideal é estar aberto à comunicação com diferentes possibilidades. O mundo encontra-se em constante movimento, é necessário que estejamos aptos a conhecer e acompanhar esse movimento com flexibilidade. Os saberes que nos moldam profissionalmente mudam porque:

[...] são também temporais, pois são abertos, porosos, permeáveis e incorporam, ao longo do processo de socialização e da carreira, experiências novas, conhecimentos adquiridos durante esse processo e um saber-fazer remodelado em função das mudanças de prática e de situações de trabalho (TARDIF, 2002, p.106).

No início desta pesquisa, compreendemos a tecnologia como um conjunto de conhecimentos e mecanismos práticos utilizados a fim de facilitar o desenvolvimento das nossas atividades e uma melhor comunicação dos assuntos explanados. É possível compreender a importância daquilo que utilizamos para o desdobramento de nossas ações, quando percebemos a necessidade de instrumentalizar de alguma forma, seja com gestos, comparações, comportamento, análise reflexiva, esquemas mentais, desenhos no quadro. Não necessariamente essa instrumentalização tem a ver com recursos materiais, ela está relacionada a tudo que é pensado no intuito de impulsionar o conhecimento e melhorar o processo de ensino-aprendizagem “A “tecnicidade” é, portanto, inerente ao trabalho” (TARDIF, 2002, p. 117).

A “tecnicidade” está direcionada à coordenação mental das ideias. Porém, pensar acerca da instrumentalização e uso de recursos também tem seu grau de importância e faz parte do processo. O trabalho aqui desenvolvido não se resume à análise da concepção técnica do ensino, muito pelo contrário, em outros momentos essa mesma questão foi levantada.

Nesta pesquisa buscou-se abordar a intervenção que pode ser feita, aquilo que o mediador pode fazer com o material ao seu dispor. O foco está na importância de como ele irá se apropriar para então executar aquilo que foi planejado, deixando claro que o que interessa é a maneira como o professor historiador irá coordenar a adequação da ferramenta em prol de seus alunos. Lembrando principalmente que esses recursos não são neutros, como bem colocou a professora Dr. Aléxia Pádua na conferência de abertura da II Mostra de Ensino de História e Práticas Docentes sobre ensino de História e mídias digitais, quando fala sobre

tecnologias e destaca que não é só um recurso ou ferramenta, trata-se de um artefato sociotécnico que pode mudar a nossa cognição. Por esse motivo merecem atenção e uma boa mediação quando utilizado. Ainda sobre o ensino e a coordenação dos meios e das ideias:

[...] ensinar é utilizar, forçosamente, uma certa tecnologia, no sentido lato do termo. Noutras palavras, a pedagogia corresponde, na nossa opinião, à dimensão instrumental do ensino: ela é essa prática concreta, essa prática que está sempre situada num ambiente de trabalho, que consiste em coordenar diferentes meios para produzir resultados educativos, isto é, socializar e instruir os alunos em interação com eles, no interior de um determinado contexto, tendo em vista atingir determinados objetivos, finalidades, em suma, determinados resultados (TARDIF, 2002, p. 118).

Nossas práticas passam por adaptações e transformações, um processo cumulativo de melhoria no aprendizado, ou seja, uma qualificação contínua daquilo que fazemos. Se antes se falava de inovação no ensino com incremento da tecnologia, hoje pensamos em uma análise criteriosa das mídias e seus mecanismos para sua exploração no meio educacional. Portanto a importância vai muito além da utilização em si.

É necessário destacar, também, que as nossas práticas estão associadas às necessidades, contextos e diferentes condições. Quando falo em acúmulo não significa que temos um espaço a ser preenchido, como bem coloca Tardif (2002, p. 105) “[...] a consciência profissional do professor não é um reservatório de conhecimentos no qual ele se abastece conforme as circunstâncias; ela nos parece ser amplamente marcada por processos de avaliação e de crítica [...]”, a nossa consciência como próprio nome sugere coordena as nossas ações, avalia, estuda exatamente o que é necessário, após uma análise interpretativa intrapessoal é que tomamos as decisões.

É muito sobre o que faço e externo nesta pesquisa, refletir sobre questões atuais com o objetivo de ampliar meus conhecimentos e adquirir competências necessárias para um melhor desempenho do meu exercício, não só em relação a ferramentas e instrumentos concretamente; mas antes disso, refletir sobre o quanto os novos espaços interferem na aprendizagem e na vida das pessoas, e quais caminhos podem contribuir para o aperfeiçoamento da minha prática e o quanto o meu agir pode gerar mudanças positivas na sociedade, acreditando que essas interferências irão respingar em futuras opiniões e atitudes tomadas no âmbito social.

A ação do professor no papel de mediador principalmente nos dias atuais em que a tecnologia amplia as participações, exige ainda mais um bom desempenho na prática de sua função para que seja compreensível a importância do desenvolvimento de atividades que

explore nos alunos a habilidade de “[...] se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas” (TARDIF, 2002, p. 50).

Compreendendo que a História tem uma função diferenciada e de grande relevância no processo de formação da consciência social, questão que precisa muito ser explorada quando pensamos nos “*Fake News*” que são diariamente veiculados ou quando presenciamos discursos sendo utilizados de maneira deturpada para exaltar, por exemplo, o golpe militar de 1964, apontando-o como “benéfico e necessário” no contexto que limitou a democracia e desrespeitou os direitos humanos no Brasil.

No cenário atual, o professor de História tem a missão de contribuir através do ensino com a tomada de decisões conscientes, não por estar com a verdade, mas por ter o conhecimento e a habilidade investigativa que leve o aluno à aprendizagem de uma leitura coerente dos fatos. O trabalho consiste principalmente na ação, porém é na reflexão que coordenamos os rumos e estruturamos a nossa prática, é por meio dessa união ação/reflexão que desenvolvemos um ensino crítico, capaz de desvendar incertezas no sentido de verificar as reais intencionalidades ou contexto envolvido acerca de determinadas abordagens.

O cuidado e a responsabilidade em relação ao desenrolar da função educadora são manifestados em cada planejamento. Embora não estejamos no controle de tudo, cabe ao mediador proporcionar e estimular da melhor forma o processo de ensino-aprendizagem. No dia a dia esse é um fator que nos inquieta bastante. Então fica evidente o quanto questões que nos rodeiam interferem na nossa tomada de decisões como professor e principalmente historiador. É verificando os acontecimentos, opiniões e atitudes que percebemos o que é possível fazer para contribuir de maneira positiva.

Veicular uma informação para alguns é só um repasse, porém algumas questões me fazem realizar a seguinte reflexão: diversas ideias absurdas são encaminhadas por determinados indivíduos porque estes não receberam uma formação adequada para conseguir lidar com esse tipo de informação proporcionada pela *internet*; ou quando vejo alguma postagem preconceituosa, imagino que aquela pessoa precisaria adquirir uma visão mais aprofundada sobre o assunto na possibilidade de fazer uma interferência mais justa.

Tais relatos exemplificam o quanto os nossos saberes sofrem interferências e assimilam vários acontecimentos ao nosso redor. Assustei-me como historiadora ao ver determinado político fazendo homenagem a um indivíduo que, do ponto de vista histórico, tem uma representatividade muito negativa e me assustei mais ainda com o fato de algumas pessoas aprovarem determinado feito sem maiores problemas.

A *internet*, ainda, que possibilite inúmeras formas de acesso à informação e ao mesmo tempo abra fronteiras para que todos possam opinar, é assustador alguns pontos de vista, algumas críticas que adoecem e até matam, bem como algumas questões inconvenientes e invasivas ao extremo. Portanto, como acadêmicos e historiadores temos uma missão que espontaneamente percorre por vários campos: educativo, político, social, emocional, dentre tantos outros. Por isso, afirmo que nossos saberes são experienciais e existenciais por ter relação com o contexto, com a nossa história de vida e com questões que nos afetam diariamente.

Marrera e Souza, em artigo, discorrem sobre a tipologia da consciência histórica em Rüsen e relatam sobre a função que a história exerce na vida prática do ser humano para compreensão do mundo, tomada de decisões e realização de escolhas, destacando posteriormente que a razão “[...] é aquilo que norteia o indivíduo para sua formação da consciência histórica, proporcionando-o se perceber como um sujeito-histórico, inserido em determinado contexto, com valores sociais instituídos e com um aparato legal e moral a ser seguido” (2013, p. 1074). Os autores apontam uma estrutura que divide a consciência histórica em quatro categorias, defendendo que é através delas que cada um desenvolve seu entendimento e elabora suas interferências sobre o mundo e as pessoas que os rodeiam.

História, ciência e os acontecimentos cotidianos se envolvem em uma realidade em que as páginas querem produzir conteúdo e estimular engajamento. Como educadora, entendo que podemos contribuir em todos os sentidos, auxiliando com a interpretação das diferentes mídias com as quais trabalhamos, seja ela um filme, uma imagem, vídeo curto e principalmente as questões que são levantadas na internet. Acredito que muitos de nós já fazemos isso.

Ensinar História inclui a realização constante de uma leitura de mundo e o acompanhamento através da forma como o conhecimento é construído. Atualmente as pesquisas, o conhecimento histórico ou as informações, são veiculadas em formatos diversos, são inúmeras páginas de caráter educativo, “curiosidades históricas”, dentre outros conteúdos educacionais. Porém, sendo o acesso facilitado, o compartilhamento das ideias e a interação acontece com mais fluidez e sem filtros.

O excesso de informações, ao mesmo tempo que pode ser considerado positivo, por outro lado pode dificultar o acesso a conteúdo de qualidade. O uso de tecnologias transformou as relações sociais e a maneira como as pessoas interagem de modo que pensar e desenvolver questões sobre isso é muito importante.

Sobre esse entrelace que compõe os saberes dos professores, convém lembrar que o interesse pela temática e a atividade reflexiva sobre questões que envolvem as diversas facetas que já foram descritas, resulta de uma longa vivência compartilhada com os colegas, mais especificamente nos anos de 2020 e 2021, experiência que foi prolongada por um bom período, quando mudei de escola e não tínhamos uma estrutura basilar para o retorno; dessa forma adotou-se o formato híbrido.

A construção desse trabalho é fruto exatamente de um processo avaliativo, autocrítico sobre como melhorar a minha prática, sobre como me fazer mais compreensível; é também fruto de uma atividade reflexiva sobre o impacto das tecnologias na sociedade e principalmente sobre a formação do nosso público escolar em específico, que, embora tenha habilidade manual, apresenta poucos conhecimentos dos mecanismos e reais intencionalidades envolvidas no processo. Faz parte da intenção melhorar a prática fazendo uso de ferramentas que possam contribuir, mas, acima de tudo, estabelecendo objetivos e critérios qualitativos, pensando na inserção dos alunos de maneira crítica na cultura digital e no papel do ensino de História nesse processo que envolve o uso de tecnologias digitais como instrumentos propulsores do conhecimento na atualidade.

Uma definição consultada em dicionário aponta o termo experiência² como *“conhecimento ou aprendizado obtido através da prática ou da vivência: experiência de vida; experiência de trabalho”*.⁶ O uso de tecnologia no contexto de pandemia foi um experimento que envolveu muita aprendizado, observação, prática, pretensões e dificuldades.

Através das telas as coisas aconteciam, cada evento on-line me surpreendia pela qualidade dos conteúdos apresentados, refiro-me tanto ao desempenho dos alunos como dos professores. Certamente essa não foi a realidade de todos os ambientes educacionais do contexto, mas na escola de tempo integral na qual estava lecionando as atividades eram planejadas e muito bem direcionadas, experiência que posteriormente será relatada.

A meta semanalmente era planejar fazendo uso de recursos tecnológicos. Por mais simples que fosse o método, a intenção era movimentar os alunos e fazê-los participar. Compreendíamos, por exemplo, a forte presença do celular no cotidiano do educando juntamente com o uso do *WhatsApp*. A questão era: o que fazer para aproveitá-lo naquele momento? O que produzir para explorar determinado conteúdo? E, por fim, por que tanto falo no contexto epidemiológico? Porque foi neste período que todas essas questões foram despertadas, foi devido ao fato de estarmos afastados que tivemos que pensar, que fomos

² Ver <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/> Acesso 09 de março de 2024.

instigados a realizar uma leitura de mundo, uma análise de tudo que estava acontecendo. E, não nos sentimos impossibilitados é porque tínhamos ao nosso dispor meios que através de adaptações, ajuste e a criatividade de cada um pode servir de ponte para a comunicação.

Ao longo do tempo, os acontecimentos fazem com que tenhamos que nos adaptar, através da experiência vamos nos ajustando, percebendo as necessidades e o que é possível que façamos para melhorar a realidade que nos cerca.

Atualmente refletir sobre o uso de mídias em sala de aula é pensar sobre as suas potencialidades para o ensino, bem como sobre a sua influência, produção, desconstrução, comparação de narrativas veiculadas e compreensão das dimensões e da modulação de que a internet é capaz. Portanto tudo isso que foi mencionado é definidor para aquisição e mobilização dos saberes que acredito ser necessário coordenarmos para proporcionar o aprendizado dentro do contexto no qual estamos inseridos.

3.2 O papel do ensino de História e o uso de tecnologias

Segundo informações apontadas em pesquisa sobre formas de conexão às novas tecnologias, entre os anos de 2014 e 2015 o celular é citado como principal ponte de acesso “[...] alcançando a marca de 92,1% entre os domicílios com internet [...]” (LUCCHESI; MAYNARD, 2019, p. 180). Por conseguinte, os dados coletados apontam que mais da metade da população teve acesso à *internet* naquele período.

Sobre a ampliação da inserção da sociedade nesses novos espaços, diferentes interpretações são compartilhadas por outros autores, como Soares (1999), que destaca não ser possível ignorar as tecnologias no cenário no qual estamos inseridos devido a sua proporção e Barros (2013), quando afirma que o novo contribui de forma positiva ao existente, pois hoje convivemos muito bem com o livro impresso e o digital, ressaltando o quanto os novos recursos podem agregar se aliados aos que já utilizamos costumeiramente:

Diante disso, nos parece sensato pensar que a escola não pode ficar fora dessa discussão. E, na realidade, o cotidiano escolar já está bem imerso nisso, uma vez que seu público-alvo, sobretudo aqueles alunos e alunas nascidos no final dos anos 1990 para cá, já cresceu identificado com a geração que Marc Prensky (2012) chamou de nativos digitais (LUCCHESI; MAYNARD, 2019, p. 180).

As autoras dialogam com propostas que inclusive também já foram lançadas aqui, como a integração da utilização de ferramentas tecnológicas através de experimentos e iniciativas no dia a dia desenvolvidas em sala de aula, visto que obviamente não existe um modelo pronto a ser seguido. Portanto, não há pelo que esperar, é “mãos na massa” mesmo.

Uma segunda sugestão seria a combinação de práticas usuais com novas incluindo as tecnologias num formato híbrido.

O modelo híbrido foi experimentado no final da pandemia nas escolas e continua a se materializar quando o professor, por exemplo, propõe uma atividade nos grupos de aprendizagem, como a análise de um vídeo, de uma imagem, realização de atividade por meio de *link*, ou mesmo uma pesquisa que posteriormente pode ser discutida em sala; os *blogs* e grupos de aprendizagem das escolas são as principais pontes de conexão e possibilitam a continuidade deste formato, sendo ainda muito utilizados para indicação de leituras, links e avisos.

A inserção dos alunos na cultura digital, não significa abandonar o formato como trabalhamos até hoje, mas incorporar aos poucos e na medida do possível realizando interferências necessárias coletivamente, fazendo uso de tudo que possa agregar ao processo:

Contudo, o que propomos, em consonância com o título do verbete, é também um experimento, assim resumindo: a sugestão de que a adoção de uma postura (mais) aberta, lúdica e especulativa em relação à tecnologia pode resultar em efetivos ganhos para o letramento histórico e digital de todos os sujeitos envolvidos na relação de ensino e aprendizagem hoje em dia (LUCCHESI; MAYNARD, 2019, p. 180).

Considero as ferramentas tecnológicas como instrumentos propulsores do conhecimento, que dinamizam e qualificam os mecanismos de ensino, pensando principalmente no aproveitamento de potencialidades capazes de promover uma melhor compreensão por parte dos alunos em relação ao processo de construção do conhecimento que é veiculado na *internet*, para que este possa inferir e traçar ligações entre diferentes contextos e acontecimentos. Tudo que é movimentado em prol do aprendizado deve ser anteriormente planejado, considerando a resolução dos conflitos que os cercam, assim como a certeza de que o historiador, através do seu ofício e de habilidades relacionadas a uma análise coerente das fontes, pode contribuir com a leitura de mundo e intervenções no propósito de solucionar problemas que afetam a sociedade.

A promoção de um ensino crítico possibilita contribuir para o processo de construção do que chamamos de consciência histórica “[...] expressão utilizada contemporaneamente para designar a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência” (MARTINS, 2019, p. 55).

Hoje, com os novos espaços e formas de explorar e divulgar o conhecimento, considerando que a História Pública junto à *internet* acabou por popularizar essas atuações,

temos cotidianamente uma enxurrada de informações que influenciam a tomada de decisões, a própria consciência, a forma de compreender e inferir no meio social. O ensino de História tem nesse processo muito a contribuir.

Quando percebemos que a desinformação motivada por diferentes fins vem causando problemas, na verdade sempre causou; hoje, porém, com a capacidade de proliferação possibilitada pela internet, o alcance toma maiores proporções e numa velocidade que foge do controle. Dessa forma ou se pensa em um saber crítico que possa auxiliar na análise interpretativa ou continuamos com o desconhecimento.

Possibilitar a compreensão dos conteúdos é fundamental e move o desenvolvimento dos objetivos na organização de uma aula. Coordenar mecanismos fazendo com que o ensino seja significativo ao ponto de o aluno conseguir fazer conexões e participar de debates de maneira crítica sobre questões atreladas ao seu dia a dia e ao meio social, é um desafio.

Sobre o assunto Peter Lee afirma que: “Nossos interesses dirigem nossa compreensão histórica, a qual, por sua vez, permite que nos orientemos no tempo” (2006, p. 135); embasado nas ideias de Rüsen, o autor dialoga sobre a importância de considerarmos o conhecimento como parte da vida do indivíduo e não tratá-lo como fatos isolados como condição para a construção de uma boa estrutura histórica que possa ser considerada realmente aproveitável:

A UHF deve ser uma estrutura aberta, capaz de ser modificada, testada, aperfeiçoada e mesmo abandonada, em favor de algo mais, de forma que os alunos sejam encorajados a pensar e refletir sobre as suposições que fazem ao testar e desenvolver sua estrutura. Diferentes alunos sairão da escola com diferentes estruturas (LEE, 2006, p. 147).

Portanto, compreender História, o conhecimento, perceber, captar, assimilar o mundo e as relações que nos cercam e posicionar-se, estaria diretamente imbricado em uma teia extremamente significativa, que envolve o que caracterizamos como uma aprendizagem capaz de nortear e contribuir para a formação da consciência histórica, elementos importantes para interação numa sociedade hiperconectada e permeada de desinformação. A partir de qualquer etapa de ensino, é possível contribuir com esse processo educativo para o uso das mídias de diferentes maneiras, quando estivermos conscientes de que a educação digital deve estar inclusa nas nossas práticas, teremos uma capacitação maior na utilização de ferramentas tecnológicas de maneira ética por parte do nosso público.

Educar para o uso de tecnologias não é somente ensinar sobre os manuseios ou ampliar os métodos como forma de inovar. A leitura das informações que circulam na rede

hoje requer muito mais do que uma interpretação textual simples, necessita de uma observação cuidadosa e análise investigativa. A consciência histórica nesse sentido ganha uma ampliação em seu nível de importância e utilidade, ela será estendida e pensada também para atuar nos novos espaços digitais:

Há mais na história do que somente acúmulo de informações sobre o passado. O conhecimento escolar do passado e atividades estimulantes em sala de aula são inúteis se estiverem voltadas somente à execução de ideias de nível muito elementar, como que tipo de conhecimento é a história, e estão simplesmente condenadas a falhar se não tomarem como referência os pré-conceitos que os alunos trazem para suas aulas de história. Aqui a pesquisa tem algo a dizer (LEE, 2006, p. 136).

O autor aponta através de dados coletados em pesquisa com alunos de escolas com departamentos de História bem-sucedidos, depoimentos para falar sobre princípios determinantes do aprendizado em que as respostas para os questionamentos realizados foram bem limitadas, por exemplo quando questionados sobre temas abordados nas aulas ou sobre a própria história do seu país, as respostas são desordenadas e pouco se conectam. As falas dos estudantes me fizeram lembrar nossas frustrações cotidianas quando perguntamos sobre o aprendizado dos alunos a respeito de algum conteúdo que foi estudado ou quando fazemos uma retrospectiva para que eles lembrem assuntos trabalhados no ano anterior e as respostas, na maioria das vezes, são questões ou fatos isolados sem qualquer conexão.

Sobre o assunto o autor destaca que na pesquisa os teores das respostas apontam que qualquer conexão ou referência que os alunos precisassem reportar para realização de análise comparativa, esse conhecimento não estaria estruturado para funcionar como instrumento de orientação adaptável a diferentes situações:

Mas, mesmo que os alunos tenham um senso de que o conhecimento histórico é possível, junto com algum entendimento de como os historiadores organizam e explicam o passado, isto não promove, neles mesmos, a estrutura substantiva que os alunos precisam para orientação. É claro que, se estiverem equipados com um kit de ferramentas intelectuais para se surpreender com as discordâncias dos historiadores, e não esperarem considerações históricas para espelhar o passado, terão alguma chance de desenvolver um “grande quadro”, ao confrontarem a multiplicidade de considerações plausíveis oferecidas pelo mundo fora da escola (LEE, 2006, p.145-146).

Através do diálogo com o autor, é possível compreender a importância de explorar uma estrutura abrangente, os conteúdos administrados de maneira factual não promovem o aprendizado e muito menos servirão de referência, sendo necessária a sistematização de um ensino sem privilégios em que o aluno consiga fazer conexões e comparações mesmo em diferentes circunstâncias. Portanto o ensino de uma história ampla e contextualizada é basilar para o desenvolvimento de uma orientação adaptável.

É por meio da apropriação, autorreflexão, e das relações com os outros que os homens e mulheres tornam-se autores de sua própria época. A autonomia só pode ser concretizada quando o indivíduo tem consciência da conjuntura para então elaborar o seu posicionamento. Se ele não consegue realizar uma leitura interpretativa do cenário, é provável que não se sinta apto a expressar suas ideias.

Freire destaca que: “As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida” (1967, p. 43). A consciência crítica é, portanto, o caminho para a liberdade caracterizada pela possibilidade de integração fazendo com que as pessoas participem de maneira ativa nas discussões relacionadas a questões fundamentais para a sociedade em que vivem, dominando e vencendo as forças opressivas que se destacam no campo das decisões.

A tecnologia segue por ampliar os horizontes e potencializar através de diversos meios e formatos o conhecimento, porém devemos estar atentos aos inúmeros problemas que surgem no caminho. “Se a web pode ser utilizada para favorecer a Arte, a Ciência e as grandes causas sociais, nela também podem tráfegar os discursos de ódio, os convites a alienação política, os retrocessos na justiça social” (BARROS, 2022, p. 90).

A crítica negativa em relação à tecnologia e a esses entraves não evitará de forma alguma que eles aconteçam, somos seres pertencentes a uma sociedade, portanto estamos sujeitos a absorver tudo que reverte o seu processo de transformação:

Acreditamos que os historiadores têm um grande papel a desempenhar neste novo mundo, e uma de suas principais contribuições, – para combater a desinformação e os retrocessos sociais – pode estar na sua possibilidade de transferir criticidade para a sociedade mais ampla [...] (BARROS, 2022, p. 90).

De acordo com o *Dicionário de Ensino de História*, o conjunto de fatores e acontecimentos que constituem a vida ou história de uma pessoa são fundamentais, visto que esse composto é condicional para a própria existência em si. “Refletir sobre essa condição é um procedimento de pensamento histórico, necessário a todos e a cada um, a que se procede sempre e, a todo momento, em toda e qualquer circunstância, ao longo de toda a vida” (MARTINS, 2019, p. 55). O agir no espaço, é antes de tudo, fruto de uma reflexão: “A habilitação ao agir decorre da aprendizagem. Essa se dá pela apropriação dos dados concretos da história empírica em que se situa o agente, sobre a qual se debruça a reflexão, produzindo compreensão e interpretação do meio histórico em que o agente se encontra [...]” (MARTINS, 2019, p. 55).

A consciência histórica envolve o indivíduo e a sua própria existência; ao passo que vivemos em sociedade, o processo envolve também os acontecimentos e contexto em que o ensino de história é uma referência. Podemos compreender a consciência histórica “[...] como interconexão entre indivíduos e sociedades, entre ontem, hoje e amanhã, entre experiências e expectativas é um fator indispensável da existência humana, a ser levado em conta em todos os processos de ensino-aprendizagem [...]” (MARTINS, 2019, p. 58).

Discutir a consciência e o ensino é de extrema importância e tem uma conexão direta com o assunto levantado no tópico inicial desse capítulo quando dialogamos com Tardif (2002) acerca da composição do saber docente; afinal o propósito essencial da docência é auxiliar na construção dessa estrutura que é constituída através daquilo que fundamenta o trabalho do professor. A verdade é que não existe um único caminho a ser seguido e as possibilidades são inúmeras.

Caimi (2015) aborda em seu trabalho que tem como título *O que precisa saber um professor de História?* uma discussão muito interessante com reflexões fundamentais sobre a utilidade do ensino-aprendizagem de História na atualidade, destacando que a finalidade já não é mais a mesma de tempos atrás, mencionando o conhecimento histórico como algo capaz de melhorar a compreensão do mundo e das pessoas, como um instrumento que pode auxiliar as estruturas do pensar e tem a capacidade de orientar.

A autora elenca uma série de justificativas que leva ao entendimento acerca da importância do conhecimento histórico, um deles dá ênfase para a inserção dos alunos em um aprendizado que se assemelhe ao ofício de historiadores profissionais, que incentive habilidades que os tornem capazes de aprender a realizar uma análise investigativa sensível.

Barros (2022) descreve essa especialidade própria do historiador como uma ação investigativa minuciosa, que observa cada significado, informações explícitas, suas intenções e principalmente os detalhes implícitos, pois neles é possível identificar as escolhas do autor, seja ela uma ação, texto ou fala.

Hoje tal postura se apresenta como fator primordial em uma sociedade midiaticizada em que as divulgações cada vez mais tentam manipular as pessoas, o professor através da educação pode traçar caminhos pertinentes que auxilie o aluno na construção de uma estrutura que seja capaz de ajudá-lo a interpretar, substituindo costumes de omissão por práticas de cooperação (FREIRE, 1967).

O professor é a pessoa ideal apto a promover uma educação autoconfiante, que desperte no outro o reconhecimento da sua própria realidade e o faça empenhar-se na resolução de seus problemas, aquele que consegue através de análise em meio a tudo que

existe em sua volta perceber o que os seus alunos necessitam desvendar, informando os riscos, colocando em pauta o seu dever para com a formação de pessoas participativas integrantes de uma sociedade.

Caimi (2015) aponta esse compromisso ético-social como a essência do campo historiográfico. Na continuidade afirma não ser difícil o ato de ensinar quando o pensamos de maneira autônoma e individual, sem associação à aprendizagem. A responsabilidade mais complexa é conseguir mobilizar no outro a formação de um pensamento crítico sobre os acontecimentos sociais.

Diante deste compromisso, é interessante considerar a importância de uma posição que prepare o educando para a observação e o estabelecimento de ligações entre situações de diferentes tempos históricos, usando a experiência para fundamentar seus posicionamentos. Esta capacidade pode ser obtida por meio de estratégias que coloque os estudantes frente a frente aos instrumentos produzidos ao longo do tempo, realizando questionamentos e compreendendo-os como produtos que expressam manifestações capazes de gerar o entendimento sobre o passado com abstrações adaptáveis ao tempo presente (CAIMI, 2015).

A autora destaca dois modelos a serem superados: primeiro, a ideia de que o conhecimento é independente, contendo mecanismos que sozinhos possibilitam a realização da sua compreensão; e o segundo modelo, a ideia de que a didática é autossuficiente, finalizando com a caracterização do perfil ideal de um professor historiador contemporâneo como sendo aquele capaz de “[...] interrogar os distintos contextos contemporâneos em uma perspectiva histórica, de interpretar esses contextos com o aporte da metodologia histórica e de construir a consciência cidadã sob a perspectiva da História” (CAIMI, 2015, p. 122).

Assim, abordo o ensino de História e a produção do conhecimento no contexto social atual em que diferentes manifestações acontecem nos novos espaços de maneira independente. Neste cenário sem restrição à participação, o indivíduo é parte integrante do conhecimento que é produzido, sendo sujeito da história e ao mesmo tempo com a possibilidade de ser escritor dela. Portanto, uma aprendizagem orientada acerca do mundo digital e das tecnologias deve ter um lugar reservado no processo de ensino na escola, visto que esta é uma questão que afeta todos os âmbitos sociais, fazendo compreender sobre a importância da responsabilidade de tudo que é produzido mediante a rapidez com que é disseminado na rede.

É muito abrangente pensar em questões no espaço que foram afetadas pelas tecnologias. Seria muito extenso enumerá-las aqui, mas podemos citar como exemplo o

próprio processo eleitoral, as urnas eletrônicas que a cada ano se modernizam e causam certos transtornos no momento da votação, os aplicativos de recebimentos e pagamentos que se estendeu às diferentes classes, aplicativos de locomoção, hoje tão necessários, e as próprias formas de divulgação de informações e conhecimentos. Portanto, não é possível se abster de um processo que modifica as nossas relações tanto na prática como cognitivamente.

Discutir os novos espaços e uso de tecnologias como instrumentos propulsores do conhecimento hoje não é somente pensar no domínio dos recursos, embora essa seja uma questão basilar. Ao passo que as coisas se modificam por estarmos inseridos socialmente somos levados pelo curso das transformações. Portanto, reconhecer e compreender o papel das mídias nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais é de extrema relevância. Refletir sobre as diferentes formas de atuação nesses espaços pode contribuir com a construção de uma sociedade melhor, visto que profissionalmente temos fundamental importância no processo de formação de pessoas.

É necessário recapitular que o diálogo inicial sobre saberes e práticas tem o propósito de apontar a relevância das nossas experiências diárias, do quanto as transformações e tudo que nos afeta são questões decisivas para pensarmos as nossas práticas de ensino. Posteriormente, o contexto de pandemia da covid-19, em que será explanado um relato de experiência no próximo tópico, foi um dos fatores cruciais para enxergar de maneira mais contundente a realidade que nos cerca e o nível de inserção das pessoas no mundo conectado, ao pensarmos na presença das mídias digitais no nosso dia a dia e o quanto elas foram e são necessárias para mediar as conexões.

A questão fundamental é: o que podemos fazer através do nosso ofício para melhorar a compreensão e as interações que ocorrem nos novos espaços virtuais e como utilizar as tecnologias como instrumentos propulsores do ensino de maneira significativa no contexto atual? Dialogando com autores que já pensaram essas questões, é possível entender que o ensino de História tem um poder muito influente sobre o processo de construção da consciência histórica que, por sua vez, é bastante determinante para orientação, posicionamentos, leitura crítica e consciente.

Respondendo à problemática inicial, o ato de ensinar deve estar completamente associado à aprendizagem para quem ele se direciona. Por isso é importante refletir sobre qual história ensinar no século XXI, e pensar que essa história é apenas um ponto de partida, é também representativa; é a partir dela que podemos gerar análises reflexivas sobre os diferentes contextos e espaços. A história só servirá de referência se o indivíduo sentir-se parte dela, conseguindo trazê-la de forma apropriada para sua realidade. Por isso a

necessidade da contextualização para compreensão de aspectos que justifiquem atitudes e diferentes posicionamentos.

Ao longo deste capítulo, a pesquisa elenca questões extremamente importantes para a finalidade a que se propõe, tanto no que se refere à adoção de uma postura como em relação à construção da consciência histórica e digital através do ensino de História. Foram apontadas ao longo do texto as seguintes situações: adotar uma personalidade mais inclusiva em relação a tudo que é assegurado ao longo das transformações que acontecem no espaço; refletir e ocupar na medida do possível os novos espaços de produção historiográfica, que inclusive são inúmeros, desde grupos de aprendizagem, a sites e aplicativos, aproveitando as suas potencialidades de maneira complementar ao processo de aprendizagem do aluno.

Compreender os mecanismos que envolvem a construção das informações e conhecimentos que são veiculados na internet através de uma análise crítica e aprofundada, ou seja, analisar uma mídia da mesma maneira como se analisa uma fonte histórica, fazendo os questionamentos necessários, investigando aquilo que não está explícito, mas se deixa transparecer nas entrelinhas, e o mais importante, compartilhar e experimentar na prática esse saber com o público ao qual se destina a pesquisa, que são os nossos alunos. Esses são elementos essenciais apontados ao longo do texto e sintetizados neste parágrafo.

Mais uma vez consideremos a aprendizagem como “[...] processos de transformação do comportamento e capacidades humanas, que ampliam suas possibilidades de atuação e produção” (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 24).

O conhecimento histórico, como foi apresentado anteriormente, que tem grande capacidade de instruir em decisões sobre diferentes questões, já não é mais administrado somente nas escolas ou universidades por historiadores profissionais. Temos um número cada vez maior de ambientes, páginas e redes sociais com espaços destinados à escrita, com pessoas opinando, fazendo relações com contextos históricos, análise, e sim, alguns muito ricos de relatos e vivências, outros nem tanto.

Filtrar é necessário, porém a maioria das pessoas hoje, ainda que instruídas, não pararam para um estudo sobre aquilo que recebe nas redes. O processo de aprendizagem e a construção de uma consciência histórica pode estar comprometido em sua seriedade.

Portanto, utilizar ferramentas tecnológicas como instrumentos propulsores é prática e principalmente teoria, é levar para a sala de aula diferentes versões e compará-las, é incluir o aluno no processo de produção, como na gravação de um vídeo para que, através da prática, ele compreenda o processo de edição, montagem, objetivos e só aparecerá o que ele achar que seja necessário. E mais uma vez, refletir sobre as mídias e o conhecimento que é

veiculado é também pensar sobre sua influência, produção, desconstrução e comparação de narrativas. Essas questões caracterizam o uso crítico que tanto foi abordado e podem contribuir ricamente para a consciência histórica em formação.

O uso de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, deve ser considerado como ferramentas de alcance dos alunos e professores, como o *smartfone* próprio, os *tablets* que foram ofertados pela prefeitura e os aparelhos de multimídia disponíveis na escola. Os recursos são inúmeros: vídeos, músicas, aplicativos, imagens, *sites*, grupos de aprendizagem, dentre outros, que podem ser utilizados como complementares.

Além das ferramentas, é importante ter clareza do que queremos que os nossos alunos aprendam, o que de fato pode ser importante ao explorar uma mídia. A criatividade se faz importante para a forma como o assunto será trabalhado e não sobre qual ferramenta utilizar. Portanto, o que quero dizer é que não basta a presença da ferramenta na escola, é necessário um ensino de história que motive a interpretar, pesquisar, questionar, comparar. Dessa forma, a aprendizagem poderá ser favorável e considerada um referencial para coordenar melhor as conexões acerca de problemas atuais através do conhecimento histórico.

Schmidt (2007), em sua contribuição à obra *Ensino de História Sujeitos, saberes e práticas*, descreve um modelo de exercício de pesquisa caracterizado pela análise investigativa de documentos envolvendo a história local e ressalta a importância da participação ativa do sujeito nas atividades desenvolvidas para a formação da consciência histórica, destacando a sua funcionalidade na capacidade de despertar o sentimento de pertença para o desenvolvimento de uma orientação esclarecedora mediada pela “memória histórica”.

É muito importante esse sentimento de pertencimento, é motivador para o aluno em qualquer nível de ensino sentir-se parte integrante da história, seja na educação básica ou ensino superior. Por isso, trazendo a questão para a presente abordagem, mais interessante do que julgar o conhecimento que é possibilitado pela internet, é trazer essas questões para a sala de aula e fazer essa análise de posicionamentos em conjunto, usando a história como referência e a pesquisa investigativa como metodologia. Atualmente temos uma gama de “doutores” e “especialistas” nos mais diversos assuntos, fazer um trabalho de análise comparativa e indagativa com os alunos pode ser uma prática bastante pertinente.

Ciampi (2007) apresenta no texto *Os desafios da história local* a vivência de um professor apontando algumas reflexões sobre a produção escrita de seus alunos acerca do tema desenvolvido “mito”. Sobre a análise das narrativas, a autora destaca uma questão com a qual me identifico muito quando penso sobre professores como real “influenciadores”, que é

quando percebemos nos discursos dos alunos referências coerentes que foram trabalhadas em sala de aula através de algum conteúdo:

Essas vozes dos alunos do professor Wagner Pinheiro expressam o que para ele significa ensinar história hoje. “Contra o ceticismo, a desorientação e a incapacidade de compreender os outros, tão comum nos dias de hoje, o ensino da História pode nos ajudar a conhecer nossos próprios limites, a valorizar as incertezas e a ter um razoável nível de sendo crítico. Isso ocorrerá se dermos ênfase a um ensino que trabalhe com problemas e não com a mera transmissão de conhecimentos, um ensino que se preocupe em promover a aproximação entre o conhecimento histórico e o saber escolar, valorizando o aluno como sujeito ativo do processo de aprendizagem e evidenciando os fatores que interferem na construção da história (CIAMPI, 2007, p. 203).

Para o domínio dessas habilidades, é essencial o desenvolvimento de um ensino que busque e faça compreender que o conhecimento histórico está envolvido em diferentes experiências e realidades e pode ser expressado por diferentes pessoas com perspectivas a depender de suas vivências. A afirmação evidencia os diferentes posicionamentos veiculados atualmente, perceber essa complexa dimensão contextual transforma a compreensão do que é produzido, fazendo entender que toda construção carrega heranças do seu tempo espaço.

O diálogo desenvolvido no início deste capítulo, sobre os princípios que alicerçam as nossas práticas, tem o propósito de comunicar que os nossos saberes são constituídos através de diferentes problemáticas, em que as experiências têm um peso muito forte sobre as ações que coordenamos no dia a dia em sala de aula.

As tecnologias não foram implantadas aos poucos em meio a um processo de formação para ensino sobre o uso, elas foram necessariamente “empurradas” para mediar a nossa conexão com os componentes escolares, corpo docente e discente. Em decorrência do uso excessivo do computador e celular, o seu impacto sobre as relações sociais, econômicas e políticas foi e continua sendo muito forte. Tudo que nos cerca acaba por interferir naquilo que pensamos e fazemos. Uma visão mais aguçada e reflexiva, tanto dos meios de informação e conhecimento como da maneira como recebemos e compreendemos o que é veiculado na rede hoje, é importante para uma avaliação inteligente.

Chego à conclusão que trabalhar com uso de tecnologias na atualidade é contemplar duas vertentes. A primeira se refere às potencialidades, auxílio e contribuição, melhorando a construção do conhecimento e dos diálogos que promovemos em sala de aula complementando, dinamizando e diversificando as possibilidades. A segunda está relacionada à consciência crítica, ao poder da mediação e do ensino de história para uma educação digital e para uma orientação acerca da leitura e interpretação sobre o que é veiculado, no propósito de uma interação crítica e ética e uma compreensão esclarecedora das informações.

O uso de tecnologias - o computador, o celular, o *tablet* e ferramentas como o formulário do *google*, o *quizlet*, o *padlet*, vídeos, filmes, músicas, slides, dentre tantos outros exemplos aliados a uma mediação bem planejada, com objetivos preestabelecidos - pode contribuir para uma aprendizagem clara e para a construção de uma sociedade mais consciente e comprometida com o bem estar social do outro.

A consciência histórica, que busca conduzir o indivíduo socialmente, orienta também virtualmente, no formato e nos espaços que movem as relações atuais. Até pouco tempo, a televisão tinha de maneira exclusiva uma forte influência sobre o comportamento das pessoas, qualquer uso, hábito ou expressão viralizava rapidamente através dos programas.

Hoje as tecnologias da informação e comunicação ocupam esse papel; as pessoas compartilham de maneira acrítica muito do que é veiculado. Essa conjuntura nos desafia a desnaturalizar as mídias e todo “conhecimento” informativo que é apresentado na internet, levando o aluno à compreensão de que o fruto das vivências é uma construção social humana própria de um tempo e de um espaço e cheia de convicções. Nunca foi tão importante levantar questões sobre identidade, consciência e criticidade como na sociedade atual.

Pinsky e Pinsky (2007), no texto *Por uma história prazerosa e consequente*, levantam um diálogo acerca da importância do ensino de História e do seu potencial transformador, apontando exemplos de condutas e propostas com ênfase na relevância da adoção de uma postura equilibrada pelo professor em relação à forma como este expõe ou debate suas análises em sala de aula, para que o mesmo não tire proveito de sua posição privilegiada como “influenciador” dos seus alunos: “É necessário, portanto, que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem” (PINSKY; PINSKY, 2007, p. 22).

Os rumos da discussão caminham para a necessidade de despertar no alunado o sentimento de pertença, fazendo-o compreender que ele também é parte integrante da história em construção, em que o objetivo é proporcionar um entendimento esclarecedor que os façam tomar atitudes conscientes. Quanto mais o aluno perceber o meio em que vive e os problemas que o cercam mais se sentirá seguro em seus posicionamentos e decisões. (PINSKY; PINSKY, 2007).

Nosso aluno, cada aluno, tem que se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos. Ele precisa saber que não poderá nunca se tornar um guerreiro medieval ou um faraó egípcio. Ele é um homem do seu tempo, e isso é uma determinação histórica. Porém, dentro do seu

tempo, dentro das limitações que lhes são determinadas, ele possui a liberdade de optar. Sua vida é feita de escolhas que ele, com grau maior ou menor de liberdade, pode fazer, como sujeito de sua própria história e, por conseguinte, da História Social do seu tempo (PINSKY; PINSKY, 2007, p. 28).

É necessário que o professor explore juntamente com seus alunos os diversos espaços e formas de acesso ao conhecimento. As tecnologias acabaram alterando o formato tradicional de ensino, o processo não está mais reservado somente à escola, e o conhecimento histórico já não é mais propriedade dos profissionais. Neste cenário, o professor historiador assume o papel de mediador, aquele que orienta, que apresenta ao aluno os caminhos existentes, que os conduz na execução de uma leitura crítica e investigativa, ajudando-os a identificar e diferenciar informações falsas e verdadeiras, dando-lhes a oportunidade de serem protagonistas éticos do processo de aprendizagem na atualidade.

3.3 A experiência de ensinar e aprender: um caminho percorrido

Primeiramente quero que fique claro que em hipótese alguma o relato de experiência utilizando a tecnologia para ministrar aulas no contexto pandêmico possa parecer uma defesa do ensino a distância. Acredito que nada substitui a qualidade das relações presenciais. Enalteço o trabalho desenvolvido com turmas de 6º ao 9º ano, que foi realizado na escola de tempo integral na qual estava lecionando naquele período, pelo fato de todo esforço empreendido ter funcionado com uma parcela significativa da comunidade escolar. Posso dizer, inclusive, que os nossos alunos tiveram excelentes momentos de aprendizagem; obviamente ocorreram falhas, afinal são inúmeros os desafios, mas posso falar com propriedade que foram desenvolvidas atividades de excelência, desde as aulas normais do dia a dia até projetos, participação em olimpíadas, feirão e culminância de eletivas.

Enfim, o objetivo maior em relatar as minhas práticas é mostrar a necessidade de uma análise reflexiva sobre o uso de ferramentas como instrumentos propulsores e o quanto elas foram necessárias no contexto de pandemia. Serão destacadas aqui principalmente suas potencialidades, pensando na influência que as ferramentas tecnológicas têm no contexto social e o quanto são utilizadas sem muitas orientações e conhecimento aprofundado. Quando reflito sobre uma inserção crítica, refiro-me às inúmeras questões que podem ser levantadas, assunto que foi abordado em conferência pela professora Dr^a Alexia Pádua (2023), em que ela destaca sobre a necessidade de desnaturalizar narrativas históricas que circulam nas mídias, sobre a necessidade de formar leitores híbridos, a importância do letramento digital e da

inserção crítica no mundo interconectado, levantando reflexões sobre o lugar do ensino neste processo de desnaturalização e das TDICS e mídias digitais no ensino de História.

Quando concluímos o expediente na tarde do dia 19 de março de 2020, não fazíamos a menor ideia do que nos aguardava. Inicialmente o pensamento era de que logo voltaríamos, porém o tempo foi passando e começamos a planejar estratégias para atingirmos os nossos alunos a distância.

Devo salientar primeiramente os desafios. Não citar os problemas é afirmar que tudo ocorreu na mais perfeita harmonia, o que sabemos que não é verdade. Transformar o lar em ambiente de trabalho, muitas vezes sem equipamentos de qualidade, fugir do barulho natural do nosso *habitat*, mediar tarefas de casa e compromissos da escola não foi nada simples. Os alunos certamente, também, passaram por situações bem mais complicadas: o acesso à *internet*, um aparelho para realizar a conexão, a realização das atividades sem um acompanhamento presencial, e, o pior dos entraves, o estímulo. Acredito que o mais difícil talvez fosse caminhar na tentativa de levar uma vida “normal” enquanto o mundo desabava, familiares faleciam e as notícias não sinalizaram melhoras do cenário.

Embora opte por destacar os fatores positivos em relação ao uso de ferramentas tecnológicas, é necessário que fique claro o quanto foi cansativo para os alunos e como era complexo ter algum retorno, as ligações aos familiares eram constantes, obviamente o distanciamento não favoreceu a participação. Embora as intervenções fossem individualizadas através do *WhatsApp*, elas não eram possíveis com todos os estudantes e, apesar de pequeno, tivemos um número de alunos com quem nunca conseguimos comunicação.

Inicialmente foi criado um *blog* para postagem das atividades que seriam produzidas pelos professores, e até o mês de julho de 2020 trabalhamos na elaboração de maneira bastante criteriosa e fazíamos contato via *WhatsApp* para a entrega das mesmas semanalmente. Alguns acessavam as atividades impressas pessoalmente na escola.

Após o mês de férias, mais precisamente em agosto, a logística de organização das aulas mudou completamente. A prefeitura fez a distribuição de *chips* com *internet* para que houvesse uma interação mais efetiva, e a partir de agosto planejamos encontros virtuais. Foi feita uma força tarefa para criação de salas de aula virtuais, adicionamos o *e-mail* de cada um, foi elaborado um horário com *links* permanentes em que nos encontraríamos via *Meet*. A partir do segundo semestre, passamos a ministrar nossas aulas, que aconteciam todos os dias “tranquilamente” com as turmas nas quais éramos professores em horário e espaços virtuais preestabelecidos. Horas antes era publicada uma postagem com dados informativos e tema da aula nos grupos. O momento *on-line* era para explicações, exposição de ideias, imagens, todo

tipo de estratégia que pudesse auxiliar o professor na explanação e ajudar o aluno na compreensão do conteúdo e construção do conhecimento.

Ministrar aulas através das telas me surpreendeu, primeiro porque não é algo tão limitado assim, muito pelo contrário, é possível preparar *slides* para utilização no momento da explicação, exibir vídeos, PDF, textos, imagens, uma aba do *Google*, reproduzir uma música, explorar uma mensagem antes do conteúdo, abrir uma lousa interativa, deixar o bate-papo fluir para comentários; vejo como assertivo até mesmo a “mãozinha” como forma de organizar os posicionamentos manifestados. No contexto, o próprio coordenador escolar por meio de uma sala de aula virtual nos disponibilizava vídeos, materias e instruções sobre a utilização dos diferentes recursos digitais.

Enfim, um dos principais pontos positivos dessa logística é que todas essas possibilidades estão reunidas em um único recurso maior, o *notebook*, não sendo necessário reservar material, nem perder muito tempo ligando os aparelhos. Não vejo tudo isso como uma grande inovação, mas entendo o uso dessas ferramentas como facilitadoras sim, embora não sejam fatores determinantes para que o aprendizado aconteça, elas auxiliam muito na execução de uma aula dinâmica e bem mais interativa.

Outra questão extremamente significativa era a facilidade com que os alunos podiam compartilhar conhecimento ou problemáticas que encontravam na internet. Inúmeras foram as vezes que eles solicitaram o compartilhamento da tela para exibir alguma questão que gostariam de tirar dúvidas ou opinar, fosse sobre a aula ou qualquer outro assunto que eles achassem interessante, até mesmo alguma informação.

Virtualmente conectados tínhamos facilmente a possibilidade de comentar e explorar em conjunto através de uma pesquisa ou análise minuciosa. Todas as atividades eram direcionadas nos grupos de *WhatsApp* e organizadas semanalmente no *Google* sala de aula com datas e referências para que o momento *on-line* fosse exclusivamente destinado à correção, explicações, tira-dúvidas e interação dos alunos. Os encontros virtuais *on-line* por meio do *Meet* eram momentos muito bem aproveitados nas aulas de História e concentravam um número considerável de alunos.

O *Meet* também era utilizado para reuniões com os alunos. Quando tínhamos uma programação diferente nos reuníamos para falar sobre o assunto, fazer ensaios, dentre outras demandas. Quando estávamos participando de olimpíadas como a ONHB³ e a Oche,⁴ por exemplo, usávamos os grupos de *WhatsApp* para debater questões, enviar áudios com

³ Olimpíada Nacional em História do Brasil.

⁴ Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará.

explicações; por fim, sempre nos reuníamos para os ajustes finais. Posso afirmar que a *internet* foi uma grande aliada nesse processo interativo e de grande importância, não só para a educação mas também para a sociedade de modo geral. Era uma maneira de mantermos contato, os espaços *on-line* nesse contexto não funcionaram somente como ferramenta de pesquisa independente, foram essenciais para conexões mediadas. As salas de aula contavam sempre com a presença de muitos alunos.

A escola não deixou de participar ou realizar nenhum evento. Refiro-me às olimpíadas externas e aos eventos internos que são planejados e sinalizados no calendário escolar. Houve culminância da feira de ciências com apresentações artísticas, musical, trabalhos científicos, poesias, vídeos elaborados pelos próprios alunos com participação da família, inclusive inúmeras foram as vezes em que estava lá ministrando a aula debatendo algum assunto e um pai ou mãe sinalizava para realizar uma fala e contribuía de alguma maneira. Essa participação acabou sendo demonstrada, também, nas culminâncias quando os vídeos produzidos pelos alunos envolviam as pessoas com quem tinham convivência.

O *Google* sala de aula foi uma ferramenta de suporte imprescindível tanto para nós professores como para os alunos. O que mais chama atenção na plataforma é sua logística de organização em relação a tudo que é inserido lá; o ambiente virtual foi sem dúvidas uma referência para o gerenciamento dos conteúdos e atividades. Tínhamos uma sala para cada turma com os devidos alunos adicionados. Ali eram anexados os *slides* com explicações das aulas, vídeos, *links* das atividades preparadas, indicação de leitura, jogos, enfim, tudo que era elaborado ou selecionado era organizado por assunto. Cada pasta tinha um tema que geralmente era o nome do conteúdo. Ao clicar o aluno tinha acesso a tudo; organizamos inclusive pastas com dia e horário das aulas, calendário anual e curricular, conteúdo contemplado pelas avaliações bimestrais, dicas de estudos, entre outros.

Meet e *Google* sala de aula eram as plataformas mais utilizadas, os grupos de aprendizagem funcionavam principalmente para avisos e lembretes. No planejamento sempre nos era apresentado um recurso com o qual podíamos elaborar atividades para direcionarmos aos alunos, como o formulário do *Google* que foi muito aproveitado para atividades interativas com questões objetivas ou de múltipla escolha, para pesquisas de opinião, atividade avaliativa, revisão de conteúdo, atividades com características gamificadas. Inclusive esse foi um modelo que muito chamou atenção devido à sua potencialidade para apresentação do conteúdo e exploração de questões relevantes. Elaborei alguns modelos que serão apresentados na última seção e utilizo até hoje com meus alunos. Uma vez elaborada a atividade pode ser sempre editada, melhorada e explorada de acordo com o conteúdo.

Outras ferramentas também foram exploradas como o *quizlet*, um espaço que proporciona a criação de formas simples de aprendizagem, que ajuda o educando a estudar qualquer assunto, recurso até então desconhecido, mas que muito me auxiliou no preparo de estudo direcionado. Acredito que essa foi uma das alternativas que mais me atraiu. É muito interessante para elaboração de explicações para que o aluno possa estudar tanto em sala de aula como de maneira independente.

A ferramenta possibilita que o professor elabore alternativas de exploração dos conteúdos criando uma espécie de mural dinâmico, em que o aluno vai movimentando diversas possibilidades de estudo sobre um mesmo assunto. É possível preparar um roteiro para cada conteúdo explorado e disponibilizar de maneira organizada uma lista de estudos. Ao acessar a página, existe uma área denominada pastas, que podem ser criadas e nomeadas por turmas, ao clicar, são exibidas as atividades que foram preparadas.

O aplicativo tem o modo cartões, aprender, avaliar e combinar. Se bem preparado o recurso pode surpreender, destacando que é uma ferramenta bastante interativa desde a produção até a execução. No momento da elaboração, existem mecanismos que auxiliam com praticidade na montagem da atividade. Por meio dela é possível trabalhar com conceitos, perguntas e respostas, combinações bem parecidas com o conhecido jogo da memória, entre outras opções.

Após a elaboração do material utilizando o *quizlet*, este pode ser enviado via *link*. O aluno precisa de conexão para executar os movimentos que são disponibilizados e pode ser realizado através do celular. Existe a viabilidade de se criar uma turma e adicionar os participantes para que o aluno acesse e busque pela sua lista de estudos. Imagine que o assunto abordado seja *As Grandes Navegações* com foco no subtema *as especiarias*. Neste caso, o professor cria cartões com palavras, imagens e significados, adicionando o que for necessário para que o aluno compreenda o conteúdo, assim ele pode simplesmente estudar movimentando fichas, combinar clicando no nome da especiaria e, em seguida, na ficha que contenha informações.

A ferramenta, também, lança um questionário com opções de verdadeiro ou falso. Dessa forma, a dinâmica de explicações fica incrível. Outro ponto interessante é que a atividade conta com uma ferramenta de apoio para realização da leitura, basta clicar no botão indicativo e o texto será convertido para voz.

Outra parte da experiência que merece destaque detalhado, é o fato de termos participado de olimpíadas. Passamos pela experiência tanto no modelo remoto como híbrido. O uso de grupos de aprendizagem foi excepcional. Ao longo da semana, todas as questões e

dúvidas eram explanadas e, sempre que possível e necessário, fazíamos comentários sobre as questões e principalmente sobre as fontes que eram colocadas como apoio para resolução das questões. Resolvíamos em conjunto os exercícios e atividades propostas, o grupo era aberto a comentários e somente ao fim marcávamos reuniões via *Meet* ou presencial quando estávamos no modelo híbrido, para então colocarmos dúvidas, resolução e decisões finais. No caso da Oche (Olimpíada de Ciências Humanas), os grupos eram compostos por quatro professores em média, dois de História e dois de Geografia, cada um orientava um grupo composto por quatro alunos, somando o total de doze participantes. Estudo e orientações fazíamos em conjunto, somente as tarefas eram realizadas por equipe individualmente.

Essa prática de montar pequenos grupos para auxílio e explicações é muito válida, principalmente se o grupo contar com mais de um professor para apoio. Obviamente não é possível afirmar que esse aproveitamento de ferramentas, aplicativos e grupos era desfrutado por todos os alunos. Afinal, caberia aqui uma lista de problemas que impediam o acesso, mas sobre esses com quem trabalhamos principalmente com foco nas olimpíadas das quais participamos, posso afirmar com propriedade que houve muito aprendizado, inclusive duas das nossas equipes foram finalistas na Oche.

Por vezes recordo de uma tarde em que nos preparávamos para o feirão das eletivas, estávamos completamente isolados e em casa organizava-me buscando adereços, roupas, penteado e maquiagem que me fizesse lembrar a deusa Atena para realizar a apresentação da eletiva aos alunos. Nossa proposta *Dos Gregos aos Vikings: contando histórias e aprendendo inglês*, era composta por mim, professora de História juntamente com a professora de inglês.

Elaboramos a ementa com todos os requisitos necessários, combinamos uma fala, algo parecido com uma peça teatral, na verdade um diálogo sobre o nascimento da deusa Atena. Foi muito interessante esse dia. Todos os professores que apresentaram estavam caracterizados conforme sua temática. Uma tarde extraordinária de muito aprendizado, todos foram bastante criativos nas suas apresentações.

No decorrer das eletivas, em cada aula *on-line*, fazíamos uma espécie de diálogo, contando uma história mitológica. No final do semestre, realizamos a culminância, e um grupo de alunos nos surpreendeu: eles também criaram uma peça, uma espécie de narrativa destacando detalhes mais específicos da personalidade de todos os deuses trabalhados ao longo das aulas. Mesmo a distância, apresentaram de forma brilhante.

Em período de avaliações e revisão de conteúdos, utilizávamos sempre o *Google* formulários, ferramenta que possibilita elaboração de questões objetivas em que o aluno pode

optar por uma opção correta ou questões de verdadeiro ou falso em resposta a uma afirmativa. A última opção mencionada é simples e interativa em que o aluno pode caminhar pelo contexto e situações envolvendo o conteúdo explorado no decorrer do bimestre. Os testes por meio do *Google* formulário contam com a possibilidade de ver o nome do aluno, os acertos e o número de tentativas também. Saber que o aluno podia utilizar a internet para pesquisar as questões não eliminava o fato de ele estar aprendendo. O objetivo maior era mobilizar o educando para que este explorasse todas as oportunidades de aprendizado. *Revolução Francesa* e *Era Napoleônica* com as temáticas criativas: *Eu sou o Rei* e *General inverno* são exemplos de atividades gamificadas utilizando o *Google forms* que posteriormente serão relatadas com mais detalhes.

Mais uma vez venho reforçar: não estou defendendo o ensino a distância em detrimento das aulas presenciais, muito menos fazendo apologia ao uso da tecnologia. A intenção ao descrever as práticas exitosas é mostrar o quanto o meio tecnológico foi usado como aliado e principalmente levantar a possibilidade de continuar na medida do possível aproveitando esses espaços, dialogando com os recursos e as demandas que surgem ao longo da nossa jornada.

Devo destacar que devido ao início dos estudos do mestrado e o afastamento parcial precisei sair da escola de tempo integral para uma regular. Na escola regular onde leciono atualmente, estamos passando por um processo de reforma. O formato híbrido foi estendido e trabalhamos com sistema de rodízios por algum tempo, mesmo após a pandemia. Nesse formato, recebíamos em uma semana alunos de 6º e 7º anos e, na semana seguinte, alunos de 8º e 9º. Na semana em que ficavam em casa, os alunos recebiam assistência de formas variadas como: aula via *Meet*, atividades, vídeos, dentre inúmeros outros modelos adotados pelos professores. O afastamento parcial foi por uma motivação diferente, mas precisamos utilizar os mesmos mecanismos utilizados no período da pandemia imbricados aos já existentes. Os grupos de aprendizagem continuam sendo usados para avisos, reforço e direcionamentos diversos, dinâmica que considero muito positiva.

Barros (2022), em sua obra *História Digital*, faz uma excelente colocação sobre o comentário anterior “Trata-se de um mundo efetivamente novo. Não obstante, este novo mundo, introduzido por uma nova revolução, agrega-se ao que já existe e redireciona as conquistas trazidas pelas revoluções anteriores com vistas a novas possibilidades” (BARROS, 2022, p.27).

Agregar é a palavra-chave. Sempre que o avanço tecnológico é mencionado as pessoas aguardam uma substituição das práticas antigas, porém podemos verificar que o livro

físico se encontra firme e forte com propostas e ofertas cada dia mais atraentes. Com os recursos digitais, podemos contar com uma variedade de formatos para apresentação dos textos, porém jamais com a extinção dos modelos antigos. Hoje seguimos perfeitamente convivendo com os livros impressos, jornais, imagens, filmes e muitas outras opções que vão ao longo do tempo sendo agregadas. (BARROS, 2022).

Acredito que o que constitui a base do conhecimento seja exatamente isto; agregar, ampliar, melhorar a cada dia. Trabalhar com imagens impressas é muito bom, porém projetá-las em tamanho maior, analisar cada ângulo ou até mesmo poder enviar o documento ao aluno em conjunto a um texto para que este possa ler e analisar em um outro momento extra-sala só acrescentará.

Outra prática proporcionada pela tecnologia que merece destaque é o fato de planejarmos todas as nossas atividades, deixando-as armazenadas no *drive*, realizando o compartilhamento somente com os interessados. No ambiente virtual, é possível concentrar todas as nossas ideias. Este é um método que foi inaugurado no contexto de isolamento e continua sendo realizado atualmente em decorrência do reconhecimento das suas vantagens e facilidade de acompanhamento.

Fazer o uso do *Google* sala de aula na prática se assemelha muito ao formato de *sala de aula invertida*, modelo que surgiu a partir de uma problemática: os estudantes não podiam acompanhar as aulas de Química dos professores Bergmann e Sams, que, para solucionar o problema, começaram a gravar e postar suas orientações para que os alunos pudessem acessá-las de casa. O *Google* sala de aula possibilita algo muito parecido. No ambiente virtual, o professor ou professores responsáveis podem disponibilizar diferentes ferramentas, vídeos e *sites*. O aluno tem ao seu dispor os conteúdos divididos por temática e podem acessar no momento de seu interesse.

Em dossiê publicado sobre *História pública e virtualidade: experiências de aprendizagem híbrida no ensino de história*, Bovo e Pinheiro (2019) desenvolvem um diálogo com autores que vão abordar justamente essa questão sobre ambientes e contextos virtuais. Uma fala interessante que vale também para o desenvolvimento de atividades usando a ferramenta do Google são as funcionalidades proporcionadas, como o fato de o aluno poder administrar seus estudos em relação ao tempo e manuseio, podendo rever quantas vezes for necessário, explorando de maneira bem particular e avaliando o seu próprio desempenho em relação a cada assunto abordado (BOVO; PINHEIRO, 2019)

Através da inserção de anexos como: documentos, *links*, imagens, vídeos, dentre outras atividades complementares, o ambiente estará preparado para receber o aluno quando

este sentir necessidade de consultá-lo. Excelente alternativa para pesquisas direcionadas, visto que muitas vezes questionamos os espaços de pesquisas acessados e apresentados pelos nossos alunos quando solicitamos esse tipo de atividade.

Existe, ainda, a possibilidade de disponibilizar diversos materiais tanto interativos, como para leitura, tudo isso com flexibilidade de tempo, o aluno pode repetir, pausar, enfim, estudar de acordo com suas próprias necessidades: “É importante lembrar que a aprendizagem híbrida não tem um modelo pronto, podendo resultar em diferentes estratégias a serem adotadas por professores segundo suas necessidades e criatividade” (BOVO; PINHEIRO, 2019, p. 119).

Ao ministrar aulas a distância existia essa preocupação em disponibilizar materiais que esclarecessem o conteúdo com antecedência na sala de aula do *Google* para que o encontro *on-line*, que reunia todos, fosse aproveitado ao máximo possível. Alimentar um ambiente virtual de acordo com os conteúdos ministrados com as ferramentas que temos pode ser considerado um desafio, porém para a maioria daqueles que já fazem o uso de tecnologia de forma rotineira esse tipo de tarefa só iria gerar uma organização de muitos dos recursos e ferramentas que já usamos e armazenamos em nossas pastas no *pen drive*.

Ao preparar uma apresentação em *powerpoint*, exploramos na aula em determinada turma, em seguida arquivamos o recurso. Uma alternativa interessante seria deixar esse material acessível ao aluno para que este possa revê-lo quando quiser. Afinal, quando elaboramos esse tipo de ferramenta usamos ao máximo de textos curtos e imagens com o objetivo de sermos pragmáticos e compreendidos. Seria um suporte a mais para reforçar nossas explanações, e o aluno iria se sentir bem mais apto à compreensão e participação, principalmente se esse material lhes for apresentado com antecedência.

O meio tecnológico pode ser aproveitado para elaboração de diversos materiais, e o *Google* sala de aula pode ser uma excelente alternativa de armazenamento dos diferentes suportes ao aprendizado que utilizamos para construção do conhecimento, seja vídeos, imagens, jogos, atividades reflexivas, tudo que possa contribuir para ampliar o campo de estudo e tornar o processo de ensino mais dinâmico na elaboração de uma orientação adaptável (FONSECA, 2003).

Sugerir questões que envolvam metodologias do ensino passou a ser importante desde a primeira vez que me vi como professora de História em uma sala de aula. Cada tempo e espaço dialoga naturalmente com fatores que requerem que tenhamos um interesse maior por desvendá-los, dada a sua relevância no contexto, seja o rádio, a tv, o filme, as imagens em uma determinada época, e hoje os recursos digitais. O contexto atual nos convida a lançar um

olhar cuidadoso em relação às tecnologias digitais, uma leitura sobre a sua composição, seus aspectos positivos e negativos e principalmente tudo que possível por meio delas (FONSECA, 2003).

Mais uma vez, devo salientar a necessidade de análise cuidadosa em relação à mídia enquanto processo por sua presença e vivacidade no meio social em que estamos inseridos, e um olhar pesquisador acerca das suas potencialidades enquanto recurso de apoio na construção do conhecimento histórico, utilizando sempre aquilo que temos como marca, que é a capacidade de análise crítica.

Na continuidade do seu texto que tem como temática *Didática e prática no ensino de história*, Fonseca (2003) dialoga sobre a importância das experiências no processo de formação, tanto dos professores como dos alunos para dar ênfase a essa relação entre o saber social e o acadêmico. Ao pensar sobre questões que envolvem o meio em que vivemos, não é possível que não nos sintamos afetados por tudo que nos rodeia.

Todos os dias assimilamos ideias, sentimentos, informações, notícias, e a mídia digital é responsável por veicular boa parte daquilo que recebemos. Então, não podemos negá-la enquanto parte constitutiva das relações sociais atualmente. Nesse meio é necessário destacar que o professor historiador tem a oportunidade de interpor relações entre distintos ambientes, de conectar a complexidade do mundo e o conhecimento. Ensinar envolve também entender que as inúmeras mensagens trazem em si conexões sociais, vínculos de trabalho e poder, as expressões identitárias e suas inúmeras vertentes presentes em aspectos sociais, religiosos e éticos (FONSECA, 2003).

O saber é realmente construído ao longo do tempo e das experiências, ele é obviamente constituído por conhecimentos que adquirimos na academia, afinal precisamos do domínio dos assuntos curriculares. Porém a docência requer na prática muito mais do que isso. A profissão necessita que sejamos alguém capaz de articular diferentes habilidades (FONSCECA, 2006). Existe um espaço gigante entre historiar e o aprendizado. Portanto a mediação envolve um conjunto de fatores necessários para que ocorra a construção do conhecimento, a compreensão da realidade que nos cerca é essencial para a formação de um sujeito ativo participante da sua própria história.

Para finalizar, é importante que o professor historiador da sociedade atual tenha habilidades em compreender e dialogar com as questões do tempo presente e que, em meio a impossibilidades e percalços, saiba reinventar-se. Não estou eximindo aqui a relevância de cursos de formação continuada, afinal sabemos da sua enorme contribuição para com a prática docente mediante a complexidade das questões que nos cercam, muito menos romantizando

condições precárias de trabalho, mas reforçando competências necessárias como: criticidade, criatividade e diálogo com as novas possibilidades.

4 AS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS COMO INSTRUMENTOS PROPULSORES DO ENSINO DE HISTÓRIA

Nesta etapa final da pesquisa, são apresentadas as propostas viáveis de trabalho fazendo o uso de ferramentas tecnológicas como instrumentos propulsores do ensino de História em formato híbrido⁵. No capítulo anterior, foram desenvolvidas sugestões de metodologias complementares utilizando alguns aplicativos e ferramentas tecnológicas pensados a partir de conceitos e características próprias do ambiente escolar. Este último capítulo visa responder ao questionamento gerador que interroga sobre como os novos espaços e o uso de ferramentas digitais, na perspectiva da História Pública, podem auxiliar os professores de História na execução de seu ofício, e como esses professores podem trabalhar de maneira dinâmica para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica em relação à análise das informações que são veiculadas na *internet*.

O texto apresenta estratégias de uso dos novos espaços *on-line* e de ferramentas digitais no ensino de História que podem ser inseridos no ambiente escolar em formato híbrido, complementando os métodos de ensino que utilizamos costumeiramente. A seguir apresento propostas com sugestões possíveis de serem incrementadas, como os grupos de aprendizagem para discussões e troca de ideias sobre assuntos envolvendo conhecimento histórico que são constantemente veiculados nos espaços *on-line*; uso do *Instagram*, “*uma rede social da Meta que permite compartilhar fotos e vídeos com outros usuários, sejam eles seguidores ou não*”⁶, seleção e postagens com fins pedagógicos envolvendo conteúdo histórico; *Quizlet*, “*uma plataforma que permite criar seus próprios flash cards – slides interativos com perguntas e respostas*”⁷ para estudo interativo; formulários do *Google*, “*um serviço gratuito para criar formulários on-line*”⁸ para o desenvolvimento de atividades com características gamificadas e por fim o *Google Sala de aula*, “*ferramenta on-line que auxilia professores, alunos e escolas com um espaço para realização de aulas virtuais*”⁹ como um suporte de extensão.

⁵ De acordo com Camargo e Daros (*apud* HORN e STAKER 2018, p. 34) o ensino híbrido “[...] é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o caminho e – ou ritmo”.

⁶ Ver <https://tecnoblog.net/responde/instagram-o-que-e-historia-e-como-funciona-a-rede-social/#h-o-que-e-o-instagram-e-para-que-ele-serve> Acesso em: 09 mar. 2024.

⁷ Ver <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/quizlet/> Acesso em: 09 mar. 2024.

⁸ Ver <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/07/google-forms-o-que-e-e-como-usar-o-app-de-formularios-online.ghml> Acesso em: 09 mar. 2024.

⁹ Ver <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/como-usar-o-google-classroom.htm> Acesso em: 09 mar. 2024.

A plataforma é capaz de possibilitar a continuidade do aprendizado através de uma boa mediação e configuração de salas de aulas virtuais com recursos utilizados ao longo das aulas a fim melhorar a comunicação e construção do conhecimento histórico.

4.1 Uso de tecnologia no ensino de História em formato híbrido

Iniciaremos este capítulo com uma discussão sobre o conhecimento histórico escolar a partir de questões acerca da construção de seu próprio significado, tendo como base mais uma vez o *Dicionário de Ensino de História*. Segundo Silva (2019), durante muito tempo nunca houve uma preocupação específica com o processo de ensino-aprendizagem que acontece nas escolas. No cenário que tínhamos até pouco tempo, o professor teria a tarefa de adaptar o conhecimento histórico acadêmico e reproduzi-lo da maneira mais apropriada. A qualidade dessa transposição estaria sob sua gestão, todo o processo de ensino estaria concentrado único e exclusivamente na figura do professor detentor do conhecimento, sem uma preocupação exclusiva com a aprendizagem e participação do aluno de maneira interativa.

Com o passar do tempo e através de pesquisas e contribuições de autores que levantaram problemáticas relacionadas ao assunto, essa forma de ver e gerenciar o conhecimento muda, deixando de ser uma transferência passando a se caracterizar como um processo de construção em que ganha relevância “[...] compreender as formas, as funções e os usos da história na vida pública” (SILVA, 2019, p. 50-51).

No campo da pesquisa, mesmo com produções teóricas divergentes, as concepções alemã e francesa contribuíram de maneira significativa para a produção de uma história escolar diferente da história acadêmica. Quando refletimos sobre a importância de uma dinâmica apropriada, isso se deve principalmente às divergências atreladas aos níveis de ensino. Se temos um papel tão importante no processo formativo, nada mais justo do que levantar problemáticas sobre a maneira como exploramos o conhecimento, levando em consideração tudo e todos que fazem parte do cenário de maneira específica, o que significa não trazer de outro lugar e sim partir de conceitos e características próprias.

A História escolar tem suas especificidades, nasce da conexão entre diferentes fatores que envolvem relações entre múltiplas culturas, histórias e tantas outras questões que surgem a partir das relações exteriores e são levadas para o interior do espaço espontaneamente.

Lembrando que as construções mentais são manifestadas desde os anos iniciais quando as aulas de História são ministradas por pedagogos, que, na maioria das vezes, não têm certa propriedade sobre a disciplina especificamente e de modo habitual, principalmente em datas comemorativas, trabalham com a supervalorização de algumas figuras históricas e ocultação de outras sem a devida contextualização. Temos, portanto, um público que em pleno século XXI assimila questões lúdicas e dinâmicas atreladas à “descoberta do Brasil”, independência associada exclusivamente à figura de D. Pedro I, por exemplo, colocando-o como principal responsável pelo processo, princesa Isabel como redentora dos escravos, dentre outras referências e narrativas que, mesmo já tendo sido desconstruídas, ainda são abordadas por motivações que fogem dos reais objetivos do estudo da História.

É necessário destinar mais importância ao processo formativo inicial, que pode ser até mais marcante para a formação da consciência histórica. Algumas estratégias são espetaculares, como a metodologia lúdica muito utilizada nos anos iniciais, porém os discursos, na maioria das vezes, continuam privilegiando os feitos de integrantes das classes dominantes. Docentes são referências para os alunos, e a qualidade do aprendizado tem total relação com a forma como ministramos e construímos em conjunto esse conhecimento.

O texto propõe o uso de instrumentos digitais em formatos específicos com atividades dinâmicas voltadas aos alunos do fundamental, a fim de desenvolver um ensino que auxilie no entendimento crítico das mídias, notícias e relações humanas atuais, usando o conhecimento histórico como base orientadora para essas reflexões e posicionamentos. Mais uma vez é necessário destacar que a relação proximal com as mídias e principalmente o envolvimento no processo de elaboração, é essencial para o entendimento sobre sua composição e uma leitura coerente da sociedade atual em que muitos problemas são manifestados através da *internet*.

A partir do momento que passamos a compreender que aluno, professor e escola juntos englobam uma produção com características próprias, os olhares sobre essa logística mudam completamente, o que conseqüentemente gera um aumento no número de produções com vistas a ampliar os conhecimentos em torno dessas problemáticas que impactam o desenvolvimento das nossas atividades. “Reinventado em cada aula, no contexto de situações de ensino específicas, em que interagem professor, estudante e escola, o conhecimento histórico escolar possui objetivos próprios e muitas vezes irreduzíveis aos da história acadêmica” (SILVA, 2019, p. 52).

Enfatizo a importância da discussão sobre a formação do pensamento histórico dos nossos alunos, que caracteriza-se de forma específica e influenciável por tudo que está ao

nosso redor. Por isso a extrema relevância de aprofundar saberes em torno da logística das informações que o aluno encontra nos espaços virtuais para então trabalhar habilidades necessárias à compreensão contextualizada:

[...] dotar os estudantes de instrumentos para análise e interpretação desses processos que lhes permitam construir sua própria representação do passado. Conhecimento histórico que seja capaz de possibilitar aos estudantes lidar com versões contraditórias, com conflitos, que consigam contextualizá-los, conscientes da distância que os separa do presente, de suas crenças, de suas perspectivas do lugar que ocupam do mundo (SILVA, 2019, p. 54).

No capítulo anterior, foi apresentada a narrativa com abordagens atreladas à prática docente e os saberes experienciais, com ênfase no contexto pandêmico, finalizando com a análise do papel do ensino de História em meio ao contexto atual. Neste último capítulo enfatizo as reflexões e propostas sobre como ensinar História na escola numa sociedade midiaticizada, não no sentido de mostrar um roteiro fechado, mas trazendo possibilidades de uso das tecnologias na educação, mais especificamente na escola e preferencialmente em formato híbrido. Ou seja, sobre como ensinar utilizando tecnologias digitais e alguns modelos de ferramentas como instrumentos propulsores, entendendo que essas ferramentas têm forte poder sobre o cognitivo, analisando-as para além do simples uso, chamando atenção e sempre destacando a devida importância ao seu poder manipulável.

Apresento ferramentas simples que juntas possam somar no processo de ensino-aprendizagem, em possibilidades de práticas diárias em que possamos combinar o uso do quadro e do livro didático junto a dispositivos móveis como *tablets*, computadores e *smartphones*. Esses mecanismos unidos são suportes para o preparo de um aluno que, no percurso do seu processo de desenvolvimento, seja capaz de lidar com mais familiaridade com os conteúdos externos ao ambiente escolar.

Concordo plenamente com Prado quando ele defende que “[...] os historiadores enfrentem os desafios epistemológicos e metodológicos que se impuseram na era da internet e, desse modo, explorem a potencialidade heurística das novas fontes, formulem novas problemáticas, adéquem metodologias de pesquisa [...]” (PRADO, 2021, p. 4), e reconheçam os impactos da tecnologia sobre a produção e divulgação do conhecimento e, ao mesmo tempo, possibilitem novas experiências:

Estar situado em um contexto escolar híbrido de leitura implica a existência de diferentes suportes para o texto, de recursos tecnológicos, de acesso à internet, mas, especialmente, de um professor e de um contexto que oportunizem essa mescla de práticas que contemplem diversas possibilidades de leituras (NUNES, 2018, p.11).

Vale ampliar o conceito de leitura para além do texto escrito, visto que na sociedade atual temos também a difusão constante de imagens, vídeos, páginas com conteúdos históricos, *links* interativos, perfis nas redes sociais, todos voltados à difusão de informações e conhecimentos utilizando diferentes tecnologias digitais.

Este capítulo parte da seguinte questão: como as tecnologias digitais podem ser articuladas no intuito de contribuir com o ensino de História na escola em um formato que mescle metodologias? Assim, apresento estratégias viáveis de serem desenvolvidas na escola, nas aulas de História, com foco no processo de elaboração da mídia, no dinamismo e principalmente no uso crítico das fontes, pensando na exploração dos recursos de forma interativa.

Apresento propostas de sequências didáticas sobre o uso de ferramentas digitais no ensino, planejadas e embasadas a partir de experiências práticas, pesquisas e principalmente pautada no estudo que foi realizado ao longo da escrita deste trabalho.

As práticas desenvolvidas em sala de aula devem ter um certo grau de aproximação com as questões que permeiam a sociedade, não sendo necessário escola e contexto estarem em perfeita harmonia no que se refere ao desenvolvimento tecnológico.

A formação dos professores pode ser o fator que mais pesa se pensarmos nos desafios a serem enfrentados, afinal a habilidade com os recursos é importante para o conhecimento e domínio das questões que são levantadas. Não é possível inferir sobre algo desconhecido, porém com uma habilidade básica é possível pensar e mediar acerca de tudo que se propõe aqui.

Embora esta pesquisa apresente um planejamento objetivo como consequência dos meus estudos e aperfeiçoamento. No todo ela é muito mais do que isso, é uma análise reflexiva sobre minha prática docente; considerando o espaço físico no qual estamos inseridos, no mundo globalizado, na conectividade, nos novos espaços de atuação que proporcionam a democratização dos saberes, ponderando principalmente a atuação do indivíduo na contemporaneidade e, por fim, reflete também sobre as relações que são estabelecidas através da conectividade.

A pesquisa apresenta diálogos e questões próprias da sociedade atual, com foco em tudo que nos afeta, ela representa uma preocupação em relação à inserção do nosso público nessa cultura digital e principalmente na importância de refletir sobre tudo que nos cerca para compreensão do nosso ofício e responsabilidade social como historiadores e educadores no contexto presente.

A proposta que segue está adequada ao modelo híbrido que possibilita combinar o uso de tecnologias e outros recursos, tanto no ambiente escolar como no formato domiciliar. O aproveitamento dos espaços e das questões discutidas podem ocorrer de diferentes maneiras. Após a organização de um espaço virtual, é possível propiciar momentos de estudo tanto na escola como em casa. Dado o suporte, o aluno é seu próprio administrador, tanto do espaço físico como do tempo.

Ressalta-se a importância do planejamento da ação de modo geral e de cada ferramenta desenvolvida. É essencial que sejam estabelecidos objetivos, pensar sobre o que queremos que nossos alunos aprendam e deixá-los cientes de que é uma proposta que visa dinamizar e ampliar as possibilidades de aprendizado; apresentar também a ação aos demais professores para uma possível adesão conjunta é interessante.

Palloff e Pratt (2002) apresentam em seu livro *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço*, uma estrutura mostrando as partes essenciais para a aprendizagem a distância em formato de quebra-cabeça cujas palavras que estão no entorno de Comunidade são: trabalho em equipe, aprendizagem colaborativa, objetivos comuns, criação ativa do conhecimento e de significados. É possível perceber uma certa harmonia entre as peças de modo a se complementarem perfeitamente no que se refere à funcionalidade dos grupos de aprendizagem.

A primeira sugestão refere-se a formação de dois espaços virtuais. “O ciberespaço é o espaço conceitual em que palavras, relacionamentos humanos, dados, riqueza e poder são manifestados pelas pessoas que usam essa infraestrutura tecnológica” (PALLOFF; PRATT, 2002, p.45). Esses espaços são essenciais para o desenvolvimento das futuras práticas, a iniciar pelo arranjo de um grupo de *WhatsApp*, que é provável que já exista desde a pandemia e pode ser aproveitado. Porém, antes é preciso definir os critérios organizacionais para que aconteça uma interação de qualidade tanto em relação ao material como entre os próprios participantes, visto que o grupo estará aberto e nada será imposto.

A criação do ambiente é justamente para uma boa interação entre os integrantes. Palloff e Pratt (2002, p.46) discorrem sobre as características de uma personalidade eletrônica e destacam os possíveis benefícios da virtualidade para os introvertidos, pois teríamos uma maior participação daqueles que presencialmente não conseguem demonstrar suas habilidades, o que não representa um problema para os extrovertidos, já que estes se destacam em sala de aula presencialmente. O ambiente pode ser visto como complementar, como um fator que soma e possivelmente possibilitará uma logística auxiliar ao processo de ensino-aprendizagem.

Sobre a importância e definição de comunidade, Shaffer e Anundsen (1993, apud PALLOFF; PRATT, 2002) destacam que elas passam a existir quando:

[...] um grupo de pessoas compartilha determinadas práticas, é interdependente, toma decisões em conjunto, identifica-se com algo maior do que o somatório de suas relações individuais e estabelece um compromisso de longo prazo com o bem-estar (o seu, o dos outros e o do grupo em todas as suas inter-relações) (PALLOFF; PRATT, 2002, p.50).

Quando de fato os membros de um grupo têm interesses em comum, essa reunião de pessoas em um espaço virtual nunca representará um incômodo ou perda de privacidade, pois será um meio onde as pessoas possam compartilhar suas dúvidas, dividir suas tarefas, expressar opinião de maneira respeitosa e saber lidar algum conflito. O ambiente estará sempre aberto para conversas, visto que as pessoas têm mais facilidade em verbalizar estando a distância. Isso pode ser visto positivamente como sinônimo de participação e sinal de que estão todos atentos ao assunto abordado.

As discussões na verdade ampliam o olhar dos integrantes de um grupo sobre um determinado assunto, todos os posicionamentos apresentados precisam de um embasamento, caso contrário serão desaprovados. Nesse sentido, essa organização tem muito a contribuir para a qualidade do processo (PALLOFF; PRATT, 2002).

A problemática, também, pode partir de uma divergência de ideias, inclusive poderão ser colocadas algumas questões sobre acontecimentos que estejam circulando na internet. Tenho alguns alunos em redes sociais e é bastante comum o compartilhamento de postagens acerca do conflito atual que vem gerando bastante violência entre Israel e Palestina. Nas conversas e discussões sobre esse conflito, os alunos tratam os acontecimentos com um certo “tom de torcida”, sem levar em consideração que este é um novo capítulo de um problema que se estende há décadas. Atualmente o assunto é colocado como destaque e a mídia promove uma análise muito superficial, falta contexto e muita informação.

Questões como essas e dentre tantas outras merecem esclarecimentos, indicações de leitura, comparação de narrativas, uma análise crítica e comparativa de postagens que são constantemente veiculadas na internet e compartilhadas por milhares de pessoas. Ou seja, nossos alunos necessitam de uma boa aula de História, caso contrário ficarão à mercê de páginas sensacionalistas.

A utilidade dos grupos de aprendizagem descrita no parágrafo anterior demonstra perfeitamente o que foi colocado algumas vezes no texto como construção de uma história viva e engajada. Com o conhecimento que temos, é possível levar essas questões para a sala de aula tanto presencialmente como virtualmente, disponibilizar materiais de estudo nos

espaços de aprendizagem, comparar narrativas e contribuir para uma análise mais contextualizada e coerente dos acontecimentos. Prado, em seu texto *Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet*, destaca muito bem a importância da atuação dos historiadores na análise interpretativa e mediação dos diferentes discursos produzidos sobre o passado no cenário atual. “Trata-se de um lugar no qual tanto se pode combater quanto promover, por exemplo, o autoritarismo, as diversas formas de discriminação, a negação da ciência e da verdade histórica” (PRADO, 2021, p. 21).

Por fim, os conflitos também podem surgir pela incompreensão de alguma colocação postada, podendo partir para um desentendimento. Por se tratar do formato híbrido, devemos considerar que ministramos duas aulas semanalmente que geralmente são conjuntas. Portanto, teremos sempre a oportunidade de solucionar pessoalmente essas possíveis problemáticas.

Vale salientar que a ideia é apropriada para qualquer formato de ensino, inclusive o integral. Os alunos neste formato geralmente guardam seu material nos armários que lhes são entregues, dessa forma teriam uma segunda opção de consulta nos ambientes virtuais caso queiram estudar de forma orientada, tirar dúvidas ou levantar alguma questão como a do exemplo anterior. A ferramenta interativa maior no qual serão adicionados todos os suportes como atividades, vídeos e *links* é o *Google* sala de aula. De início, podem ser apresentados através de *slides* as características do espaço e as possibilidades de que essa ferramenta dispõe. É necessário apresentar detalhadamente o ambiente fazendo com que o aluno se sinta familiarizado e instigado a visitar.

O *Google Classroom* é o segundo espaço sugerido para socialização de ideias. A sala de aula pode ser considerada uma comunidade virtual de aprendizagem que também possibilita o agrupamento de alunos, com uma boa logística organizacional:

Nesse processo, os alunos não têm de terminar um bloco de reflexão para passar a outro. Ao contrário, podem estar em um nível de reflexão e retornar a níveis anteriores para depois refletir sobre a aprendizagem contida naquele. É um processo vibrante e dinâmico que não termina ao final do curso (PALLOFF; PRATT, 2002, p.160).

Não estamos falando de um curso, porém o relato acima descreve perfeitamente a ferramenta sobre a qual estamos abordando. Esta é somente mais uma metodologia que certamente irá agregar. Da maneira como a autora coloca, o aluno terá ao seu dispor um conjunto de alternativas para explorá-las no momento que for melhor para ele, obedecendo o seu próprio tempo. Vale reforçar mais uma vez: o foco não é o uso da tecnologia e sim a aprendizagem. “O desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem no processo de

educação à distância implica desenvolver novas abordagens na educação e novas habilidades em ministrá-la” (PALLOFF; PRATT, 2002, p.195). O objetivo é melhorar a qualidade do processo de construção do conhecimento, proporcionando ao educando um ambiente motivador e dinâmico, explorando habilidades críticas e investigativas necessárias aos indivíduos da sociedade atual em constante interação com a história conhecimento e questões atreladas ao cotidiano.

Em artigo publicado sobre Novas Tecnologias na Educação, Schiehl e Gasparini (2016) fazem um levantamento sobre as potencialidades do *Google Sala de Aula* para o processo de ensino-aprendizagem e apontam as vantagens de uma remodelação do espaço tradicional de ensino em se tratando de métodos. Uma renovação ou mescla não significa ou requer grandes mudanças, proposta que se adéqua perfeitamente à realidade das escolas públicas por não necessitar de uma grande estrutura tecnológica “[...] compartilha-se esse ambiente físico com o mundo virtual, que pode proporcionar a construção do ser crítico, envolvendo o estudante em múltiplas atividades com e sem tecnologias, colaborando para que todos nesse ambiente aprendam” (SCHIEHL; GASPARINI, 2016, s.p.).

O estudo apresenta propostas de uso da ferramenta em que o estudante poderá consultar as orientações e atividades tanto na escola por meio do laboratório de informática, como na sua casa utilizando seu próprio smartfone em um formato muito similar ao da sala de aula invertida, em que as discussões podem acontecer previamente nos grupos e posteriormente no encontro presencial em sala de aula.

No mesmo artigo, os autores citados anteriormente, em diálogo com outros autores, selecionam modelos a serem aplicados, um deles *a sala de aula invertida* é definida como um espaço cujo propósito é fomentar no estudante a aprendizagem com auxílio da tecnologia para que ele possa estudar em casa de maneira direcionada e em sala de aula, após estudo antecipado os assuntos sejam discutidos com mais propriedade (SCHIEHL; GASPARINI, 2016).

O texto destaca muito bem a importância do uso de tecnologias no cenário atual para o incremento das aulas e exploração de diversas habilidades necessárias às pessoas em decorrência dessa extrema comunicação através da internet. Portanto, o objetivo é aproveitá-la de forma positiva, seja explorando questões teoricamente, seja utilizando os recursos na prática. O formato sala de aula invertida apresenta-se como uma metodologia capaz de se adequar perfeitamente ao formato híbrido e à logística possibilitada pelo *Classroom*. Vale ressaltar também que a preferência pelo *Google Sala de Aula* como plataforma de apoio e organização se deve à experiência muito bem-sucedida nos anos de 2020 e 2021.

O *Classroom* é escolhido como ferramenta organizacional por proporcionar o acesso até mesmo através do próprio celular. A ideia é que o *smartphone* possa ser utilizado para consulta e troca de aprendizado na mesma proporção em níveis de agilidade em que é verificado para acesso às páginas de entretenimento. Pensando, também, em adentrar nas redes sociais para da mesma forma inferir nesses espaços, transformando-o em locais de instrução e conhecimento sério, por isso a escolha por ferramentas que possam ser acessadas facilmente e de maneira “gratuita”, por entender que se trata de um recurso muito presente na vida do aluno.

Após a criação de salas de aulas e inclusão dos alunos, é possível acessar tudo que o professor direciona, o que inclui atividades utilizando os formulários do *Google*, *links*, apresentação em slides, vídeos, documentos e a própria versão em PDF do livro didático. Um espaço com essas características que proporciona uma logística de suporte tanto para o professor, que pode orientar mais de duas salas ao mesmo tempo, como para o estudante, é ideal para o modelo que o trabalho propõe. Outro ponto bastante importante é que todos os assuntos trabalhados e todas as postagens realizadas ao longo do ano letivo ficam armazenadas na rede de dados. Podemos considerá-la uma biblioteca virtual bem direcionada de apoio aos estudos.

Sabemos que a atribuição de nota tem grande influência sobre o interesse que os alunos depositam em suas tarefas. Porém, quando se cria um vínculo em que os grupos funcionam para além dessa dimensão eles passam a compreender a funcionalidade e que os objetivos são mais relevantes que números. É importante que o aluno se sinta motivado a participar, a contribuir, da mesma maneira como fazem questão de destinar horas nas redes sociais ao entretenimento. Esta também será uma forma de interação, troca de mensagens, compartilhamentos de questões que circulam na rede para debates e principalmente aquisição de conhecimento.

Os grupos de aprendizagem por meio do *WhatsApp* e *Google* sala de aula são passos iniciais para o desenvolvimento de um ensino no formato híbrido com o aproveitamento de diversos recursos e ferramentas. Com as aulas presenciais, não há necessidade de encontros on-line pontuais via *Meet*, salvo alguma exceção, sendo interessante que essas interações aconteçam não exclusivamente, mas preferencialmente por meio de mensagens nos fóruns de discussão. O mais importante é que o aluno (a) participe e acesse a plataforma. A demonstração de participação ocorrerá na sala de aula e nos próprios grupos através do envolvimento nos assuntos.

Mais uma vez devo salientar que é possível formar estudantes críticos em relação ao que é publicizado através dos recursos tecnológicos, ao mesmo tempo que é possível aproveitar as potencialidades desses recursos na prática. Essa parte inicial traz aspectos conceituais e estudos que levam à compreensão dos benefícios dos grupos de aprendizagem para uma melhoria nas relações e colaboração entre os alunos e professores. Os grupos estimulam a cooperação e fortalecem o vínculo entre os participantes, transformando o espaço em experiências positivas.

No início do texto, dialogamos sobre o conceito de história pública. Na continuidade, a abordagem pensa em instrumentos tecnológicos capazes de potencializar e comunicar o conhecimento histórico. Sobre essa questão sabemos o quanto as redes sociais são utilizadas e chamam atenção do nosso público. A respeito desse assunto, Pires e Debom (2023), pautados nas ideias de outros autores que também dialogaram e produziram sobre o assunto, vão afirmar que História Pública e História Digital juntas são importantes veículos no auxílio à divulgação do conhecimento, destacando que, ao usar esses espaços, os historiadores não só compartilham saberes como possibilitam a produção de outros fora do círculo fechado formado pelos pares. Essa participação em espaços fora do círculo acadêmico pode funcionar como grande vetor de esclarecimentos e principalmente pensar em logística de produções, envolvendo conhecimento histórico mais acessíveis aos alunos, inclusive em conjunto com os próprios.

O *Instagram* é uma rede social que pode ser configurada no objetivo de contribuir através de uma interação mais dinâmica com postagens que estimulem a aprendizagem histórica. Como bem já foi colocado aqui em diálogo com Malerba (2017), a autoridade compartilhada faz com que tenhamos no meio virtual um número cada vez maior de páginas com abordagens históricas em que os administradores sendo historiadores ou não produzem conteúdos aliados a técnicas que lhes dão bastante visibilidade, visto que esta atualmente é medida pelo número de seguidores e *likes*. O *Instagram* é um dos aplicativos mais utilizados atualmente, espaço onde as pessoas compartilham e dialogam sobre diversas temáticas, realizam postagens de vídeos, imagens e textos em diferentes formatos.

Segundo Pires e Debom (2023), no artigo *A antiguidade e o ensino de História nas redes sociais: uma experiência de história pública digital*, os autores descrevem um relato de experiência que em parte também foi efetuado no contexto de pandemia da Covid 19, em que uma página foi criada inicialmente com um fim de divulgar as visitas a uma exposição sobre o Egito Antigo. Porém, com o surgimento dos problemas causados pelo corona vírus e consequentemente o fechamento do museu, a página no *Instagram* passou a ser um veículo de

comunicação para divulgação de conhecimento histórico. O professor utiliza o reels para recitar poemas que para sua surpresa tem grande aceitação e visualização dos internautas. Na continuidade, o professor, com a comum dificuldade de gravar vídeos curtos, passou a adotar uma metodologia de gravação por temática e dividida em partes em que ele ressalta não ter relação com curiosidades, mas que são temas bem instigantes e acabaram chamando bastante a atenção e promovendo integração virtualmente.

Devo destacar minha análise acerca do perfil acima mencionado criado pelo nome de @prof.thiago e posso garantir que de fato Thiago Pires fez um trabalho espetacular como historiador público. Como ele mesmo afirma, foi amador e continua nesta categoria, porém ele fez uma diferença e,, como bem afirma esteve imerso no universo que faz parte do seu contexto e através da experiência proporcionou um rico conhecimento aos seus seguidores em que certamente podemos incluir seus alunos neste conjunto. Indo muito além, pelos números acabou por conquistar um público bem maior, e mais do que apresentação de conhecimento, houve trocas, discussões, comentários e compartilhamentos.

Na realidade, no decorrer das leituras e produção, a intenção nunca foi se profissionalizar no uso e domínio de técnicas nas redes para se transformar em um grande *youtuber*. Acredito que o caminho que deve ser trilhado para se conseguir êxito no que denominamos participação nos diferentes espaços atuais é exatamente algo semelhante à trajetória percorrida pelo professor:

O historiador desligado de suas questões contextuais pode renunciar ao seu posto e adquirir o título de um útil antiquário. Em meio a revolução tecnológica que vivemos, os historiadores não podem estar incólumes a eclosão e pertinência dos meios digitais na sociedade do século XXI (PIRES; DEBOM, 2023, p. 257).

O *Instagram*, através das diferentes possibilidades ofertadas, pode ser um meio de produzir um conteúdo atrativo sobre as mais diversas temáticas, despertando o interesse dos alunos pelos assuntos e indo além, quando estes se sentem motivados a interagir. Portanto, esta também é uma forma bastante válida de potencializar o conhecimento histórico, de criar mais um grupo de aprendizagem, visto que o aplicativo pode perfeitamente reunir, por exemplo, todos os usuários do Instagram de uma escola para que visualizem, comentem, compartilhem e dialoguem na página. Esta pode ser uma ponte interativa muito interessante porque diversas questões podem ser levantadas, propostas e criadas de maneira dinâmica no que se refere à apresentação.

A logística de produção de conteúdo e a maneira como a ferramenta potencializa o que é elaborado é uma das vantagens ao utilizar o Instagram. É possível exibir vídeos curtos,

sequências, trabalhar com imagens. No relato dos professores e em visita à página, pude constatar que, embora Pires e Debom (2023) deixem claro que a proposta não visa trazer curiosidades e sim “[...] instigar a procura por história, fomentar o interesse pelos clássicos e demonstrar a presença da Antiguidade no nosso cotidiano (ainda que distante temporalmente)” (PIRES; DEBOM, 2023, p. 251), os conteúdos desse período histórico são especialmente muito instigantes, as abordagens envolvem histórias sobre gregos, romanos e egípcios junto a imagens monumentais de estátuas, quadros, construções, desenhos animados, jogos e filmes, mitologia, relação de figuras icônicas da história com acontecimentos atuais.

Todos os conteúdos sobre antiguidade, mesmo sem muito atrativo, já despertam muito o interesse dos nossos alunos. Enfim, não deixa de causar curiosidade aos internautas, principalmente àqueles que já possuem certa afinidade com o conhecimento histórico antigo e conhecem ou tem interesse em aprender mais sobre as temáticas.

4.2 O uso de atividades com características gamificadas no ensino de História

O sociólogo Zigmunt Bauman (2001) afirma que falta muito para uma aprendizagem sobre como viver na era da informação e que o desafio é maior ainda para aqueles que têm o ofício de preparar pessoas para este universo. A História Pública, da forma como balizamos aqui em diálogo com outros autores, por mais que evitemos reducionismos, tem forte ligação com a internet, com as redes sociais e também com os novos espaços de aprendizagem de modo geral. A *internet* expandiu e intensificou as abordagens sobre história pública por trazer novas formas de divulgação e por proporcionar espaços de exposição e interação acerca do conhecimento histórico através das mídias, utilizando mecanismos proporcionados pelas ferramentas para direcionar-se ao grande público de maneira estratégica:

As tecnologias da informação deram novo ritmo à sociedade contemporânea ao introduzirem uma série de alterações nos seus processos de sociabilidade. Para além de suas ferramentas de maior interação social, de maneira geral, a democratização no acesso aos aparelhos celulares em sua versão *smart mobile* estabelece um novo padrão sobre a forma como produzimos e consumimos conhecimento. Nesse contexto, a Educação foi duplamente atingida, uma vez que se constitui enquanto um processo de *socialização* responsável por *transferir os conhecimentos* de uma dada comunidade para suas gerações mais novas (BOVO; PINHEIRO, 2019, p. 114).

A aprendizagem híbrida não possui um modelo engessado, podendo ser caracterizada por um formato que compreende diferentes mecanismo de ensino tanto

presencial como a distância. A presente proposta busca exatamente mesclar metodologias de ensino através do uso daquilo que já exploramos diariamente junto as ferramentas e os novos espaços, que também podem ser aproveitados e que se bem articulados podem [...] resultar em diferentes estratégias a serem adotadas por professores segundo suas necessidades e criatividade” (BOVO; PINHEIRO, 2019, p. 119).

O *Google* sala de aula como forma de publicar aos alunos e armazenar essas produções, assim como também as redes sociais, proporciona um leque de possibilidades fazendo com que as aulas sejam bem mais esclarecedoras e se transformem em momentos de troca, visto que a aprendizagem é antecipada desde a disponibilização de diferentes materiais nesses espaços on-line.

O *Google formulário* é um modelo de ferramenta que vai muito além do que costumamos ver, um exemplo disso é a possibilidade de elaborar atividades com características gameficadas. Esse formato não se configura como um jogo, pois não teremos ganhadores ou perdedores e muito menos um acúmulo de pontos. Porém, é uma metodologia ativa em que o aluno faz uma leitura breve e sequenciada de situações que geralmente acompanham uma imagem do contexto e que, após a análise, ele toma algumas decisões que foram estabelecidas de acordo com os acontecimentos. Tanto os enunciados como as opções destacadas fazem parte do contexto histórico. A exploração do assunto pode acontecer em duas etapas. Na primeira, a atividade funciona como uma espécie de apresentação interativa do conteúdo, em que o aluno utiliza o próprio celular, clica e navega através do *link* que pode ser disponibilizado nos grupos de aprendizagem ou na sala de aula virtual. No primeiro passo, o aluno indicará seu nome e turma, em seguida é só percorrer, analisar as indagações e selecionar uma das duas opções ofertadas em cada situação. Em um segundo momento, o professor poderá projetar a imagem maior em encontro presencial na sala de aula e realizar a atividade coletivamente explorando diversos pontos possíveis de acordo com o planejamento e objetivo das questões.

Farei a descrição da possibilidade baseada na prática de duas elaborações minhas que foram intituladas: “Eu sou o rei” e “General inverno”. A primeira explora o contexto da Revolução Francesa; a segunda, a Era Napoleônica, ambas exploradas em turmas de 8º ano. No primeiro exemplo, a atividade inicia fazendo um comunicado: o aluno irá incorporar um personagem. No contexto trabalhado, ele será o próprio monarca francês e irá tomar algumas medidas na busca por solucionar os problemas que assolavam a França no período.

A aula com o auxílio da ferramenta começa com uma análise da crise pela qual a França estava passando em detrimento de uma série de fatores ocorridos antes do processo

revolucionário, como a guerra na qual se envolveu, o apoio dado aos Estados Unidos na sua luta pela independência, fora a fome, a miséria e problemas climáticos enfrentados na época. Decidir entre aumentar os impostos para sustentar os gastos da nobreza ou convocar os estados gerais para decisão de uma medida através de votação, faz com que o aluno tome conhecimento do contexto que está sendo trabalhado e independente da opção que ele escolha ambas fizeram parte do conjunto de medidas tomadas pelo rei.

Devo destacar que as questões procuram sempre trazer os fatos que fazem parte do momento histórico. Ao fim da primeira situação, o aluno recebe um *feedback* de acordo com o item marcado. Se optou pelo aumento dos impostos e encarecimento das mercadorias, ele verá que foi uma decisão que intensificou ainda mais a aflição popular. Caso opte pela segunda, ele compreenderá que, na época, a sociedade estava dividida em três estados, e a votação sobre qualquer decisão daria vantagens ao clero e à nobreza, visto que ambos entravam sempre em consenso.

Na continuidade, as questões vão apresentando situações conforme a ordem e o contexto histórico escolhidos, como a campanha lançada pelo terceiro estado propondo a votação das decisões por pessoa e não por estado, visto que o terceiro estado contava com a grande maioria em número de pessoas. Neste momento, podem ser levantadas inúmeras questões que envolvam o sistema eleitoral e o compromisso dos governantes com o bem-estar da população. Como opção são colocadas duas questões sobre o conceito de autoritarismo que envolve a decisão de deixar tudo como estava ou o cancelamento da reunião e retirada dos deputados do salão. Esta segunda opção traz um *feedback* apontando a ordem do rei como “excelente decisão”, típica de um monarca impetuoso. Aqui podemos questionar a postura autoritária do soberano explorando diversos conceitos relacionados ao absolutismo monárquico.

Logo a seguir, temos o segundo relato de situação contextualizada utilizada na atividade. O exemplo explora o fato da sociedade francesa estar dividida em três estados nacionais e o que isso representava para a população em relação à votação das decisões em assembleia. Conforme já foi colocado aqui, vale ressaltar que o que faz a diferença não é o uso de recursos tecnológicos, mas a abordagem realizada pelo professor e os pontos que serão levantados. Nesse modelo de atividade, utilizando a ferramenta do *Google*, obviamente que o processo de elaboração dos enunciados, o planejamento e os objetivos propostos são de grande relevância. Porém, numa discussão sobre os itens de maneira coletiva no encontro presencial, os questionamentos podem ser ampliados, transformando o momento de

aprendizagem em uma experiência mais interativa, visto que possivelmente a maioria dos alunos já tenham navegado através do link; portanto, conhecem o processo.

Logo abaixo temos o exemplo do questionamento comentado no parágrafo anterior em que o aluno marca como opção, o segundo item, e recebe como *feedback* a seguinte afirmativa: *Foi uma decisão extremamente radical, pois os deputados do terceiro estado declararam-se em assembleia nacional, com o objetivo de criar uma constituição para a França. Caso o aluno opte por seguir marcando o primeiro item apontado na proposta, receberá a seguinte mensagem: Parabéns, como monarca você acaba de tomar uma decisão inteligente pensando no seu próprio bem estar, afinal a sociedade francesa estava dividida em três estados e a votação sobre qualquer decisão era por categoria, portanto clero e nobreza reunidos tinham dois votos contra apenas um do terceiro estado. Após receber uma comunicação sobre a decisão tomada, o aluno segue com a leitura do próximo enunciado.*

Figura 1 - Sessão de abertura dos Estados Gerais, óleo sobre tela de 1839: Revolução Francesa

2 - A situação continuava desestabilizada, os membros do terceiro estado lançaram uma campanha em favor da votação por cabeça, isto é, por pessoa e não por estado, nesse caso o Terceiro estado era a maioria, cerca de 80% da população. Em reunião diante da situação você:

★ 1 ponto



☐ Decide que tudo continuará como antes, voto por estado e não por cabeça.

☒ Cancela tudo e ordena que os deputados do Terceiro Estado se retirem do salão.

Voltar

Próxima

Página 3 de 11

Limpar formulário

Fonte: Elaborado pela autora.

demonstração do enredo explorado. Acredito que toda imagem tem o poder de estimular o pensamento sobre o que está sendo representado, embora não trazendo uma versão fiel acerca dos fatos. Os quadros têm toda uma relação com o contexto, podendo possuir inclusive uma história por trás de sua produção. “Não importa se a imagem mente; o importante é saber por que mentiu e como mentiu” (BITTENCOURT, 2008, p. 384). Portanto, quanto mais diversificadas forem as experiências, sejam elas afirmativas ou conflitantes, maiores serão as possibilidades de aprendizado.

Figura 3 - O adeus da família real, por Jean-Jacques Hauer (1794): Revolução Francesa

5 - As forças aliadas ao Rei montaram um exército e invadiram a França. A Assembleia declarou "a pátria em perigo" e os franceses pegaram em armas para defender o país. Diante dessa situação você: * 1 ponto



☐ Foge acompanhado de sua família.

☒ Despede-se de sua família, espera o ataque e enfrenta o inimigo.

Voltar Próxima Limpar formulário

Página 8 de 11

Fonte: Elaborado pela autora.

No próximo exemplo, será apresentado o mesmo modelo de atividade, porém com uma temática diferente *General Inverno*, sobre a *Era Napoleônica*. Essa segunda demonstração é a confirmação de que é possível trabalhar qualquer conteúdo com esse mesmo formato. Neste modelo, o próprio título pode ser questionado acerca do seu significado e relação com os acontecimentos envolvendo o fato histórico. O desfecho também ressalta a escolha do tema quando aponta o fato de Napoleão ter sofrido uma derrota em decorrência principalmente das condições climáticas. Fica claro o quanto através deste formato de apresentação interativa e exploração do conteúdo, podem ser realizadas diferentes análises, relação com cenários e questões atuais, a depender da criatividade na elaboração e principalmente condução das discussões na exploração presencial.

As próximas interrogações trazem abordagens sobre a influência da propaganda para a aceitação do governo de Napoleão, o código civil napoleônico e a condição feminina

na época. enfim esta é uma breve demonstração de um modelo de atividade com característica gamificada, utilizada como recurso para exploração e construção do conhecimento histórico.

Figura 4 - Segundo questionamento sobre a Era Napoleônica

Boa decisão! O seu excelente desempenho militar desperta a admiração de todos.

2. Para restabelecer a ordem interna na França será necessário tomar algumas medidas. * 1 ponto

Nesse caso você?

☐ Reorganiza a arrecadação de impostos, cria escolas e torna o ensino gratuito e obrigatório.

☒ Obriga os jornais a fazerem bastante propagando do seu governo.

Voltar Próxima Limpar formulário

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 5 - Ilustração alusiva à Marcha sobre Versalhes, Museu Carnavalet, Paris.

Quinto questionamento sobre a Era Napoleônica

Excelente ideia, afinal os jornais só publicariam o que o governo permitisse, excelente ferramenta para publicizar somente os pontos positivos.

3. Era necessário criar um Código Civil na França. Ao criar o Código você prioriza: * 1 ponto



☐ Abolir definitivamente os privilégios do clero e da nobreza e proteger o direito à igualdade de todos perante a lei.

☒ Resolve manter algumas práticas do Antigo Regime, como por exemplo manter a mulher submetida ao marido.

Voltar Próxima Limpar formulário

Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura acima, temos inicialmente o *feedback* do segundo questionamento, e logo em seguida a terceira situação sobre o Código Civil, sobre o qual inúmeras questões podem ser levantadas, como um pouco da trajetória, progressos, retrocessos e luta das mulheres francesas do século XIX. A temática da questão traz uma abordagem diferente do contexto que está sendo apresentado na imagem, porém, por meio da leitura o professor pode explorar, por exemplo: o importante papel desempenhado pelas mulheres em alguns momentos do contexto revolucionário francês ou até mesmo realizar conexões entre Revolução Francesa, Era Napoleônica e a participação de mulheres em movimentos sociais na atualidade.

Logo em seguida, temos a última figura sobre a atividade gamificada também com a presença do quadro *A Campanha Francesa (1864)*, pintura de Jean-Louis-Ernest Meissonier (1815-1891) representando a situação final em que o aluno decide entre recuar recebendo o seguinte desfecho: *Parabéns! Essa foi a decisão mais acertada, caso contrário todos morreriam. Porém, a derrota na Rússia quebrou a invencibilidade napoleônica. Finalmente o "general inverno" venceu o general francês*, ou poderá optar por resistir finalizando com o seguinte *feedback*: *Infelizmente dos 600 mil soldados que partiram para a Rússia, somente 30 mil retornaram. Finalmente o "general inverno" venceu o general francês*.

Figura 6 - Pintura de Jean-Louis Ernest Meissonier mostrando a retirada das tropas napoleônicas da Rússia, sobre a Era Napoleônica

5. A Rússia rompeu o bloqueio, você respondeu a essa desobediência invadindo o território russo. Daí a um mês chegaria o inverno, o rigoroso inverno russo. Nessa condição qual será o comando? * 1 ponto



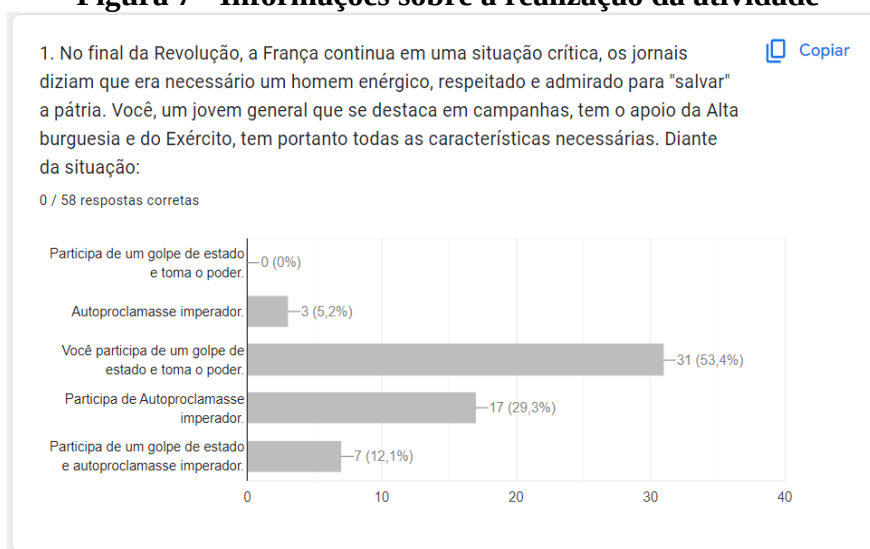
☐ Autoriza imediatamente que os franceses iniciem o caminho de volta.
 ☒ Resiste por algum tempo a situação na esperança de vencê-la.

Voltar
Próxima
Limpar formulário

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre a próxima imagem, devemos considerar que inicialmente a atividade solicita o nome e a série do estudante, o que faz com que tenhamos uma visão panorâmica representada através de um gráfico que indica o nome de todos os participantes que executaram o exercício. Esses dados são apresentados em agrupamentos e também individualmente, outros gráficos também apresentam as respostas com percentual de escolha, como é o caso demonstrado na figura 7. Esse é um mecanismo interessante para analisar as opções que mais foram marcadas pelos estudantes.

Figura 7 - Informações sobre a realização da atividade



Fonte: Elaborado pela autora.

É inegável que “A velocidade e o alcance das transformações relacionadas às tecnologias, ferramentas e plataformas acessíveis via internet fizeram com que, no decorrer das últimas três décadas, diversas práticas das sociedades contemporâneas se tornassem cada vez mais digitais” (PRADO, 2021, p.3). Mais uma vez, venho a reforçar a importância de levarmos em consideração nas nossas abordagens, usos e práticas, todas as questões que envolvem a tecnologia, seja na técnica ou levando conhecimento teórico através de discussões, questão que se justifica pelo espaço e relevância que tal assunto representa na atualidade.

Na maioria das vezes, a escola não possui estrutura e conexão que contemple professores e alunos. Por tal motivo escolhemos como proposta o formato híbrido por possibilitar uma articulação mais flexível, quando planejamos, por exemplo, que algumas execuções sejam realizadas em casa pelos alunos.

Segue mais um exemplo de ferramenta que, também, pode ser configurada e disponibilizada aos alunos nos grupos virtuais de aprendizagem. O *Quizlet*, espaço virtual que viabiliza um formato de estudo bastante interativo, sendo interessante para revisão e exploração de conceitos. Alguns a apontam como ferramenta que facilita a memorização. Porém, a vejo com outros olhos. O uso da ferramenta depende muito da criatividade na hora da elaboração. O estudo através dos cards pode ser realizado por meio do aparelho celular no momento que o aluno achar propício. O professor irá trabalhar na escolha de conceitos que possam contemplar um determinado assunto. O preparo é muito simples, a própria ferramenta auxilia na construção indicando textos e imagens. No modelo a seguir, temos uma lista de estudos composta por termos atrelados à Revolução Francesa. A ferramenta auxilia na aprendizagem por meio de diferentes dinâmicas.

A atividade por meio de uma única organização, que pode ser editada ou melhorada sempre que necessário, lança diferentes provocações em pelo menos quatro categorias: cartões, aprender, avaliar e combinar. Na demonstração que segue, optei por termos simples, direcionada a uma turma de oitavo ano. Na grande maioria das vezes, ao fazermos uma análise dos conhecimentos prévios, ou quando realizamos a leitura de um texto relacionado ao assunto abordado, os estudantes não fazem a menor ideia do significado de algumas expressões essenciais, extremamente necessárias para a compreensão do assunto na sua integralidade. Estudar esses conceitos previamente em formato interativo pode tornar a aula presencial bem mais significativa e esclarecedora.

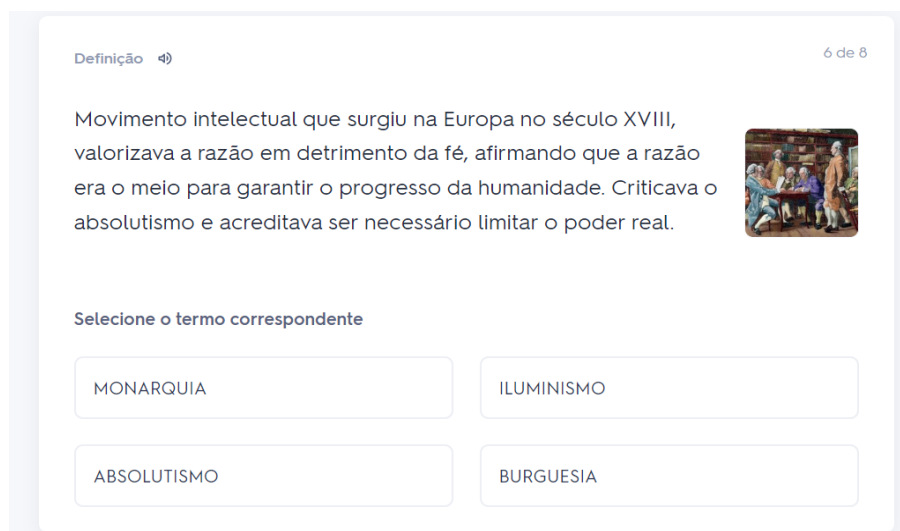
Figura 8 - Modelo de card sobre conceitos: cartões



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 9 - Modelo de card sobre conceitos: combinar

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 10 - Modelo de card sobre conceitos: avaliar

Fonte: Elaborado pela autora.

Outro ponto que merece destaque é a composição de listas de estudo sobre diferentes assuntos dentro da própria ferramenta e a logística de organização dos alunos que podem ser separados por série. Para o acesso, o professor poderá disponibilizar o *link* através do envio de convite via e-mail ou compartilhar no próprio *Classroom* em um espaço no qual estejam disponíveis diferentes ações sobre o tema em destaque. No caso do exemplo mencionado, o *link* pode compor a pasta intitulada *Revolução Francesa*, por exemplo. Apresentação de conceitos, de conteúdo, revisão, estudo e avaliação são opções

metodológicas que podem contribuir com o processo de ensino-aprendizagem através do *quizlet*.

4.3 Estratégias de uso de tecnologias digitais no ensino de história como metodologia complementar

Nesta etapa final do estudo, apresento logísticas de trabalho para cada modelo de ferramenta que foi apresentado e analisado no tópico anterior, acrescentando alguns recursos que não foram citados ao longo do texto, incluindo-os em colaboração com os que já utilizamos costumeiramente. Não trata-se de uma inovação abrupta e sim uma complementação capaz de incrementar, tornando as nossas aulas de História mais dinâmicas e interativas, além de uma exploração de conteúdo mais rica com diferentes contribuições, deixando a disposição do aluno um suporte pedagógico criativo dentro de uma sala de aula virtual para que ele possa acessá-la sempre que achar necessário. A intenção maior é deixar clara as possibilidades de mediação e potencialidades do google sala de aula como estrutura capaz de organizar e armazenar diferentes recursos didáticos como: links, vídeos, *slides* explicativos, imagens dentre tantos outros.

Antoni Zabala (1998), em sua obra *A prática educativa: como ensinar*, fala sobre a busca pela melhoria de nossas práticas como sendo fator característico de um bom profissional e destaca que avaliamos, comparamos e utilizamos argumentos que justificam os nossos parâmetros de excelência para compreender o que está bom e o que é necessário mudar, que é através da experiência que melhoramos profissionalmente. Esta fala funciona como uma espécie de leitura em relação ao processo de amadurecimento das ideias e indagações que deram origem à produção deste trabalho. No texto sobre *A função social do ensino*, o autor lança uma reflexão em torno de alguns questionamentos definidores para os objetivos propostos à nossa atuação. De certa maneira, estes também foram questionamentos respondidos anteriormente quando dialogamos sobre o papel do ensino de História e as contribuições para a formação de uma consciência histórica.

Possibilitar experiências e realizar intervenções positivas depende muito do reconhecimento da nossa responsabilidade para com a formação dos nossos alunos. “Um modo de determinar os objetivos ou finalidades da educação consistem em fazê-lo em relação às capacidades que se pretende desenvolver nos alunos” (ZABALA, 1998, p. 27-28). Acredito que este propósito vale tanto para a elaboração de competências maiores como para aquilo que planejamos, objetivamos e fazemos individualmente como educadores. Até mesmo as

nossas escolhas metodológicas têm uma relação muito forte sobre o tipo de cidadão que queremos formar para atuar na sociedade em que vivemos.

Zabala (1998) aponta a sequência didática como uma metodologia de organização para cada etapa do processo de ensino, compreendendo que, após a definição dos objetivos, são realizadas intervenções específicas de acordo com a necessidade de cada atividade conforme planejamento realizado na construção do seguimento. A proposta que segue não apresenta somente uma sucessão de atividades a serem realizadas, mas a integração de estratégias e ferramentas que juntas podem complementar as ações realizadas no dia a dia, podendo gerar um reforço no objetivo de ampliar o leque de possibilidades de estudo, proporcionando um aprendizado mais dinâmico e participativo, utilizando alguns mecanismos e ferramentas complementares aos que já utilizamos no dia a dia. Muito se fala sobre a necessidade de projetos no sentido de ampliar as oportunidades de aprendizagem, o desenvolvimento e inserção de alguns métodos complementares pode funcionar como excelente opção.

Neste último tópico, etapa final do trabalho, são elencados alguns passos necessários para um trabalho mais dinâmico com integração do uso de ferramentas tecnológicas e uso dos novos espaços *on-line*. O *Google* sala de aula e algumas proposições que serão consideradas a seguir no intuito de configurá-lo como recurso pedagógico. O *Instagram*, os grupos de aprendizagem utilizando o *WhatsApp*, o *Quizlet* e o *Google forms*, somados ao desenvolvimento de habilidades que proporcione uma análise crítica dos conteúdos explorados e das mídias, são destacados como ferramentas e espaços de aprendizagem fundamentais como resposta ao questionamento gerador da pesquisa, quando se propõe a pensar como os novos espaços e o uso de ferramentas digitais podem auxiliar os professores de História na execução de seus objetivos de maneira mais dinâmica e participativa.

O formato híbrido foi escolhido como maneira mais adequada a essa junção de estratégias que engloba, o que utilizamos rotineiramente e a inserção de algumas ferramentas complementares. Portanto, nesta etapa final do trabalho, serão elencados alguns exemplos de ferramentas e espaços com demonstração de como podem ser utilizados como instrumentos propulsores do ensino de História.

1) Proposta 1 – Estudantes em ação: o uso de grupos de aprendizagem como ferramenta auxiliar no processo de ensino

a) Apresentação da proposta

A organização de grupos de estudo com fins educativos para assuntos diversos é essencial para a proposta em desenvolvimento nesta pesquisa. Nesses espaços, são compartilhadas muitas informações atreladas a fatos históricos em que a participação e mediação do professor historiador vem se mostrando primordial; primeiro, porque o processo é bastante enriquecedor, visto que possibilita uma formação em relação à escolha e análise de mídias e narrativas que serão exploradas; segundo, porque, da maneira como está sendo proposto aqui, podem ser transformados em locais planejados para fins educacionais, ou seja, organizados para troca de informações e aprendizado. Portanto os ganhos para o processo são inúmeros.

b) Definição dos objetivos

Proporcionar a inserção crítica do aluno no mundo hiperconectado, desenvolvendo habilidades capazes de realizar análise, investiga a fim de saber diferenciar através de pesquisa uma informação falsa;

Transformar os grupos de aprendizagem em canais de compartilhamento, esclarecimento e análise de ideias sobre os diversos assuntos envolvendo História;

Contribuir através de estudo sobre habilidades necessárias à análise crítica e comparativa dos discursos para a construção de uma consciência histórica atuante nos espaços virtuais;

Procedimentos:

Passo 1

Iniciamos com a criação de grupos de WhatsApp por turma, em que é muito importante a contribuição do professor no processo de administração. É uma sugestão muito válida e, dependendo da adesão, necessita da cooperação de todos os integrantes da comunidade escolar. O grupo criado serve para avisos importantes sobre a rotina, troca de mensagens, diálogos, sugestões e organização dos projetos pensados no calendário letivo como: feira cultural, organização de trabalhos, dia D da leitura, mostra literária, projeto sobre o dia da consciência negra, confraternização ao final do ano, enfim, os alunos devem se sentir mais abraçados, terão um vínculo, uma referência esclarecedora para expor sua opinião acerca de algum assunto veiculado na rede ou até mesmo verificar o posicionamento do professor e dos outros colegas. Este deve ser um espaço aberto aos mais diversos questionamentos. No entanto, é necessário que fique muito claro os objetivos e intenção para a criação do grupo.

Portanto, deve ser destinado um momento para conversa e esclarecimentos acerca das funções e definição de regras aos participantes de maneira democrática.

Passo 2

O grupo fica aberto às questões e dúvidas dos integrantes. Portanto, as ações posteriores dependem dos questionamentos que são elencados ou surgirem ao longo do processo. É importante que o professor crie uma logística de pesquisa para análise interpretativa, utilizando mecanismos teóricos e da própria internet acerca dos assuntos ou dúvidas do grupo, desenvolvendo em conjunto habilidades reflexivas indispensáveis ao processo investigativo.

Passo 3

A problematização como estratégia analítica das mídias, discursos e informações consiste em colocar em prática umas das principais habilidades que caracteriza o perfil dos historiadores, Ferrari (2022) desenvolve um artigo a partir da premissa apontada por um estagiário, que estabelece como princípio nas aulas de História o ato de perguntar. O autor destaca o fato de estarmos vivendo um contexto em que a opinião, no objetivo de estabelecer uma verdade própria, apresenta-se mais como um problema do que como ferramenta de estímulo no desenvolvimento dos debates:

O ensino de história não é o espaço da opinião, mas do debate histórico, o que não significa recusar e evitar as opiniões, mas, ao contrário disso, é dar lugar a elas para problematizá-las a partir do conhecimento histórico. A questão não é ter opinião, mas levar os alunos e alunas a colocarem sob suspeita as construções das opiniões, ou seja, como pensamos o que pensamos? As formas de pensar e agir, as opiniões, têm uma história, elas dizem de uma história do pensamento (FERRARI, 2022, p. 7).

O questionamento é um procedimento que caracteriza o entendimento da história como algo em constante construção, abrindo para a possibilidade de novos cenários (FERRARI, 2022). Portanto, este terceiro passo é um convite à adoção de uma prática que ultrapassa os limites da sala de aula, sendo um exercício para a vida. O questionamento é um procedimento indispensável no processo investigativo, capaz de levar à compreensão das representações e história de cada um como fator definidor de suas posturas.

Neste trabalho, estamos refletindo e apresentando logísticas sobre como estimular nos alunos um pensamento que possa avaliar as produções veiculadas nos espaços digitais a partir dos seus próprios posicionamentos, atitudes e comportamentos, em que a problematização não é o único caminho, porém é capaz de colaborar “[...] levando-os a

questionar como se tornaram o que são, como e por que pensam o que pensam, agem como agem, ou seja, colocar-se e entender-se como sujeitos históricos atravessados pelas construções do tempo histórico” (FERRARI, 2002, p. 11).

A problematização da forma como vem sendo discutida aqui parte da ideia de que os nossos discursos devem ser investigados a partir dos nossos comportamentos e sua relação com o contexto no qual estamos inseridos. Ou seja, a problematização estuda a constituição daquilo que somos através da nossa própria história. Esta é, portanto, uma etapa muito importante para o desenvolvimento de reflexões sobre as diversas questões apresentadas nos espaços virtuais. São elencadas as perguntas necessárias ao processo investigativo do objeto ou situação em estudo. No caso de uma publicação, deve-se verificar questões sobre quem a produziu, origem, contexto e objetivos supostamente depositados.

Passo 4

Avaliar em equipe as mudanças de percepção ao analisar um objeto utilizando um olhar delicado e habilidades investigativas.

2) Proposta 2 – Histoclic: o uso do *Google Classroom* como ambiente complementar ao processo de ensino-aprendizagem

a) Apresentação da proposta

Faz parte da proposta central a criação de uma sala de aula virtual, utilizando a ferramenta do *Google Classroom*. Essa é a plataforma essencial para que todos os recursos sejam organizados e disponibilizados aos alunos. Portanto, o primeiro passo é apresentar através de slides em powerpoint pontos que contemplem todos os conhecimentos necessários, desde a criação de um *e-mail* como também baixar o aplicativo, aceite do convite para participação e todas as possibilidades ofertadas pela ferramenta e pelo professor, bem como os objetivos de estar utilizando a plataforma para fins educacionais.

Esse formato permite uma organização maior em relação ao planejamento do professor, que pode separar seus recursos por série e assunto. Por exemplo, em uma turma de 8º ano certamente uma das pastas terá como nome *Revolução Francesa*, sobretudo porque esse é um tema presente na base curricular. Nesta pasta deverão ser adicionado *slides* com uma explicação resumida e organizada do assunto, vídeos com diferentes abordagens relacionadas ao contexto, inclusive alguns explicativos de autoria do próprio professor, caso este assim desejar, bem como links de atividades elaboradas. Ao longo do ano, à medida em

que o professor for realizando os seus planejamentos, o espaço pode ir aos poucos sendo organizado a fim de funcionar como um recurso auxiliar ao processo de ensino-aprendizagem.

A administração do espaço é muito prática, o que permite ao docente organizar mais de uma sala, já que é possível que ele ministre aulas em diferentes turmas. É interessante também que existam parcerias de áreas afins principalmente para troca de ideias e recursos.

O aluno poderá estudar o conteúdo disponibilizado com antecedência para que, ao explorar em sala, o momento seja melhor aproveitado. Depois como forma de revisar ou tirar dúvidas, e caso necessário, poderá também abrir um diálogo na própria plataforma, interagindo com os colegas e professores.

Vale ressaltar que não haverá um tempo limite de consulta e esse detalhe é interessante pela possibilidade de poder dar suporte ao aluno por tempo indeterminado ou, pelo menos, ao longo do ano letivo. Muitos não acompanham com assiduidade as aulas, os diálogos desenvolvidos e as atividades que são ministradas. Por esse motivo, estão sempre em busca de páginas e conteúdos que foram trabalhados. Esse é um meio também de tornar disponível e organizado todos os recursos utilizados para exploração dos assuntos. Viana (2023), em artigo sobre *O uso do Google Classroom como ferramenta tecnológica no ensino*, afirma que:

O *Google Classroom* facilita a comunicação entre professores e estudantes, promovendo o interesse na participação dos conteúdos e na criação de uma extensão da sala de aula em um ambiente virtual. Esse sistema de gerenciamento de conteúdo possui um conjunto de ferramentas gratuitas de comunicação, de armazenamento e de gestão, capazes de impactar positivamente a produtividade dos alunos [...] (VIANA, 2023, p. 3).

E, ainda no mesmo texto, destaca os pontos positivos da tecnologia em conjunto, a aprendizagem colaborativa entre alunos e professores como fatores capazes de potencializar a pesquisa, discussão e construção do conhecimento. A ferramenta sozinha não é capaz de nenhuma operação extraordinária; as ações e trocas entre os membros integrantes, sim. A capacidade mediadora do professor no sentido de planejar e proporcionar novas experiências agregando novos recursos pode contribuir de maneira bastante positiva ao processo de ensino-aprendizagem.

1) Definição dos objetivos

Utilizar o *Google Classroom* como ferramenta de apoio educacional e suporte para os diferentes assuntos transformando-o numa extensão ao fazer educativo;

Procedimentos:

Passo 1

Criação do ambiente, inserção dos endereços e envio do convite aos alunos.

Passo 2

Apresentação dos objetivos da proposta e das possibilidades de utilização e acesso pelo aluno.

Passo 3

Organização da página pelo professor. Na medida em que os conteúdos forem explorados semanalmente, serão adicionados com antecedência os recursos que serão utilizados nas aulas presenciais, no objetivo de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem antes e depois da aula, visto que ficarão disponíveis na plataforma.

Passo 4

Avaliar em equipe os impactos na aprendizagem dos estudantes após a adoção do *Classroom* como ferramenta complementar ao ensino.

2) Proposta 3 – Postar e aprender: o uso do Instagram como recurso no ensino de História

a) Apresentação da proposta

O *Instagram* atualmente é uma das redes sociais mais utilizadas. É também um espaço de interação muito forte em que informações são publicadas, analisadas e compartilhadas. Trata-se, portanto, uma ferramenta de aprendizado. Por não possuir um filtro ou habilidades capazes de averiguar com melhor precisão tudo que é publicizado, muitas das pessoas que acessam a plataforma acreditam fielmente nos conteúdos compartilhados. Acompanhar as postagens veiculadas no *Instagram* mostra-se necessário para o professor historiador. Essa também pode ser uma maneira de contribuir sobretudo com esclarecimentos acerca de assuntos relacionados a fatos históricos. Moraes (2018), em sua dissertação, apresenta uma pesquisa de análise sobre a qualidade das principais páginas de conteúdos históricos do Instagram, trazendo questões a serem levadas em consideração, como a falta de planejamento e intencionalidade pedagógica. Ao final, a autora apresenta um tutorial dividido em quatro etapas para implementação de um projeto utilizando a rede social na escola, visando à aplicabilidade do conceito de aprendizagem histórica digital:

Observamos que dessa forma as FanPages não funcionam como espaço de aprendizagem, nem são recursos didáticos em potencial. O que fazer então para sanar essa lacuna? Poderiam nossos estudantes criar novas páginas em conjunto com os professores? Que tipo de material poderia auxiliar os professores na construção de espaços online com conteúdo histórico e intencionalidade pedagógica? Estariam assim os professores incentivando a Aprendizagem Histórica Digital? Acreditamos que sim e por isso intencionamos com o nosso produto didático proporcionar aos professores um conhecimento geral dessa relação História-TDICs para além da mera inserção, mas considerando a criação de espaços dentro das redes sociais digitais utilizando-as com finalidade pedagógica (MORAES, 2018, p. 111).

Elencando os principais pontos considerados na pesquisa de Moraes (2018) para a criação de uma rede social com fins pedagógicos, irei destacar algumas questões cruciais a serem ponderadas. De início um bom planejamento capaz de definir as temáticas, que não obrigatoriamente, porém é interessante que tenham relação com a série/currículo “Por exemplo, se o currículo traz como conteúdo a escravidão no período colonial brasileiro o professor pode abordar temas como relações étnico-raciais, direitos humanos, gênero entre outros” (MORAES, 2018, p. 117).

Outro ponto bastante importante é sobre a criação do perfil e a sua alimentação. Essa é uma tarefa em que a orientação e intervenção sobre as narrativas que serão utilizadas é muito importante, visto que serão elaboradas pelos alunos sob a supervisão do professor “A ideia é que os estudantes reconheçam e se apropriem da metodologia da pesquisa histórica e em nosso caso, da História Digital” (MORAES, 2018, p. 119). Essa é uma etapa que envolve muito aprendizado, a mediação poderá definir o sucesso do trabalho. Por fim, e não menos importante, a avaliação como fator crucial para análise do uso do recurso em cada etapa, em que a autora aponta três aspectos principais que engloba: as metas e o cumprimento das mesmas, a participação dos alunos e a qualidade do desenvolvimento das narrativas.

b) Definição dos objetivos

Preparar o aluno através de conhecimento teórico e prático para uma maior compreensão em relação às mídias que são veiculadas diariamente, principalmente acerca da análise de sua veracidade;

Utilizar o *Instagram* para fomentar o interesse por assuntos relacionados à disciplina de História;

Procedimentos:

Passo 1

Criação do perfil com ajuda dos alunos, realização da escolha de um monitor para auxiliar na manutenção das postagens na página.

Passo 2

Seleção das temáticas e planejamento das ações; dividir a turma em pelo menos quatro equipes, cada uma ficará responsável pela elaboração do material que irá alimentar a página semanalmente.

Passo 3

Preparação do material que será publicado na página. Essa é uma etapa muito importante em que o professor irá auxiliar na pesquisa e análise de fontes utilizando a internet.

Passo 4

Avaliação contínua da interação dos alunos, do aprendizado e das práticas que envolvem seleção, produção de material e qualidade das narrativas elaboradas.

4) Proposta 4 - Uso do *Google* formulário para elaboração de atividade com característica gamificada no ensino de História sobre o tema: *Era Napoleônica*

a) Apresentação da proposta

Utilizar o formulário do *Google* para pesquisas, avaliações e revisões é, prático e dinâmico. Porém outra possibilidade é elaborar atividades com características gamificada, em que o aluno poderá aprender interagindo. No exemplo a seguir, o aluno irá personificar a figura histórica de Napoleão Bonaparte e irá tomar uma série de medidas no contexto denominado *Era Napoleônica*. Todos os itens lançados na atividade como opção fazem parte da conjuntura. Portanto o aluno, ao longo de toda a experiência, só terá aprendido.

b) Definição dos objetivos

Apresentar o conteúdo de maneira interativa;

Possibilitar através de ferramentas tecnológicas um aprendizado mais dinâmico e interativo;

Procedimentos:

Passo 1

Planejar e elaborar a atividade de acordo com os objetivos estabelecidos. É importante desenvolvê-la conforme o desenrolar dos acontecimentos e utilizar preferencialmente referências e imagens presentes no livro didático utilizado pelo aluno.

Passo 2

Apresentar previamente os objetivos da atividade, tanto em relação ao conteúdo quanto ao manuseio da ferramenta, para que o aluno compreenda que não existe pontuação a ser adquirida nem se trata de uma atividade cujo objetivo é ganhar algo; o único propósito é a aquisição de conhecimento. Após a explanação, disponibilizar o *link* da atividade no *Google Classroom* e sinalizar no *WhatsApp* para que os alunos tenham conhecimento e realizem o exercício.

Passo 3

Conversa inicial sobre as percepções dos alunos em relação à execução da tarefa. Organizar os recursos de multimídia para a realização da atividade em conjunto presencialmente em sala de aula. Apresentar novamente os objetivos da atividade gamificada. Realizar a atividade coletivamente explorando cada objetivo que foi pensado ao elaborar os questionamentos; exemplos: O que vocês acham que motivou o título da atividade General inverno? Quais os objetivos de Napoleão Bonaparte ao controlar as mídias para que fossem veiculados feitos do seu governo? Você acha que isso, ainda, é uma prática recorrente atualmente? Levantar, por exemplo, algumas questões do código civil napoleônico para então trabalhar o item que fala sobre o princípio de que a mulher deve ser submissa ao homem é reestabelecido.

E, caso a atividade caminhe de acordo com o desenrolar do conteúdo, todos os pontos acerca do assunto podem ser discutidos através da apresentação interativa com o link. Cada pergunta, respostas e *feedbacks* recebidos têm relação com o contexto e podem ser explanados, ampliados e discutidos a fim de que o aprendizado crítico e engajado com questões atuais aconteça. Nesta etapa do processo, a mediação é muito importante e decisiva para a discussão.

Passo 4

Momento de avaliação das ações. Solicitar que, ao final, os alunos expressem os conhecimentos adquiridos através da atividade. Para realização da avaliação, o aluno poderá dissertar relacionando a atividade gamificada com questões identificadas no livro didático.

Esse é um modelo capaz de proporcionar aprendizado on-line em que o aluno executa a tarefa individualmente, presencialmente em sala de aula através da mediação do professor e quantas vezes achar interessante rever.

5) Proposta 5 – Uso do Quizlet como ferramenta educativa no ensino de História para estudo sobre o tema: *Revolução Francesa*

a) Apresentação da proposta

Esse é um modelo de atividade que, no formato que foi elaborado e colocado nesta pesquisa, pode ser associado ao estudo de conceitos previamente, ou seja, antes de trabalhar o tema principal, ou poderá ser utilizado como ferramenta para revisão do assunto em momento posterior à exploração do conteúdo em sala de aula.

b) Definição dos objetivos

Possibilitar a antecipação e/ou continuação dos estudos sobre assuntos explorados ao longo do ano letivo através de ferramentas tecnológicas;

Procedimentos:

Passo 1

Selecionar os principais conceitos a serem explorados na elaboração da atividade, juntamente com algumas imagens. Nesta ferramenta, uma boa e única organização é necessária para que sejam disponibilizados os termos em diferentes formatos. Os termos utilizados foram: iluminismo, monarquia, absolutismo, revolução, burguesia, primeiro estado, segundo estado e terceiro estado. No decorrer da atividade, poderão ser adicionados outros conceitos conforme surgir necessidade, visto que a mesma organização pode ser editada quantas vezes for preciso.

Passo 2

Disponibilizar o link na pasta correlata ao seu tema – *Revolução Francesa*. Solicitar a execução e análise da atividade para uma discussão em momento posterior.

Passo 3

Em sala o professor poderá explorar os termos utilizados na elaboração da atividade como forma de obtenção de uma compreensão mais ampla do conteúdo por parte

dos alunos, elaborar um diagrama com as palavras em estudo e propor que os mesmos criem questionamentos sobre os conceitos estudados.

Passo 4

A avaliação poderá ser efetivada através da realização da atividade utilizando a própria ferramenta digital, visto que uma das propostas presentes no aplicativo consta como avaliar e lançar testes para que o aluno faça associações de termos e conceitos de maneira coerente.

6) Proposta 6 – Elaboração de material utilizando mídias digitais sobre o tema: Revolução Francesa

a) Apresentação da proposta

Trabalhar com a produção de mídias em sala de aula não é uma tarefa tão complexa como imaginamos, isso porque os nossos alunos possuem bastante habilidade no manuseio e conhecem os mais diversos aplicativos de elaboração e formatação audiovisual. Deve-se explorar a proposta de criação de diferentes mídias com foco na compreensão do processo de elaboração para que os alunos compreendam que, por trás da mídia pronta, existem objetivos, mensagens e principalmente a ideia de que o recurso comunica aquilo que o produtor tem a informar. Portanto é muito importante ter seriedade e realizar uma boa pesquisa seguida de análise investigativa ao preparar o material pretendido.

b) Definição dos objetivos

Desenvolver aprendizados sobre o processo de criação de mídias através de experiências práticas;

Compreender habilidades de pesquisa e análise investigativa de conhecimentos que são compartilhados na internet através de diferentes mídias digitais.

Procedimentos:

Passo 1

Apresentar aos alunos as principais ideias atreladas ao desenvolvimento da atividade. Em sala, dividir a turma em grupos de no máximo cinco alunos, utilizar o livro didático, apresentação audiovisual com auxílio de slides e vídeos para estudo do conteúdo e estimulá-los a pesquisa continuada como atividade extraclasse.

Passo 2

Solicitar que os alunos realizem um recorte temático acerca do contexto revolucionário francês (tema em estudo no bimestre) e a partir desse tema realizem uma pesquisa mais detalhada. Após a reunião de dados, os alunos irão estruturar uma narrativa e construir um roteiro para a produção do material que pode ser um vídeo, uma imagem, um cartaz etc. elaborado com a utilização de aplicativos com os quais eles tiverem mais domínio e afinidade.

Passo 3

Destinar um momento para apresentação dos trabalhos que foram elaborados.

Passo 4

A avaliação consiste em estabelecer um momento para socialização das informações sobre o aprendizado em relação ao processo de elaboração dos recursos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida nas primeiras páginas, em que dialogamos com outros autores no objetivo de delinear não um conceito encerrado de História Pública, mas para compreender melhor o campo que, dentre os seus múltiplos significados, se assemelha muito ao esforço que dedicamos para mediar uma discussão em sala de aula, principalmente quando buscamos meios no propósito de desenvolver uma compreensão melhor, tornando o conteúdo mais acessível ao aluno no momento da exploração, quando pensamos na produção de recursos a fim de conquistar atenção e o engajamento maior da turma:

Escrever história a partir dessa perspectiva significa escrever bem para envolver a audiência, escrever com o mesmo rigor mas sem o mesmo peso teórico, que só é pertinente para a comunicação entre os pares. Essa visão torna a HP muito próxima de que professores/as de História fazem na escola: colocar em diálogo diferentes saberes e conhecimentos históricos sem hierarquizá-los, mas respeitando o rigor advindo dos referenciais da disciplina, inseparáveis das finalidades políticas do ensino de História (PACIEVITCH, 2021, p. 116).

Ao longo do texto, discutem-se questões a fim de conectar história pública e ensino de História no objetivo de extrair o que há de melhor dessa aproximação e aproveitá-la no processo de construção do conhecimento histórico, contribuindo para a formação da consciência crítica. “A premissa é a de que os/as jovens que frequentam as aulas de História na Educação Básica constroem conhecimentos históricos que extrapolam as finalidades educativas e se relacionam com sua formação política, cívica e cidadã” (PACIEVITCH, 2021, p. 115). Portanto, o propósito é realizar uma interferência positiva nesse processo em que o conhecimento escapa por várias esferas numa circularidade instantânea, afetando as relações humanas.

A construção do conhecimento acontece a partir de diferentes relações. Na conjuntura atual, os jovens educandos recebem influência da família, das redes sociais, na escola onde são ministrados os componentes curriculares, entre tantos outros espaços. Não podemos considerá-los simples participantes porque também são atores e produtores de história quando entendemos que a internet hoje amplia essas participações. Portanto, podemos imaginar uma organização que envolve ensino de História, história pública e mediação através do uso de tecnologias digitais como uma grande teia que não se inicia na escola e muito menos se resume a ela. Auxiliar no desenvolvimento de habilidades de análise minuciosa mostrou-se como fator primordial ao longo da pesquisa, para uma atuação responsável na sociedade em que estamos inseridos.

Considero no decorrer da redação os estudantes como “público”, pois embora estejam em sala necessariamente para assistir aulas de todas as disciplinas são consumidores e produtores de conhecimento histórico nesses diversos espaços que interagem. No Instagram e *WhatsApp*, por exemplo, os jovens estão se tornando cada vez mais criadores de conteúdo digital, pois estão compartilhando diferentes ideias, falando sobre memórias, histórias, identidade, acontecimentos históricos, entre diversas outras questões.

Após diálogo com autores que estudam a História Pública, professores são considerados nesta pesquisa como historiadores públicos por articularem ideias, recursos e práticas em diversos formatos e espaços, seja na escola, universidade e até mesmo *on-line*, desenvolvendo assuntos que acabam por influenciar a opinião do outro. Essa articulação, mesmo que aconteça somente no interior do ambiente educativo em sala de aula, não é isolada e também não contempla somente os conteúdos presentes no currículo.

É muito comum realizarmos conexões com questões que atravessam a história escolar, relacionando os assuntos curriculares às experiências pessoais, acontecimentos do tempo presente, locais ou internacionais em que o objetivo é construir um conhecimento significativo junto ao estudante, auxiliando-o no desenvolvimento de habilidades compreensivas capazes de torná-lo um ser atuante e responsável em relação às diversas causas.

Defende-se ao longo da pesquisa a ideia de que os professores de História, através do ensino em conexão com a história pública e uso de ferramentas digitais, articulem mecanismos metodológicos capazes de desenvolverem um trabalho em diálogo com as novas mídias digitais em decorrência de sua influência nos mais diversos setores sociais, principalmente nas formas de divulgação do conhecimento histórico. Essas transformações que dinamizam tanto a produção quanto o acesso e que trazem uma variedade de possibilidades e aproximação com as fontes, assim como também na mesma proporção, uma abundância de informações. Conforme já foi discutido, desafia os historiadores a proporcionar uma orientação no desenvolvimento de habilidades capazes de uma leitura mais cuidadosa.

O progresso científico não é determinante para uma evolução pessoal interpretativa. Portanto o processo formativo na atualidade se encontra em estágio ainda mais desafiador pela complexidade dos acontecimentos que nos rodeiam. Mais um motivo para estarmos levando constantemente esses debates históricos publicizados pela mídia para a sala de aula, no sentido de promover uma análise compreensiva mais aprofundada das informações que são disseminadas.

O ensino de História, em conjunto com a História Pública, trabalha potenciais fundamentais, tanto no que diz respeito ao ensino como aprendizagem, sobretudo porque reconhece o aluno como contribuinte no processo. O *WhatsApp*, *Instagram* e produção de mídias podem contribuir levando os estudantes por um caminho transformador e emancipador tanto da sua própria leitura de mundo, ao se tornar um conhecedor do processo de elaboração das mídias, como em relação à qualidade das informações que são divulgadas, com materiais que dialoguem com a diversidade e que contribuam para uma formação cidadã e reflexões mais críticas sobre o passado e questões presentes.

O trabalho não só abordou as conexões entre o ensino de História e a História Pública, como propõe formas de estabelecer essa ponte através do uso e produção de recurso midiático. Por meio desta relação, é possível contemplar duas problemáticas: primeiro, a possibilidade das múltiplas metodologias capazes de melhorar a comunicação e mediação; segundo, e por meio da primeira, trabalhar no combate a inverdades, proporcionando um ensino comprometido com causas atuais.

Crestane (2020), em seu texto sobre *Ensino de História, história pública e as TDICS na construção do saber histórico*, também defende claramente a necessidade de ocupação desses novos espaços pelos professores de História no sentido de repensar o ensino para públicos mais amplos como ponto de partida capaz de combater a veiculação de inverdades e discursos negacionistas, no objetivo de gerar uma difusão consciente do saber.

Diante do cenário atual em que as redes sociais são canais de aprendizagem e propagação de informações, é interessante que os professores de História utilizem essas ferramentas no ensino como métodos complementares na escola e viabilizem a possibilidade de extensão para além, ou seja, para um público mais amplo, ofertando a sua contribuição à sociedade em relação aos debates desenvolvidos nas plataformas digitais, mostrando caminhos que possibilitem uma interpretação histórica coerente dos fatos, auxiliando dessa forma tanto o público escolar como as pessoas que irão acompanhar a página criada.

As considerações desta pesquisa podem integrar uma proposta de projeto educacional maior a ser adotado por toda a comunidade escolar em virtude das potencialidades de um ambiente virtual configurado por professores que possa subsidiar os alunos. Considera-se necessário dar continuidade a esta investigação no intuito de aprofundar-se sobre os desafios de ensinar História no século XXI, com uma abordagem de análise de narrativas, uso de tecnologias digitais, saberes e práticas, numa perspectiva que dialogue com professores e alunos do ensino fundamental II.

As inovações tecnológicas não se limitam a uma área em específico: “[...] a História se vê diante da necessidade de lidar com os impactos que as tecnologias, linguagens e mídias digitais causam na produção, no ensino e na divulgação do conhecimento histórico na contemporaneidade” (PRADO, 2021, p.4). Seria completamente impróprio enaltecer somente os fatores positivos e colaborativos das tecnologias digitais, porém mesmo os aspectos negativos podem ser utilizados como argumento forte para necessidade de reflexão sobre o assunto e principalmente de intervenção.

Mudanças aconteceram e, com as atuais alternativas proporcionadas pela internet, temos muito mais facilidade de acesso a recursos de trabalho como imagens, quadros, consulta a fontes, sites para pesquisa e ferramentas capazes de colaborar com o processo de ensino-aprendizagem, sendo importante a participação e mediação crítica dos historiadores em relação aos discursos, materiais elaborados e usos da história.

Inicialmente a pesquisa analisou o quanto as manifestações contemporâneas e todos os acontecimentos afetam a sociedade de modo geral. Por esse motivo se mostrou necessário o desenvolvimento de atividades que capacite professores e alunos a lidar com esse formato de difusão de conhecimentos e ideias. A escola mostrou-se como local ideal para o aproveitamento das contribuições ofertadas pelas ferramentas tecnológicas, tanto no que se refere à dinamização quanto para o processo de construção do conhecimento histórico.

Na continuidade, relatamos sobre a influência desses acontecimentos sobre as nossas práticas de ensino, quando em determinado contexto tivemos que nos reinventar para continuarmos a realização das nossas atividades a distância. Identificamos que adaptações e ajustes são fatores necessários para as relações no mundo em que vivemos, refletir sobre o uso de ferramentas, suas potencialidades, poder de influência, dentre outras questões, foram considerados saberes indispensáveis para proporcionamos um aprendizado crítico e dinâmico dentro do contexto atual.

Em diálogo com Caimi (2015), Ciampi (2007) e Freire (1967) a pesquisa mostrou que, através do nosso ofício, podemos apresentar caminhos capazes de melhorar a qualidade compreensiva dos nossos alunos, contribuindo através do ensino para a construção de uma orientação que capacite para a realização de diferentes conexões e resolução de situações problemas na sociedade em que vivemos.

Por meio da apresentação do relato de experiência, foi possível entender o quanto o meio tecnológico colaborou no auxílio às práticas de ensino. Nesse sentido, chegamos à conclusão de que dar continuidade à utilização em formato híbrido, configurando o *Google*

Sala de Aula com *links*, vídeos, imagens, *slides* explicativos dentre inúmeras outras alternativas, pode contribuir como apoio ao aprendizado dos nossos alunos.

Na quarta seção, o texto apresenta as potencialidades das tecnologias digitais para divulgação e explanação do conhecimento histórico por meio de uma boa articulação. Essa mediação, logística e uso de novos espaços pode ser compreendida como o fazer contemplado pelo historiador público, figura capaz de reconhecer que o aluno integrante da sociedade midiaticizada não é somente pertencente, mas atuante. Portanto, não existe uma relação vertical, e sim uma troca de conhecimentos, cultura e entendimentos.

Por fim, a pesquisa apresenta estratégias de inserção das mídias digitais, respondendo ao questionamento gerador e confirmando a hipótese da pesquisa. As ferramentas digitais podem adentrar ao espaço escolar em formato híbrido através do desenvolvimento de práticas de ensino que leve em consideração tudo que foi discutido ao longo do texto. Seja por meio da elaboração de atividades utilizando os diversos aplicativos, as redes sociais, seja selecionando materiais de modo a configurar um espaço em que o aluno tenha disponível um apoio, sempre com auxílio do professor, ou até mesmo desenvolvendo debates em sala de aula sobre questões atuais veiculadas pela mídia. A proposta consegue combinar tecnologia e outros recursos, pensando no uso tanto no ambiente escolar, mais precisamente no laboratório de inovação, quanto domiciliar, por meio de espaço virtual organizado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. O. (Org). **Introdução a história pública.** São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. O.; **Introdução a história pública.** São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. **História comparada.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BARROS, José D'Assunção. **História digital:** a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- BARROS, José D'Assunção. **História, espaço, geografia:** diálogos interdisciplinares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BARROS, José D'Assunção. **O tempo dos historiadores.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BAUMAN, Zigmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno.** [Tradução de Vera Pereira]. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamento e métodos. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Método de ensino. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. (Orgs). **Dicionário de ensino de história.** Rio de Janeiro, FGV, 2019.
- BOVO, Claudia Regina; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. História Pública e virtualidade: Experiências de aprendizagem híbrida no ensino de história. **Revista História hoje**, São Paulo, v.8, n.16, p.113-134, 2010.
- BURKE, Peter. **A Escrita da história:** novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de História? **História e Ensino.** Londrina, v.21, n.2, p.105-124, jul./dez. 2015.
- CIAMPI, Helenice. Os desafios da história local. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Sousa (Org). **Ensino de história:** sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. [Tradução de Maria Manuela Galhardo]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Ensino de história e historiografia escolar digital**. Curitiba: CRV, 2021.

CRESTANE, Leandro de Araújo. Ensino de história, história pública e as TDIC's na construção do saber histórico. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA E MÍDIAS: NARRATIVAS EM DISPUTA*, 13. 2020. Pernambuco. **Anais [...]**. Pernambuco: ANPUH, 2020.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuine. **A sala de aula inovadora estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

FERRARI, Anderson. “[...] História é aula de pergunta”: a problematização no ensino de história. **Revista do programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre, v.29, p.1-16, 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarda Maria Dias de; **Dicionário de ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**: experiências, reflexões e aprendizados. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados das monarquia católica a outras connected histories. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, p.175-195, 2001.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presenteísmo e experiências no tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HERMETO, M.; FERREIRA, R. A.; **História pública e ensino de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KARNAL, L.(Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Revista Educar**, Curitiba, n.esp. p.131-150, 2006.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública. *In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. O. (Org.). Introdução a história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LIMA, Marta. Aprendizagem. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. (Orgs.). Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

LUCCHESI, Anita; MAYNARD, Dilton C. S.; Novas tecnologias. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. (Orgs.). Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro Telles. O laboratório da história pública digital: Aprender entre experimento e negociação. In: HERMETO, M.; FERREIRA, R. A. (Org.). **História pública e ensino de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

MALERBA, Jurandir. *Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital*. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.37, n.74, 2017, p. 135-154, 2017.

MARRERA, Fernando Milani; SOUZA, Uirys Alves de; A tipologia da consciência histórica em Rüsen; **Revista Latino-Americana de História**, Anpuh-RS, v.2, n.6, p.1069-1078, 2013.

MARTINS, Estevão de Resende. Consciência histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. (Orgs.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de história**: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro. Mauad X, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Sousa (Org.). **Ensino de História**: Sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad x: FAPERJ, 2007.

MORAES, Daniele Martins de Meneses. **Ensinar e aprender história nas redes sociais online**: possibilidades e desafios para o espaço escolar. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

NUNES, José da Silva. **Leitura híbrida**: propostas de práticas sociais de letramento digital. São Paulo: Artesanato educacional, 2018.

PACIEVITCH, Caroline. Ensino de História: narrativas que percorrem a escola e o público. In: HERMETO, Mirian; FERREIRA, Rodrigo de Almeida. (Orgs.). **História pública e ensino de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

PALLOFF, Rena M; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PINSKY, J; PINSKY, B. C. Por uma História Prazerosa e Consequente. In: KARNAL, L. (Org). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007.

PIRES, Thiago de A. L. C.; DEBOM, Paulo. A antiguidade e o ensino de história nas redes sociais: uma experiência de história pública digital. **Varedas da História**, [S.l.], v.15, n.1, p.237-259, jun. 2022.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.13, n.34, p.e0201, set./dez. 2021.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RAMOS, E. C. M. O que é a ciência do espaço em Lefebvre? Desdobrando sua genealogia espacial. **Geousp**. São Paulo, v.25, n.2, p.e-181965, p.1-18, 2021.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 2010.

SANTOS, Fabrício Lyrio; FILHO, Sérgio Armando Diniz Guerra (Org). **Ensinar História no século XXI: dilemas e perspectivas**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Sousa (Org.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

SCHIEHL, Edson Pedro; GASPARINI, Isabela. Contribuições do Google Sala de Aulas para o ensino híbrido. *Novas Tecnologias na educação*. **CINTED-UFRGS**, [S.l.], v.14, n.2, dez. 2016.

SILVA, Cristiane Baretta da. Conhecimento Histórico Escolar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. (Orgs.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, I. O. . *Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. **Revista Brasileira de Comunicação Artes e Educação**, Brasília, DF, v.1, n.2, p.5-75, 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TORRES, Maria Nahir Batista Ferreira. Aprender e ensinar história: o que nos contam os professores. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 22. 2015. Curitiba, PR. **Anais [...]**. Curitiba, PR: EDUCERE, 2015.

VIANA, Andreza Farias. O uso do Google *Classroom* como ferramenta tecnológica no ensino **Revista Conexão Comciência**, [S.l.], n.2, v.3, 2023.

ZABALA, Antôni. **A prática educativa: como ensinar**. [Tradução de Ernani F. da F. Rosa]. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. O. (Org). **Introdução a história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ZANCHETTA, Jr Juvenal. **Como usar a internet na sala de *aula***. São Paulo: Contexto, 2021.